

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE BIBLIOTECONOMIA E  
DOCUMENTAÇÃO

*ESTAÇÃO MEMÓRIA: lembrar como projeto*  
–contribuição ao estudo da *mediação cultural*–

Candidata: Ivete Pieruccini Faria

Orientador: Prof. Dr. Edmir Perrotti

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-  
Graduação em Ciência, área de concentração  
Ciência da Informação e Documentação da  
ECA/USP, como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre.

São Paulo  
1999

*ESTAÇÃO MEMÓRIA: lembrar como projeto*  
*–contribuição ao estudo da mediação cultural–*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Ciência da Informação e Documentação, da Escola de  
Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, como  
requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Membros da Comissão Julgadora:

Orientador: \_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Edmir Perrotti

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

São Paulo, 22 de março de 1999.

*“Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes”.*

W. Benjamin

À memória de meus pais  
Perseverança e trabalho

A meus filhos,  
Frederico, Flavia e Franco  
Alento e luz em muitos momentos

A João Flavio  
Compreensão

Ao meu Orientador,  
Prof. Dr. Edmir Perrotti,  
Mestre,  
amigo querido,  
com quem aprendo a *escutar e dizer*.

Aos velhos e velhas  
pelos testemunhos  
–sua experiência–  
matéria-prima do meu sonho

## Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Edmir Perrotti, que, generosamente, me ofereceu o projeto *Estação Memória*.

À minha família, que compreendeu a importância deste trabalho na minha vida.

A todo o grupo do PROESI, professores, bolsistas, colaboradores, em especial a Maiah Pinsard Vianna -querida Maiah-, que tanto vem fazendo pela *Estação Memória* e a Antonia Verdini e Linice Jorge, desde o início acompanhando o projeto.

Ao grupo da Biblioteca "Álvaro Guerra", pelas gentilezas e afetos.

Ao Ricardo Rufino, do CBD/ECA/USP, pelo apoio técnico.

Meus agradecimentos, enfim, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a concretização deste trabalho. A *Estação Memória*, onde o meu sonho vem se realizando, é resultado da dedicação e empenho de muitos.



# Sumário

RESUMO  
ABSTRACT

## PARTE I

INTRODUÇÃO.....	1
OBJETIVO.....	5
METODOLOGIA.....	6

## PARTE II

ENTRE A CRISE E A BUSCA: problemática e justificativa da pesquisa.....	9
---	---

## PARTE III

Capítulo 1 - RITOS DE PASSAGEM.....	34
Capítulo 2 – O QUADRO TEÓRICO.....	41
“A luta pela <i>experiência</i> ”.....	41
<i>Mediação</i> : perspectivas de um conceito.....	64

## PARTE IV

<i>ESTAÇÃO MEMÓRIA</i> : novos saberes, novas <i>mediações</i> .....	69
Capítulo 1 – TRATAMENTO DAS MEMÓRIAS.....	71
Os artigos de jornal.....	72
Transcrições.....	84
Base de dados.....	86
Produtos informacionais.....	99
• “Exposição de memórias”.....	102
• Catálogo ilustrado .....	110
• Álbuns eletrônicos.....	113

Capítulo 2 – CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO.....	117
A sala.....	119
O mobiliário.....	128
Capítulo 3 - PRÁTICAS CULTURAIS NA ESTAÇÃO MEMÓRIA.....	140
Inauguração da <i>Estação Memória</i> .....	140
<i>Estação Memória</i> , apropriação e <i>mediação</i> cultural interativa.....	150
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	170
BIBLIOGRAFIA.....	173
ANEXO 1 – Publicação em revista francesa	
ANEXOS 2 – Fichas de entrevista	
ANEXO 3 – Planilha da base de dados	
ANEXOS 4 – Páginas do catálogo ilustrado	
ANEXO 5 – Planta baixa da Biblioteca “Álvaro Guerra”	
ANEXOS 6 – Depoimentos de idosos sobre a <i>Estação Memória</i>	
ANEXOS 7 – Cartas das crianças aos velhos	
ANEXOS 8 - Cartas dos velhos às crianças	



## RESUMO

Este trabalho apresenta referências metodológicas iniciais para o estudo e desenvolvimento de novos procedimentos de *mediação cultural*, baseados numa concepção dinâmica de memória e do uso *experiência* (Benjamin). A partir da documentação de determinados aspectos da criação e implantação da *Estação Memória*, novo serviço de informação e cultura para crianças e jovens, apresenta os resultados de um trabalho que reuniu teoria e prática, universidade-serviço, apontando para a importância da construção de um novo saber profissional e de um novo mediador para os serviços culturais, formado por princípios da práxis criativa.

**Palavras-chave:** *mediação cultural*; memória; *experiência*; *Estação Memória*; serviços de informação educativos; infância; biblioteca.

## ABSTRACT

This survey presents initial methodological references for the study and development of new procedures of cultural mediation, constituted from a dynamic concept of memory and the use of *experience* (Benjamin). Based on certain aspects of the creation and implementation of the *Estação Memória* (Station Memory), new information and culture service for children and adolescents, presents the result of work that brings together theory and practice, University – Service, pointing to the necessity of formulating new professional knowledge and a new mediator for cultural services, formed from the principles of creative *praxis*.

**Key-words:** Cultural *mediation*; memory, *experience*; Station Memory, educational information services, Childhood; Library

# PARTE I

## Introdução

O sonho de desenvolvimento de um trabalho significativo no campo da biblioteconomia, que respondesse aos meus interesses de realização profissional e pessoal, foi sendo adiado, durante vários anos, por uma série de razões: questões de natureza político-administrativas encontradas no Departamento de Bibliotecas Infanto-juvenis de São Paulo<sup>1</sup>, quando lá ingressei como bibliotecária, em 1977; o estigma bibliotecária profissão-feminina e tudo o quanto isso representa à realização da mulher no espaço público; as opções pessoais, as pressões econômicas, que às vezes nos levam a aceitar condições pouco satisfatórias, entre outras.

O Departamento, consolidado por princípios de hierarquização, burocratização e conservadorismo, a acomodação da maioria dos profissionais da biblioteca, na sua grande parte submetidos tanto a condições concretas adversas quanto aos clichês que os estigmas profissionais sempre promovem, foram contundentes no processo que veio fomentando em mim uma insatisfação crescente, apenas disfarçada, em alguns períodos, por perspectivas de mudança no panorama institucional e por três maternidades nos espaço de sete anos.

Se o quadro geral não era favorável a meus projetos, não impiedu que eu me lançasse na busca de respostas às questões acerca do

---

<sup>1</sup> O Departamento de BIJ, ligado à Secretaria Municipal de Cultura, é organismo a que as bibliotecas infanto-juvenis, dos diferentes bairros da cidade, estão subordinadas.

cotidiano de trabalho que permaneciam pulsando, impulsionando-me à procura de vivências e experiências no intuito de encontrar caminhos para uma atuação profissional não-opaca.

Entre avanços e recuos voluntários e circunstanciais, engajei-me, em diferentes oportunidades, em trabalhos diversificados, relatados nesta desta dissertação. Nesse processo, após anos de buscas e de um saldo que ainda me deixava insatisfeita, voltei ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA/USP, onde me formara em 1973 e onde realizara um Curso de Especialização, entre 1987-88, para integrar-me a um grupo de pesquisa, coordenado pelo Prof. Dr. Edmir Perrotti, que desenvolvia o trabalho de construção de um novo serviço de informação para crianças e jovens: a *Estação Memória*<sup>2</sup>.

Tratava-se de iniciativa que, partindo da crítica à crise dos mecanismos de transmissão de cultura espontâneos em nosso país, sobretudo nos grandes centros urbanos, propunha a criação de um novo e original espaço de informação e cultura, constituído a partir de registros da memória de idosos, desenvolvendo, ao mesmo tempo, formas especiais que visam sua (re)elaboração e (re)inserção em contextos educativos.

A experiência de trabalho conjunto com o Prof. Dr. Edmir Perrotti, vivida no Departamento de Bibliotecas Infanto-juvenis anteriormente e as perspectivas dos trabalhos em curso, levaram-me à convicção de que estava ali, no projeto *Estação Memória*, a possibilidade de realização de um sonho que insistia em escapar das minhas mãos ao longo dos anos. Desse modo, tratei de engajar-me no trabalho, buscando pontes para o contato entre o Departamento de BIJ e a Universidade (CBD/ECA/USP).

---

<sup>2</sup> O projeto *Estação Memória*, naquela época, em 1993, denominava-se *Arquivo cultural para crianças e jovens*.

A convergência de interesses entre as instituições resultou na implantação da *Estação Memória*, na Biblioteca Infanto-Juvenil de Pinheiros, processo que este trabalho documentará em alguns de seus aspectos, tendo em vista os objetivos de construção de referências teórico-metodológicas sobre a *mediação* de informação e cultura em espaços especializados, destinados a crianças e jovens, como as bibliotecas.

A experiência vivida nessa construção causaram-me profundas transformações, permitindo a expressão de concepções de mundo e de vida, represadas durante anos. A relação com a universidade facilitou romper o circuito estreito da hierarquização, da burocratização e do conservadorismo. As novas representações da profissão nos últimos anos abalaram clichês e estereótipos profissionais: a condição pessoal e feminina alterou-se nessas duas décadas. Por fim, o meu próprio amadurecimento pessoal permitiu enfrentar riscos e limites que não estava pronta para enfrentar ao iniciar minha carreira profissional.

Se o meu sonho se realizará por completo, talvez só o tempo poderá responder, já que não se trata de uma questão de caráter exclusivamente subjetivo. De minha parte sei, com certeza, que a *Estação Memória* está apenas em seu começo e tem um imenso percurso a trilhar. Todavia, posso afirmar que vejo aí, sem nenhuma dúvida, um caminho novo e renovador, que me faz voltar a acreditar que os sonhos juvenis continuam valendo a pena e devem ser buscados. Em alguns casos, temperados pela maturidade, poderão produzir renovações irreversíveis.

Nesse sentido, talvez, a sabedoria esteja em saber administrar os conflitos que se interpõem entre as convulsões juvenis e a chegada da maturidade. Paulo Freire falava da “paciência-impaciente”. Talvez,

seja essa a primeira referência para o *mediador* no trabalho cultural com crianças, jovens e adultos na *Estação Memória*: o saber dos anos; o *mediador* ali, como elo de união entre dois pólos temporais: ardor e sensatez.



## Objetivo

Dentro desse quadro, o objetivo principal deste trabalho é refletir sobre processos de *mediação cultural* em dimensões varia tendo em vista a construção de referências teórico-metodológicas necessárias ao desenvolvimento da *Estação Memória*, por meio do relato de experiências profissionais, como bibliotecária, no Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis , da Prefeitura de São Paulo, bem como pela documentação dos processos da constituição e implantação da *Estação* na Biblioteca Infanto-Juvenil “Álvaro Guerra”<sup>3</sup>, no bairro de Pinheiros.

## Metodologia

*“A cidade deveria ser (...) o fórum no qual se torna significativo unir-se a outras pessoas, sem a compulsão de conhecê-las enquanto pessoas.”*

*R. Sennet*

Este trabalho utiliza procedimentos de pesquisa participante, no sentido de que o pesquisador atua diretamente na construção do conhecimento, sendo, ao mesmo tempo, observador e agente das ações desenvolvidas. O PROESI, Programa Serviços de Informação em Educação, do CBD/ECA/USP, em cujos quadros esta pesquisa

---

<sup>3</sup> A BIJ “Álvaro Guerra” é uma das 37 unidades que compõem a rede de bibliotecas infanto-juvenis da cidade de São Paulo, mantida pela Secretaria de Cultura do Município, localizada à Av. Pedroso de Moraes, 1919.

foi realizada, vem desenvolvendo metodologia que, apesar de negar aspectos redutores da pesquisa-ação, em especial os que subordinam a construção do conhecimento a circunstâncias imediatistas, busca intervir nas realidades histórico-culturais, enquanto forma de criação de conhecimento. Desse modo, foi participando do grupo que criou a *Estação Memória* que este trabalho foi realizado. Foi da ação direta no terreno que o conhecimento foi-se constituindo.

Tal opção metodológica não é arbitrária. Se é adequada aos objetivos buscados pelo PROESI, no nosso caso específico, está ligada à natureza do próprio objeto. A *mediação* de informação e cultura é um conceito e uma prática. Não é apenas operação intelectual, que pode ser compreendida a partir do jogo de relações abstratas, mas um “ato” (Freire), práxis que, vivenciada, poderá ser melhor apreendida nas suas nuances e múltiplas dimensões.

Neste sentido, esta dissertação é o relato de uma prática, ao mesmo tempo que operacionalização e avaliação de conceitos e procedimentos necessários em serviços de informação e cultura para crianças.

Desse modo, à medida que o relato for documentando os processos, irá realizando a elaboração teórico-metodológica a que se propõe. Sua organização terá em vista o objetivo de reflexão sobre o conceito de *mediação*, ao mesmo tempo que cuidará de documentar, da melhor forma possível, etapas de constituição da *Estação Memória*. Dada a natureza do objeto, o relato utilizará, prioritariamente, a linguagem escrita, valendo-se, contudo, de imagens fotográficas para complementá-las.

Por outro lado, ao eleger o conceito de *experiência* (W. Benjamin) enquanto categoria teórica que, articulada à de *memória* e *mediação*

norteia este trabalho, é preciso dizer que o mesmo foi incorporado à dissertação, também em sua dimensão epistemológica. Assim, a construção teórica pretende nascer de relatos de vida profissional, acadêmica e pessoal, cuidando-se para que não extrapolem o objetivo buscado: servirem de base à construção e sistematização de referências indispensáveis à mudança dos paradigmas vigentes ainda nos nossos serviços culturais. Desse modo, se a memória profissional serviu como matéria de trabalho, não se pode deixar de considerar que o objetivo de elaboração dos conhecimentos levaram-nos a evitar “as tiranias da intimidade” de que fala Sennet. Se reconhecemos que a *mediação cultural* envolve e se enriquece quase sempre com conteúdos da esfera particular, reconhecemos também que sua visada é o “homem público” (Sennet) em sua relação com a pólis. Nesse sentido, pudemos incorporar ao trabalho o próprio método que a *Estação Memória* utiliza, ou seja, a reunião de histórias de vida, com o objetivo de extrair e oferecer a *experiência* de que são portadoras, como ponto de partida à formação de novas gerações. Assim, esta foi tomada neste trabalho como forma e conteúdo, método e matéria.

A dissertação está estruturada da seguinte forma:

PARTE I:

**Introdução**, contendo a descrição sumária da trajetória pessoal entre a insatisfação profissional e o engajamento no grupo de pesquisa do PROESI para a criação da *Estação Memória*

**Objetivos**

**Metodologia**

PARTE II

**Entre a crise e a busca: problemática e justificativa da pesquisa.**

Relato das experiências profissionais como bibliotecária, até 1993.

### PARTE III

Capítulo 1 – **Ritos de passagem.** Do processo de inserção no PROESI ao início do trabalho de investigação;

Capítulo 2 – **O quadro teórico:** *memória, experiência e mediação*

### PARTE IV

Capítulo 1 – **Estação Memória: novos saberes, novas mediações.**

Processo de construção e implantação do novo serviço de informação e cultura

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

### BIBLIOGRAFIA

## **PARTE II**

### **Entre a crise e a busca: problemática e justificativa da pesquisa**

Tomei consciência da importância do mediador de cultura e informação quando trabalhava no Serviço de Referência, na Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes, em meados da década de 70. Em contato com os alunos de graduação que acabavam de entrar para a vida universitária, conheci alguns aspectos da complicada problemática das relações com a informação, que me chamaram a atenção. Não se tratava apenas da dificuldade em conhecer os códigos de acesso à informação, mas sobretudo de penetrar num outro universo que exigia mais do que indicar a localização dos documentos. Em consequência, comecei como deveria ser trabalhar com crianças de população distinta da que eu estava habituada, faixas pouco iniciadas no universo da cultura impressa.

Recém-formada na ECA/USP, imbuída de sonhos de realização profissional, depois de um concurso público para bibliotecários, em 1977, ingressei na rede de bibliotecas públicas infanto-juvenis da cidade de São Paulo. Até então, havia feito estágio no arquivo de uma entidade que atuava na área de formação profissional; trabalhara num centro de documentação em ciência e tecnologia e nos três anos anteriores em biblioteca universitária.

Optei por biblioteca infantil sem nunca ter entrado em qualquer uma

delas. De biblioteca pública só conhecia a Mário de Andrade, no centro de São Paulo, como freqüentadora desde os 13 anos de idade, e as descritas nos manuais utilizados durante o curso de graduação.

Consegui elaborar algumas imagens de biblioteca infantil, a partir de comentários que os candidatos que se preparavam para o concurso público faziam quando vinham estudar na biblioteca da ECA. Porém, durante o processo de escolha de vaga, comecei a ter dimensão efetiva da instituição e do que poderia ser para mim a nova casa.

O primeiro encontro com a Diretora do Departamento já anunciou a “tempestade” que só mais tarde eu viria a compreender. Ela, sem nenhuma consulta ou tentativa de diálogo, foi-me intimando a aceitar um posto numa biblioteca totalmente fora do meu circuito de interesse, apesar da minha boa performance no concurso de ingresso. Só com algum esforço, consegui fazê-la concordar que eu fosse para uma das bibliotecas que me interessavam dentre as 26 existentes na cidade.

Na biblioteca, a chefe designou-me para trabalhar na Sala de Pesquisa, atendendo crianças e jovens –estudantes de primeiro grau- que usavam o espaço como biblioteca escolar. Paralelamente, eu desenvolveria trabalhos técnicos, organizando os catálogos e arquivos de recortes de jornais, paralisados havia muito tempo, por falta de pessoal especializado. A rotina da biblioteca começava cedo, às sete e trinta da manhã. Eu a seguia diariamente sem suspeitar o quanto essa repetição, monocórdica e sem perspectivas, repercutiria em mim...

A limpeza, especialmente do saguão da Biblioteca e da Sala de Pesquisa, era feita durante o horário de atendimento ao público. O chão de tacos de madeira, depois de varrido e limpo, ganhava brilho

de uma enceradeira passada todos os dias. O ronco do motor do aparelho “tornava lógico” que a faxineira pusesse o volume do seu rádio de pilhas alto o suficiente para não perder as previsões do horóscopo matutino. Eficiente e concentrada, ela costumava explicitar sua raiva contra os freqüentadores que chegavam nas primeiras horas de abertura da biblioteca, atrapalhando seu serviço...

Na Portaria, ficava um senhor já de alguma idade, que após o expediente era o jardineiro de toda a vizinhança. Solidário com os esforços da faxineira, concordava com ela: as crianças sujavam o ambiente, atrapalhavam na biblioteca...

A Sala de Pesquisa tinha predominantemente móveis escuros. Várias escrivaninhas para os funcionários, fichários de madeira e estantes de aço acinzentadas em volta das paredes. Tinha aspecto solene em relação às demais, também pelo silêncio que se exigia dos freqüentadores. O trabalho ali na sala era visto como simples e “chato”. Bastava saber usar os recursos -a boa memória- para encontrar o livro com a informação solicitada. Como as pesquisas se repetiam freqüentemente, era muito comum e fácil “marcar” os livros adequados ou contar com a “dica” dos colegas da sala que já haviam feito as descobertas. Os catálogos eram muito pouco utilizados e as crianças quase nunca iam às estantes escolher os próprios livros.

A funcionária do período da manhã -“a tia que dava as pesquisas”- era uma professora readaptada, bastante interessada em encontrar os assuntos solicitados e em entregar os livros já abertos na página certa às crianças que ficavam aguardando nas mesas. Enquanto faziam suas “cópias”, ela voltava para a escrivaninha, retomando o ponto do tricô, interrompido no momento da solicitação.

A Sala Circulante era pequena para a quantidade de livros existentes. As poucas estantes estavam abarrotadas e quase sem

espaço entre uma e outra, formando corredores estreitos que dificultavam o contato e o manuseio das obras, especialmente nas prateleiras de baixo. Funcionava durante algumas horas por dia, no período da tarde. Era difícil encontrar o que se desejava, porque além do espaço apertado e dos catálogos desatualizados, o controle dos livros emprestados era feito pela data de devolução para facilitar a cobrança dos atrasos, de modo que não se sabia, ao certo, se o livro existia ou não, ou se apenas não estava disponível no momento.

Na Sala de Leitura, os livros de literatura infantil e juvenil eram para uso na própria biblioteca. O trabalho da sala não era bem definido e ficava a critério do funcionário criar estratégias para atrair e garantir a permanência das crianças. Sempre que a funcionária tinha algumas habilidades, animava o espaço com atividades de hora do conto, dramatizações, teatrinho de fantoches, para os pequenos grupos de crianças que ainda iam à biblioteca espontaneamente. As regras para o desenvolvimento do trabalho na sala eram pessoais e, talvez por isso, na escala de preferência dos funcionários, se possível optar, era em geral a última a ser escolhida. Até uma determinada época, as práticas desenvolvidas na Sala de Leitura estavam vinculadas às da Sala de Artes e Jogos (ainda presenciei resquícios da exigência de leitura por determinado tempo, como pré-requisito à participação nas brincadeiras e nos ateliês). Aos poucos, tal submissão foi sendo trocada pela integração de práticas, como leitura/desenho, hora-do-conto/dramatização, dentro de um processo de transformação e exclusão de determinadas atividades culturais, realizadas pelas bibliotecas do Departamento.

A Sala de Artes e Jogos tinha mesas e cadeiras amarelas, próprias para crianças pequenas, mesas-tabuleiros de xadrez e armários em madeira escura com portas de correr com vidro, onde se guardavam os pincéis, as tintas, a argila, os quebra-cabeças, pega-varetas, dominó, baralhos. Havia também um pequeno aparelho de som,

“trancafiado” num móvel de fórmica marrom imitando imbuia, usado nas atividades. Os discos, de diferentes gêneros musicais e de histórias infantis, ficavam guardados na Sala da Chefia e eram utilizados somente em momentos especiais. O trabalho na sala apresentava inúmeras dificuldades. Porém, as crianças encarregavam-se de estabelecer as formas de uso dos materiais e até brigavam com os funcionários para conseguir usar o espaço, ao contrário do que ocorria na Sala de Leitura, onde apenas poucos entravam espontaneamente.

A partir do meio dia e meia, entrava uma turma de funcionários, um grupo mais antigo, alguns remanejados de outros locais pelos mais diversos problemas e dificuldades. Por exemplo, continuar trabalhando no período da tarde, como era hábito nas antigas repartições públicas. Até o momento da minha chegada, no período da manhã só funcionava a Sala de Pesquisa para atender aos alunos que estudavam no período da tarde. Não fazia parte da cultura da biblioteca abrir todos os serviços em horários compatíveis com as necessidades do público. Os horários gerais do funcionalismo público se impunham.

Os dois grupos tinham meia hora de trabalho conjunto, mas as conversas não avançavam além das formalidades do dia-a-dia. Os assuntos de trabalho, em geral, giravam em torno do comportamento de algumas crianças consideradas rebeldes e desajustadas porque subvertiam a ordem da biblioteca.

As divisões no espaço interno eram também as divisões do grupo e do trabalho. As salas -ilhas dentro do território chamado biblioteca- atuavam isoladamente, atendendo as solicitações imediatas e as ordens gerais vindas de cima. Num determinado momento éramos convocados para “participar” de um projeto com as escolas, com grupos da comunidade, depois para receber escritores...Do mesmo

modo que apareciam, só raramente mantinham-se por algum tempo; de repente, terminavam.

No final de cada mês, eram encaminhados os relatórios de trabalho da biblioteca e a programação de atividades. Juntos, constituíam os instrumentos de ligação entre a biblioteca e as instâncias de direção do Departamento. O relatório era encaminhado a uma das Supervisões de Bibliotecas do Departamento que analisava os índices numéricos de atendimento ao público em cada uma das Salas—Portaria, Pesquisa, Circulante, Leitura, Artes e Jogos. As variações de público para menor significavam severas recomendações à chefia da biblioteca, considerada pessoalmente responsável pela diminuição das cifras em cada unidade.

Todos os meses era realizado um encontro entre as supervisoras e as bibliotecárias-chefes em uma biblioteca. O grupo da unidade em foco (em especial sua encarregada) ficava exposto às demais colegas que aproveitavam para apreciar a organização do espaço. As reuniões de chefia tratavam, em geral, de reforçar as orientações administrativas, mantendo as recomendações de cuidado quanto à frequência, limpeza e ordem da biblioteca. Não se faziam discussões sobre conteúdos ou concepções que orientassem ou abrissem espaço para avançar em outras direções, que não fossem as já conhecidas. O clima nessas ocasiões era muito pesado, quase insuportável, porque reforçava sempre as mesmas regras, transformando as visitas em momento de averiguação das normas estabelecidas.

Terminado o ritual, passava-se à “festinha” preparada pela biblioteca visitada e que funcionava como uma espécie de reconciliação entre as partes, depois das costumeiras recomendações e advertências para a manutenção da ordem e bom funcionamento da biblioteca.

A outra forma de controle do movimento da biblioteca era a “programação de atividades” que informava antecipadamente ao Departamento as ações previstas para atrair público, as “iscas”, como se costumava dizer. Era uma enorme lista de atividades “artísticas”, organizada dia-por-dia, a partir de diferentes temas. A sistemática de produção do programa mensal era sempre a mesma, partindo da sugestão de datas extraídas de um calendário de eventos (de datas cívicas, religiosas e folclóricas), a partir dos quais inventavam-se sessões de desenho, modelagem, pintura, atividades teatrais, literárias, que deveriam ser oferecidas para entreter as crianças e jovens e estimulá-las ao “hábito da leitura”.

Às vezes, produzia-se um evento de maior monta, ocasião em que as baixas freqüências ganhavam algum fôlego e a direção central arrefecia seus ímpetos de fazer a devassa contra a chefe e seus funcionários. Nessas ocasiões, tudo funcionava em torno da obtenção de condições de infra-estrutura e da garantia de públicos que atingissem índices numericamente desejáveis. O significado cultural das propostas não contava. Prevalecia somente o interesse pelo retorno numérico que poderiam oferecer.

Nessa época, as poucas e corajosas iniciativas, que tentavam compreender o sentido das práticas, eram consideradas ato de insubordinação, sujeitos a reprimendas; algumas reuniões e encontros para discutir aspectos do trabalho que começavam a acontecer esporádica e não-oficialmente, foram alvos de represália, inibindo sua expansão e a participação de um número maior de interessados. Lembro-me que uma bibliotecária –Ilka era o seu nome–, responsável pela Biblioteca Infantil do Itaim-Bibi, resolveu realizar um debate sobre leitura; obteve boa repercussão com a iniciativa; foi severamente repreendida pela ousadia, por convidar um especialista da USP, sem pedir autorização à diretora do

Departamento.

Para a Direção, prevalecia a meta de garantir os índices de frequência de usuários, transformada em objeto das políticas das bibliotecas. Como em parte das unidades o fluxo de crianças e jovens começava a decrescer em relação a períodos anteriores, e em determinadas épocas do ano a biblioteca ficava “às moscas”, especialmente nos meses não-letivos, quando os usuários em férias “desapareciam”, era exigido, então, um esforço para a manutenção de públicos a qualquer preço, justificado pela relação custo-benefício, como era enfatizado regularmente. Em torno dessa política, portanto, organizavam-se as realizações da instituição, de tal modo que as tentativas de manutenção dos números inverteu por completo a lógica das ações da biblioteca infantil e, ao invés de constituir-se em resultado das relações efetivas com a comunidade, era objetivo com fim em si mesmo. A biblioteca era um dado meramente quantitativo.

O ritmo, o modo e o sentido do trabalho acabaram produzindo em mim uma enorme sensação de aprisionamento. Da esperança dos primeiros momentos à realidade vivida, existia um vácuo tal, que o tempo passado na biblioteca começava a parecer uma longa pena de reclusão.

Um acontecimento, no entanto, veio me dar novo alento: fui convidada a dirigir a biblioteca em que estava. No momento, achei que estava ali a oportunidade de rever alguns procedimentos, de apreender e refazer o sentido das ações que se desenvolviam há muitos anos.

Devo confessar que senti falta de referências que me orientassem, com um mínimo de segurança. A única coisa certa de que dispunha era a vontade de modificar determinados modos de atuação da biblioteca. Como não tinha, porém, muitas opções, arregacei as

mangas e fui a campo.

Conversando com algumas mães que levavam seus filhos à biblioteca, resolvemos realizar um evento -Mês das Artes na Biblioteca-, com duração de 4 semanas. A intensa programação girava em torno de atividades de literatura, artes plásticas e música, com a participação de professores, artesãos do bairro e funcionários. O grupo entusiasmou-se, querendo envolver a comunidade no trabalho, para conhecer melhor seus interesses nessas práticas, “sair do doméstico”, recriar vínculos, mostrando os interesses da nova “direção”.

A iniciativa, porém, provocou controvérsias em todos os níveis. Para a supervisora de Comunicação e Expressão, responsável administrativa por essa área de atividade da biblioteca, a investida era muito boa, mas, mesmo assim, eu seria advertida por não ter consignado os devidos créditos à Supervisão de Comunicação e Expressão no programa de divulgação do evento. Quanto à Supervisão de Bibliotecas Ramais, instância hierárquica à qual a biblioteca se reportava, o movimento, além de significar alteração da ordem e da rotina, tinha sido pobre em termos práticos de atendimento e de frequência. Não se colocava em questão quais os objetivos do trabalho, que resultados eram esperados. A administração central e centralizadora reafirmava suas exigências e nada mais.

As manifestações negativas do Departamento à iniciativa e o descrédito sobre os resultados obtidos mostravam-me as dificuldades de enfrentar isoladamente possíveis transformações. O sonho de criar um espaço de circulação de idéias vivo, presente, atuante parecia ir-se distanciando, quase sem alternativas, agravado pela crise de recursos humanos na época, que reduziu o número de funcionários a limites abaixo do mínimo possível, apontando para o

risco da junção de bibliotecas, como medida de economia.

Desse modo, os impactos administrativos dificultavam as chances de tentar fazer avançar qualquer discussão ou proposta sobre o desenvolvimento dos serviços. Por outro lado, face ao centralismo autoritário vigente, ações renovadoras poderiam inviabilizar profissionalmente seus promotores.

Era muito evidente o nível de determinação da burocracia sobre a vida da biblioteca. Numa época, foi-nos solicitada a elaboração de um histórico da unidade para compor um documento geral de todo o Departamento, com suas quase 30 bibliotecas infanto-juvenis. Eram raras as informações que mostravam o trabalho efetivamente realizado pelas unidades junto à população, as atividades desenvolvidas ou qualquer resultado de suas práticas. Ao contrário, a realização da tarefa mostrava que os registros existentes com riqueza de detalhes eram os atos de inauguração, posse de chefias, períodos de permanência no cargo e outras ações burocráticas. Apenas pequeno item era dedicado ao trabalho realizado pela instituição ao longo de sua história –mais de 20 anos àquela altura–, ressaltando somente uma lista de atividades que cada sala desenvolvia. Nada mais! Tudo girava em torno dos movimentos e oscilações das chefias, foco central da administração da biblioteca.

Nesse quadro, o desânimo voltou a crescer. A direção da biblioteca, que me aparecera como possibilidade de furar o cerco da apatia burocrática da instituição a que estava ligada, não me dava a autonomia necessária para mudar de rumo. Eu estava ilhada em minhas convicções e em meus sonhos profissionais.

Em tais circunstâncias, somente a vida familiar conseguia me fornecer alento, a alegria única de acompanhar o crescimento de duas crianças saudáveis e felizes. O apaziguamento, contudo, era

logo interrompido por desejos irreprimíveis de expressão no âmbito profissional a que me dedicava. Não conseguia transferir para o doméstico realizações que se situavam na esfera pública.

Nesse contexto, a abertura política do país veio realimentar minhas esperanças. Acreditava que, finalmente, teria chegado o momento de desenvolvimento de novos rumos. O golpe de 64, que me golpeava, *via* tecnoburocracia, sem que eu tivesse consciência clara dessas articulações, não impediria mais os sonhos profissionais...

A “gestão Guarnieri” (1983-85), sob o comando da bibliotecária (aposentada) Maria Helena Cintra de Oliveira, foi alentadora nesse sentido, ao provocar alterações significativas nas concepções, nas políticas, nas práticas e nos escalões administrativos das bibliotecas. As antigas chefias, já cristalizadas em seus postos, foram substituídas por funcionários com novas perspectivas. Assim, mesmo se não tivesse um projeto cultural claramente definido para o Departamento, a recém-chegada administração procurou, entretanto, desenvolver uma política aberta, minimizando, tanto quanto possível, os corporativismos, trazendo especialmente contribuições de profissionais de outros setores comprometidos com discussões mais alargadas sobre a questão da biblioteca e da leitura entre nós. Um dos principais eixos da ação da nova administração baseava-se na participação dos diferentes segmentos funcionais, como forma de obter contribuições para a construção de critérios que norteassem seus rumos e novos procedimentos administrativos, técnicos e culturais. Foram três anos de intenso trabalho que valeram para modificar perspectivas e interesses daqueles que estavam sensíveis e ansiosos por mudanças no “velho regime”, herança dos tempos da ditadura política e de práticas institucionais correntes no país.

A nova política, mais arejada e disposta a buscar caminhos para o desenvolvimento das bibliotecas, procurou estruturar-se a partir da

ampliação de quadros funcionais, da redefinição das relações hierárquicas e de um programa de formação de pessoal. De uma situação anterior, com quase nenhuma ênfase nos recursos humanos, a gestão valorizava os profissionais da casa, centrando nas políticas de pessoal o foco das suas atenções.

A preparação para a abertura de algumas bibliotecas novas exigia a contratação de funcionários que eram colocados para treinamento em serviço nas unidades em atividade. A circunstância foi extremamente positiva, porque acabou propiciando a oxigenação do quadro funcional, ainda sob os efeitos do medo das administrações anteriores. Por mais que se dissesse que as antigas normas faziam parte do passado, foi necessário constatar que outras atitudes eram possíveis e muito bem vindas. A presença do novo grupo, sem os “traumas” e os vícios/defesas, foi ajudando a amenizar a imagem de um Departamento repressor que ainda se conservava. Foi possível, assim, propor novas discussões e estruturar programas que iam transformando o cotidiano de trabalho na biblioteca, como foi o caso do *Projeto Quero Ler*, sob a orientação e coordenação do Prof. Dr. Edmir Perrotti, da ECA/USP, reintegrado às suas funções de pesquisador cultural e consultor da Direção do Departamento, depois de ter deixado a casa na gestão anterior, por não concordar com a censura que a Direção da biblioteca desejava impor às resenhas de livros infantis publicados no BIBLI – Boletim informativo de literatura infantil- por ele criado no Departamento, a partir de supostos pedidos de uma escritora de livros para crianças que tivera um livro seu criticado.

No novo clima, era possível propor novas ações, sobretudo na tentativa de criação de vínculos entre os “novos” e os “velhos”, aproximando as pessoas e criando novas condutas e possibilidades de trabalhos. Fazíamos reuniões de trabalho extremamente ricas e produtivas. Além disso, comemorávamos aniversários, natal,

momentos especiais do grupo e de cada um. Mesmo os mais resistentes cediam aos poucos ao novo movimento, com reflexos evidentes sobre a melhoria do interesse e qualidade com que realizavam os trabalhos. E tudo sem diminuir o número de freqüentadores das bibliotecas. Ao contrário, eles vinham cada vez em maior número, exceto em alguns núcleos.

Substituímos as programações enviadas ao Departamento por um planejamento de atividades ligadas a questões suscitadas entre os freqüentadores da biblioteca, a temas de interesse geral, a questões que colocavam em circulação assuntos desconsiderados, porém sabidamente importantes para os segmentos com os quais lidávamos. Pela primeira vez, as crianças e jovens discutiram esportes, criaram painéis informativos sobre a evolução do campeonato mundial de futebol e das Olimpíadas, usaram as dependências da cozinha da biblioteca para fazer pão, dentro de um programa de leitura, e outras ações integrando segmentos da comunidade e funcionários em torno de programas de interesse dos grupos participantes, explicitados ou percebidos como necessidades culturais da comunidade. A perspectiva dava novo dinamismo à biblioteca, que se constituía em território fértil de relações entre crianças e jovens de diversas idades, por meio de práticas que juntavam leituras, histórias, música, exposições, jogos, brincadeiras, teatro, passeios e até atividades culinárias em consonância com demandas dos grupos envolvidos com os projetos.

As ações localizadas na unidade não aconteciam isoladamente. No mesmo período, era deflagrado o processo que envolvia toda a rede, visando construir o projeto cultural para Departamento. A nova gestão estimulava a participação ativa e efetiva dos funcionários na criação de propostas de trabalho para desenvolvimento das bibliotecas. A empreitada exigia a reformulação de concepções e modos de administração central, como também, e especialmente, a

reformulação das próprias culturas nas unidades locais de bairro.

Um momento deste trabalho deu-se num encontro geral no Centro Cultural São Paulo, que reuniu todos os funcionários em torno, dentre outras questões, da problemática das relações hierárquicas, consideradas como causa e conseqüência dos inúmeros problemas enfrentados pelas bibliotecas no trabalho com o público. Era ocasião em que se questionavam os critérios estritamente políticos para as indicações dos cargos de chefia, considerando que a viabilização de projetos e propostas essenciais à vida das bibliotecas dependia de lideranças locais com compromissos e competências nem sempre exigidos por aqueles critérios. Havia os que entendiam que deveriam ser feitas outras composições de créditos, juntando tempo de casa e qualificações profissionais, cujo resultado produzisse uma escala de candidatos às vagas existentes.

O desenrolar dos acontecimentos fez explicitar os corporativismos, o conservadorismo da inércia administrativa, como também, felizmente, a ânsia por mudanças urgentes. As reações observadas foram em todos os sentidos e de toda ordem, desde brigas por cargos e manifestações revanchistas de funcionários contra chefias, à constituição de grupos mistos e interdisciplinares para criação e realização de projetos e atividades em diferentes campos.

Em tal contexto, articulando esse movimento ao programa de formação deflagrado pelas políticas de pessoal definidas pela diretoria, engajei-me no grupo do *Projeto Quero Ler*, interessado em desenvolver um trabalho de reorientação das práticas de leitura nas bibliotecas e que se originara de um curso pioneiro no Departamento, tratando, sob uma perspectiva crítica e criativa, da problemática brasileira no campo da leitura e da literatura.

Desde o início, o curso chamou a atenção, porque até então não se

tivera notícia de um programa de formação que estivesse preocupado em apresentar e discutir questões abrangentes que permeiam o trabalho desenvolvido pelas instituições culturais, especialmente as de leitura. Apesar de muito poucos, eram comuns os cursos e treinamentos que se dedicavam a aprimorar a eficiência de produção, que tentavam ensinar “técnicas de como fazer”... Entretanto, no encaminhamento dado, as referências eram outras, de tal modo que, ao se constituir, o *Projeto Quero Ler* abriu uma nova fase na biblioteca, com reflexos dentro e fora da instituição.

A sistemática de trabalho desenvolvida pelo projeto considerava as diferentes questões objetivas trazidas pelo grupo participante, a partir das quais o coordenador do projeto, não apenas as circunscrevia a quadros de referência que lhes dava significado, como também introduzia questões de fundo que permitiam ampliar as reflexões para a problemática cultural de modo mais amplo. Durante o período que durou (1983 a 1988), o “Quero Ler” constituiu-se num instrumento importante de formação em serviço, que contribuiu, mais que qualquer outro, para apoiar e refletir sobre o sentido e o desenvolvimento das práticas e das *mediações* de informação e cultura realizadas pela biblioteca.

Um convite, em 1984, para exercer temporariamente o cargo de Supervisora de Comunicação e Expressão<sup>4</sup> permitiu que se abrissem novas perspectivas dentro do processo de transformações que vinham ocorrendo em meu trabalho. Senti que seria um momento valioso para estreitar as relações entre a biblioteca e o Departamento, conhecendo mais de perto os mecanismos de decisão e os recursos reais e potenciais que poderiam ser usados

---

<sup>4</sup> O cargo de Supervisão é o segundo no escalão do Departamento de BIJ, intermediário entre o Diretor e as bibliotecárias-chefes das unidades ramais. A Supervisão de Comunicação e Expressão era uma Divisão, criada em 1975 dentro da estrutura do (recém-instituído) Departamento de BIJ, que congregava diferentes funcionários, ocupando-se da produção de atividades oferecidas às bibliotecas de bairro como alternativas às programações locais.

nos programas das unidades. Foram quase dois meses junto a um grupo de funcionários muito jovens, que atuavam como atores, músicos, educadores artísticos, titiriteiros, dançarinos, programadores visuais, jornalistas, mímicos, dentre outros, com projetos diferenciados em inúmeras modalidades de linguagens, que realizavam espetáculos teatrais, exposições, oficinas, jornais, cursos e muitas outras práticas, sob a orientação da Supervisão. Tratava-se de uma usina de produção de atividades, alimentada principalmente pelo interesse do próprio grupo, irreverente à burocracia e ao tradicionalismo do trabalho cultural com a infância.

Fui fundo no trabalho, mesmo sendo um período de substituição. Face às circunstâncias que encontrei, conheci um universo completamente distinto do que imaginava e, se o meu interesse fora apenas estabelecer alguns vínculos produtivos com outras instâncias do Departamento, o desenrolar das ações produziu efeitos muito mais amplos, com reflexos surpreendentes sobre minha sensibilidade, abrindo canais de percepção adormecidos durante os árduos anos vividos sob o peso da tecnoburocracia. Eu já não conseguia mais ver a biblioteca como um ponto isolado, perdido num bairro da cidade. Agora ela era parte de um circuito muito mais abrangente do qual eu me sentia parte!

De volta à direção da biblioteca, passado o período da substituição, procurei incorporar a experiência curta, mas densa, ao cotidiano da unidade que dirigia. As programações, a partir daí, eram pensadas em novas dimensões, não mais restritas às condições de produção local. Uma atividade de iniciativa da biblioteca, que propunha a produção de livros por crianças, por exemplo, foi realizada em todas as bibliotecas da rede, com publicação dos trabalhos pela Supervisão, que também passou a colaborar em outras realizações. As práticas desenvolvidas foram-se articulando às dos oficinairos-colaboradores, de modo que, além de ampliar o espectro da

programação, estávamos nos reciclando espontaneamente e mutuamente. Se para “os da casa” o contato com aquele grupo trazia novidades, criava alternativas de trabalho, dividia responsabilidades e, literalmente, alegrava o ambiente, para “os de fora”, valia o conhecimento, a experiência que os funcionários da unidade podiam oferecer no trato com as crianças e, sobretudo, a garantia de desdobramentos e continuidade do trabalho deflagrado nos encontros esparsos.

Nas conversas, a princípio pessoais, floresciam idéias que se transformavam em projetos, nos mais diferentes níveis e perspectivas. Fizemos mudanças nas salas para melhorar a qualidade de circulação nos espaços e melhorar as condições de organização do acervo. Criamos um sistema de comunicação visual baseado em cores, para as salas da biblioteca, acervos e materiais; organizamos uma agenda de apresentações regulares do teatro infantil e de diferentes espetáculos oferecidos também pela comunidade; implantamos um horário semanal para avaliação do trabalho e de discussão de leituras que passamos a realizar, sistematicamente.

O clima gerado na convivência era intenso e produtivo. Os funcionários passaram a interessar-se por cursos, procurando formas de adequá-los à prática cotidiana de trabalho. O entrosamento do grupo crescia e até aqueles que em princípio observavam à distância, resistindo aos movimentos, logo engajaram-se. Havia questões a serem revistas, propostas a realizar, fosse no atendimento, na organização do espaço, na formação do pessoal, na natureza das informações disponibilizadas. Onde se mexesse ou se parasse para avaliar, saltavam problemas. Por isso, havia espaço à participação de todos...

A eleição de Jânio Quadros, em 1966, com seu conservadorismo,

irracionalidade e personalismo administrativo fez reverter encaminhamentos que mal começavam a se consolidar, trazendo sérias alterações ao ritmo e ao clima de liberdade de trabalho em que vivíamos. Pudemos experimentar, então, o que era um dos principais dramas que assolam nossos serviços públicos: a total variação de concepções, de ações e de práticas, a cada nova administração, sem consideração dos interesses públicos, sem avaliação séria e responsável dos projetos em curso, gerando intensas discontinuidades, mudanças que, na maioria das vezes, atendem prioritariamente a interesses de administradores de plantão – o trabalho como eterno recomeço, como em *Sísifo*.

A nova administração era bastante autoritária. Não havia chances de diálogo, possibilidade de acordo entre os princípios das hierarquias superiores e o processo que vínhamos desenvolvendo. A brusca ruptura fez arrefecer, significativamente, atitudes de entusiasmo e tentativas de autonomia que começavam a ganhar alguma solidez. As posições críticas e os comportamentos participativos, até aquele momento estimulados, passaram a ser indesejáveis. A tônica voltou a ser a formalidade da ordem burocrática cada vez mais contundente. Foi muito triste ver que as drásticas mudanças estavam interrompendo um processo que vinha tentando construir, duramente, a valorização das equipes de trabalho e criar novas identidades. E tudo exatamente quando começávamos a reconhecer e a nos apropriar do nosso novo papel na biblioteca.

Passamos a ter o dia-a-dia vigiado direta e indiretamente. Surgiu um controlador de presença que aparecia, repentinamente, nas unidades de trabalho, punindo as chefias pelas variações encontradas, em relação às ordens centrais. Ele se transformou no parâmetro para as unidades da Prefeitura e sua autoridade prevalecia sobre todas as demais. Como representante (e em nome do Prefeito), fazia averiguações de surpresa, distribuindo punições, caso os locais

visitados não estivessem de acordo com suas expectativas. Não se falava de outra coisa, a não ser dos absurdos noticiados e das fantasias criadas pelas preocupações daqueles que ainda não tinham sido penalizados. A fúria autoritária e burocrática foi minando as vontades pessoais, num movimento crescente, e a “inércia dos vencimentos” foi-se impondo e justificando, em nome do medo e da falta de autonomia. Muitos dos mais jovens desligaram-se do Departamento, buscando espaços em que os grupos fossem mais coesos e politizados, capazes, portanto, de fazer frente aos abusos administrativos que observávamos. Outros, permaneceram, limitando-se, porém, a ações menos comprometedoras, que, se não eram totalmente satisfatórias, não exigiam muitos esforços e coragem para assumir os riscos de desvios.

Nesse período, meus vínculos com a supervisora de Comunicação e Expressão, a bibliotecária Roseli Teresa Silva Leme, serviram-me de caminho, estreitando-se bastante. A identificação de posições entre mim, que permanecia na direção da biblioteca de bairro, e ela garantiria que alguns processos até então desenvolvidos não fossem totalmente interrompidos, criando, em certo sentido, o consolo de que avançávamos em direção a possíveis mudanças, independentemente do quadro político mais amplo do Departamento, da Supervisão e da Prefeitura.

Com um pequeno grupo, mantivemo-nos atuando, na perspectiva de manter viva a chama acesa nas experiências vivenciadas na gestão anterior. Juntávamo-nos para propor ações que pudessem suscitar o interesse da administração que, de um lado, se apegava ao aspecto burocrático, mas, de outro, precisava também realizar trabalhos que dessem brilho pessoal à sua atuação. A necessidade da cúpula transformava-se em estratégia para a obtenção de espaços e condições, para nos mantermos próximos e contar sobre o cotidiano de cada um nas bibliotecas. O grupo propunha a realização de

encontros, seminários, reuniões de trabalho, autorizados oficialmente. Com isso, rompíamos o isolamento e ampliávamos os circuitos de relação que nos permitiam falar sobre nossas dificuldades e obter apoio de alguns pares. Contudo, não queríamos discutir, apenas. A relação com o grupo criava cumplicidade, reforçando e atualizando a importância do que fazíamos e de tudo o que ainda pretendíamos realizar. Dessa forma, era mais fácil manter a convicção e não perder o rumo, apesar do movimento contrário que tentava nos esmorecer. Não demorou muito, porém, alguns começaram a desistir, outros a se distanciar, outros simplesmente a deixar o Departamento.

Eu me mantinha na trilha, em busca de respostas às questões iniciais que me haviam lançado em diferentes percursos. A necessidade de dar um sentido ao meu trabalho continuava presente; eu buscava um fio condutor que me ajudasse a organizar as experiências acumuladas e que ainda permaneciam difusas e nebulosas, sem a sistematização que eu desejava alcançar.

Por este motivo, aceitei a incumbência de tratar diretamente das questões ligadas à organização do *Projeto Quero Ler*, na Supervisão de Comunicação e Expressão, colaborando com a supervisora que, tendo sido, ela própria, uma de suas participantes ativas em épocas anteriores, apostava nele como uma possível saída para as políticas de leitura do Departamento. Em função disto, assumi o trabalho, com o intuito de organizar um setor que se preocupasse com a orientação das práticas culturais vinculadas à leitura na biblioteca infantil, “não espontaneísta”, como era a tendência naquelas circunstâncias.

Em meio à ambigüidade de toda ordem, a idas e vindas desgastantes, numa gestão que inibia ações profissionais criativas e criadoras, encontramos, ainda, por meio de vinculação com a Universidade de São Paulo - O *Projeto Quero Ler* continuava sendo

orientado pelo Prof. Dr. Edmir Perrotti, nessa época já desligado do Departamento de Bibliotecas e professor em tempo integral na USP- e com colegas que compartilhavam dos mesmos ideais e sentimentos, espaços de discussão que permitiam avançar na crítica à biblioteca pública infantil, refletindo sobre a problemática a partir da situação vigente. Se o momento não oferecia possibilidades de mudanças radicais, a participação nesse projeto permitiu, no entanto, a exploração e o aprofundamento de idéias que me mantinham próxima às questões que me importunavam. O *Projeto Quero Ler* era uma forma de resistência e de oxigenação, mesmo se passando por uma fase de “semi-clandestinidade oficial”, bancada pela Supervisão de Comunicação e Expressão, a que eu estava ligada. Por outro lado, a minha vida familiar, ainda exigindo cuidados próximos, era uma forma de “dar um tempo”, no recuo forçado da administração janista e que duraria até o final de 1988.

Mais uma vez a mudança de governo provocou alterações políticas e administrativas, trazendo, agora, perspectivas positivas de grandes reformulações. A gestão *Erundina* (1989-92) iniciava-se como momento privilegiado em que as bibliotecas públicas saíam do ostracismo para ganhar estatuto destacado dentro da nova política cultural da cidade e da sociedade brasileira em seu todo. Para uma administração que ostensiva e publicamente afirmava a importância dos serviços culturais nas relações governo e população, tive todo empenho em colaborar diretamente na gestão e execução das políticas a favor da melhoria de qualidade das bibliotecas infantis.

Passei a ocupar o cargo de Supervisora de Bibliotecas Ramais, segundo escalão da Diretoria do Departamento ao qual se vinculavam hierarquicamente as bibliotecas e as bibliotecárias-chefes das unidades ramais. As expectativas iniciais de transformação do modelo existente eram muito grandes. As bibliotecas seriam as “meninas-dos-olhos” da Secretária de Cultura...

Entre nós, segmento profissional que compúnhamos a Diretoria do Departamento, e o corpo político-administrativo da Secretaria de Cultura havia dificuldades que não conseguiram ser superadas. O grupo que fora alçado à Direção por indicação de bases profissionais, era formado por bibliotecários que tinham tido uma história de trabalho na instituição, fazendo resistência ao avanço burocrático. Partilhávamos, portanto, com a nova administração, de concepções e pontos de vista comuns sobre a importância e o papel das bibliotecas públicas no desenvolvimento da cidadania, construídos especialmente ao longo do trabalho sistemático desenvolvido pelo *Projeto Quero Ler*.

Entretanto, a discordância (terá sido isto mesmo?) do gabinete da secretaria de Cultura em relação ao modo como a Diretoria de BJI encaminhava a transição de um modelo de biblioteca pública burocrático para um outro participativo, gerou crises desgastantes e insuperáveis, até tornar-se insustentável. Deixei, então, o cargo no Departamento por entender que a saída da Diretora geral, Roseli Teresa Silva Leme, significava a recusa dos caminhos que nos pareciam indispensáveis, rumo a uma biblioteca verdadeiramente articulada aos desejos de expressão e de cidadania para todos.

Sentia que algo começava a caminhar de modo errado, mas era difícil localizar aonde se achava o erro. Era difícil a profissionais acostumados com as lides concretas, organizar a contra-argumentação ao discurso bem composto da gestão. Como ensinou Barthes, a língua constitui-se de armadilhas e o poder prepara emboscadas nas tramas dos signos. Entre a vontade de participar de uma gestão com propósitos progressistas e a possibilidade de realização de tal desejo, inscreviam-se tantas variáveis, que talvez seja impossível resgatar o hiato aí existente. Só o discurso preencheria o vazio. Mas, ensina Benjamin, é sobre os escombros

que os vitoriosos expõem sua visão dos fatos. Aos vencidos, o destino é o silêncio. Por isso, talvez, não consiga refazer o momento e somente poderei falar do sentimento de desconforto que voltou a me rondar. Se o que via parecia-me equivocado, as palavras, contudo, me faltavam no momento.

No jogo das posições, os canais de expressão continuavam me fazendo falta. A biblioteca burocrática habituara-nos ao silêncio público. Era difícil *saber dizer*, segundo os padrões da nova gestão. A ela, diante das urgências que enfrentava, talvez faltasse tempo para decifrar a sintaxe concreta nascida da nossa memória de trabalho...Éramos todos atingidos pela mesma crise da narrativa de que falava Benjamin: uns incapacitados de narrar; outros, de escutar.

Saí da Direção da Supervisão de Bibliotecas Ramais, propondo-me a realizar um trabalho diretamente vinculado ao desenvolvimento de práticas culturais, buscando novos aportes com os processos que haviam sido deixados, em razão das funções de direção até então ocupadas.

A realização de programas de leitura com crianças e jovens e de um trabalho sistemático com grupo de profissionais de outros setores de serviços da municipalidade que realizei em parceria com outra bibliotecária da unidade foram proveitosos, chegaram a ganhar alguma representatividade junto a determinados segmentos da comunidade, mas deixavam claro que não saíam jamais do circuito a que estavam circunscritos. No âmbito das práticas culturais, se, de um lado, tornava-se possível criar determinados parâmetros de atuação, de outro, percebia-se que estes não conseguiam incorporar-se à estrutura da biblioteca em seu todo, na medida em que ela não dispunha de autonomia e de instrumentos diversos necessários para absorver e transformar tais parâmetros em critérios de ação. Em outros termos, mesmo tentando qualificar cada vez mais o meu

trabalho, ele estava sempre comprometido pelas políticas correntes, marcadas pelo centralismo e descontinuidade administrativos, pela cisão entre a configuração dos serviços de informação e a realidade e, sobretudo, pelo conservadorismo, explícito ou implícito, que, em última instância, continuavam se impondo na maioria das unidades ramais, a despeito dos propósitos transformadores da administração.

A consciência desta condição foi definitiva para a tomada de decisão que me faria buscar parceiros fora do âmbito do serviço e que, ao mesmo tempo, me permitiria alargar a compreensão de minha experiência como mediador.

Quando se deseja ser um *mediador* que vai além do “atravessador” da informação, do mero intermediário entre os pólos de produção e de recepção de cultura, quando se compreende a *mediação* como práxis cultural comprometida, “não neutra”, participativa, e o mediador como ator, com voz social, percebe-se que há um imenso caminho a ser trilhado e vencido entre o fazer cultural e sua expressão.

Sentia-me, contudo, desgastada e, só no início de 1993, consegui reunir forças para vencer as angústias profissionais que, agora, nada conseguia disfarçar. Estava com 42 anos e a vida não espera ninguém. Voltei à universidade, onde pude retomar preocupações ligadas ao *Projeto Quero Ler*. Naquele momento, o Prof. Dr. Edmir Perrotti estava em vias de constituição de um núcleo de pesquisa no CBD/ECA/USP, o PROESI – Programa Serviços de Informação em Educação, com a finalidade de estudar novos conceitos e serviços de informação e cultura para crianças.

A junção serviço público-universidade talvez trouxesse caminhos que tanto o professor, por meio de sua grande ligação com o Departamento de BIJ, quanto eu, por meio de aproximações

esporádicas, mas intermitentes com a universidade -nos anos de 86-87 eu fizera um curso de especialização em Ação Cultural, no CBD/ECA/USP, vínhamos buscando insistentemente ao longo das nossas carreiras profissionais, mas que faltava ainda a formalização institucional.

Nestas circunstâncias, as condições favoreciam a implementação da *Estação Memória* na Biblioteca “Álvaro Guerra”, em Pinheiros, em parceria com o Departamento de BIJ. Passei a atuar tanto nos espaços do PROESI, quanto na Biblioteca “Álvaro Guerra”, transitando entre o serviço e a academia, o que me permitiu, ao mesmo tempo, coordenar a implantação do serviço e fazer esta dissertação.

A aproximação significou conseguir condições de atuação marcadas por parâmetros que eu havia sempre buscado. Finalmente, teoria e prática constituiriam uma unidade dialética indivisa e eu poderia construir tanto um *fazer* quanto um *dizer* profissional.

## PARTE III

### Ritos de passagem

A *Estação Memória* foi aberta ao público no dia 02 de outubro de 1997, às 19h00. Minha história nesse processo, entretanto, começou, em março de 1993, quando integrei-me ao grupo que vinha trabalhando na preparação do serviço, então denominado *Arquivo cultural para crianças e jovens*.

As negociações entre o PROESI e o Departamento de BIJ foram rápidas e positivas, concordando-se mutuamente que a Biblioteca Infanto-juvenil “Álvaro Guerra” seria o local de implantação do espaço experimental. Logo em seguida, iniciei minha participação como estagiária no PROESI, prevendo-se que o primeiro ano seria dedicado à preparação para a implantação do projeto na biblioteca e à abordagem do objeto de estudo.

Recém-chegada e ainda impregnada pelo *modus operandi* do serviço público, imaginei que me seriam indicados os procedimentos a serem seguidos e eu me encarregaria de tentar desenvolvê-los com eficiência.

Entretanto, não seria por acaso que, no termo de trabalho PROESI-Departamento de Bibliotecas Infanto-Juvenis, estava previsto o período de um ano de estágio -um tempo de *iniciação*- anterior ao início da preparação da *Estação Memória*.

Um dia por semana, eu permanecia na Seção de Planejamento das bibliotecas infantis, dando encaminhamento à documentação e aos contatos necessários à obtenção de recursos para adequação da infra-estrutura necessária à instalação do novo serviço. Além das providências de caráter objetivo, como conhecimento das possibilidades existentes e de mecanismos para consegui-los, percebi que seria importante a aproximação com o Departamento, para que as pessoas não envolvidas pudessem conhecer a proposta, podendo acompanhar seu desenvolvimento. Esses quatro dias por mês eram dedicados, portanto, ao estabelecimento de relações e à percepção das diretrizes do Departamento, em início de gestão. O período restante, eu atuava no PROESI, tratando os materiais já acumulados pelo projeto e fazendo as leituras de apoio teórico.

A convivência com esses dois mundos mostrou imediatamente diferenças fundamentais nos dois espaços, evidenciando que a lógica da produção no serviço, a que eu estava habituada, não poderia orientar meu trabalho na parceria com a academia. Eu estava inserida em dois *tempos* e dois *espaços* distintos, opostos em sua natureza e qualidade. Na biblioteca, o *tempo* considerado era o *tempo* objetivo da presença física no espaço, o *tempo* da realização quantificável, *tempo* traduzido em número/registro de horas de permanência no local. No outro, ressaltava a importância do *tempo* subjetivo, do ritmo pessoal de maturação, fundamental à articulação do pensamento sobre as ações realizadas.

Inicialmente, a distinção causava estranheza e sensação de improdutividade, porém, fui observando como as reflexões revertiam e eram incorporadas ao trabalho prático de concretização da *Estação Memória*.

Uma vez por semana, a equipe de pesquisadores-colaboradores do

PROESI, que vinha atuando na coleta de depoimentos dos idosos do bairro de Pinheiros, participava de reunião de orientação para a continuidade do trabalho. O projeto, iniciado em 1991, com o nome *Memórias do Baixo-Pinheiros, memórias de vida, memórias da cidade*, além da coleta de depoimentos, estava, naquele momento, avançando sobre o estudo dos conceitos de *memória* e *experiência*, necessários à formulação de referências para a constituição do serviço-laboratório previsto na nova fase.

Minha adaptação ao grupo foi fácil e rápida, primeiramente porque eu já conhecia algumas das pessoas que estavam envolvidas no trabalho, mas, sobretudo, porque todos faziam questão de contar sobre sua participação no projeto, mostrar os materiais existentes, o modo como vinham trabalhando, o que os tornava extremamente receptivos e próximos.

A cada quinze dias, era realizada uma sessão de estudos para discussão de um texto da bibliografia de autores fundamentais no assunto: Le Goff, Maurice Halbwachs, Paul Thompson, Ecléa Bosi e especialmente Walter Benjamin. Nosso desafio era identificar as concepções teóricas desses autores e cotejá-las face à problemática da pesquisa. O objetivo da atividade era desenvolver referências teóricas sobre a matéria com a qual estávamos lidando e sobre os modos de produção e circulação da memória social que nos instrumentalizasse, fazendo avançar a investigação. A sistemática de trabalho aliava a teoria à prática, na medida em que as leituras e discussões em torno dos textos não tinham o caráter exclusivo de conhecimento do repertório conceitual sobre o tema. Elas visavam, sobretudo, situar a investigação num campo de referências que auxiliasse a compreensão dos fenômenos ligados à problemática em causa.

A tarefa exigia um (re)aprendizado de leitura, com sucessivas

problematizações dos textos, exigindo-nos participação ativa de busca de interação entre as colocações dos autores e o trabalho prático de coleta de depoimentos e tratamento das informações existentes. Nesta situação, era fácil perceber que apesar das dificuldades que a abordagem conceitual impunha, o aprofundamento nas teorias ganhava um novo sentido, ao se relacionar com o fazer concreto de preparação da *Estação*.

As reuniões de orientação começavam entre 14h30 e 15h00, mas boa parte do grupo chegava antes para entregar os materiais produzidos durante os intervalos entre uma reunião e outra. Nessas ocasiões, combinávamos outras entrevistas (em geral realizadas em dupla), comentávamos aspectos das leituras realizadas antes do início das discussões, colocando dúvidas e preocupações sobre as questões observadas.

Era unânime, entretanto, o fato de todos quererem contar sobre as entrevistas realizadas e comentar sobre a publicação dos artigos com as entrevistas na coluna *Era uma vez, no baixo Pinheiros*, no jornal de bairro da região, que os membros da equipe vinham produzindo. O grupo fazia questão de mostrar a produção acumulada do projeto, principalmente falar sobre as entrevistas, especialmente situações interessantes e entrevistados com que se identificavam. Cada entrevistador investia para que fosse priorizada a audição do “seu” entrevistado, chamando a atenção para muitos aspectos de cada história.

Eu aceitava sugestões, mas também escolhia por conta própria algumas entrevistas, tanto pela sugestão do nome, quanto por alguma informação interessante sobre sua origem.

Impressionava-me a dedicação dos participantes e o esforço que faziam para cumprir as atividades conforme planejavam, já que a

maioria dos pesquisadores-colaboradores também exercia atividades profissionais paralelas.

A situação propiciava a vontade de conhecer os depoimentos já coletados e, assim que comecei a ouvir as entrevistas para tratar o material existente que o grupo vinha acumulando em quase um ano de trabalho, percebi de onde vinha tanto entusiasmo... As histórias eram comoventes, alegres, tocantes. Durante meses, alimentei-me das vozes e dos silêncios dos velhinhos e velhinhas contando as lembranças da casa, da rua, da escola, da igreja, as emoções – pesares, alegrias, incertezas, convicções- produzidas nas suas *experiências* de vida. Foram horas a fio, na biblioteca e em casa, nos finais de semana, em contato com outro tempo, outros espaços, guiada pelo ritmo e vibração de vozes, às vezes pouco decifráveis, que iam além das palavras pronunciadas...

Sempre guardava vários registros comigo; uma entrevista poderia sugerir outra; um depoimento instigar a vontade de conhecer outras histórias. Repetia a fita, sempre que o testemunho me tocava por algum motivo especial: a voz do velho, o acontecimento inesperado que mudava a história de vida, razões técnicas que turvavam a clareza de alguma fala emocionada. As histórias envolviam de tal modo, que apesar da urgência em dar tratamento técnico aos registros, era impossível desprezar as descobertas que eu fazia no contato direto com os testemunhos registrados. Um novo *mediador* começava a nascer, profundamente implicado com as matérias com que lidava. *Mediar a experiência* era distinto de *mediar a informação* <sup>5</sup>.

A consolidação do PROESI enquanto núcleo de pesquisa, concomitantemente ao desenvolvimento do projeto a que eu estava

---

<sup>5</sup> Ver a distinção, adiante, no quadro teórico, especialmente o conceito de *experiência*, às p.....-.....

ligada, faziam avançar as abordagens e discussões teóricas em torno do objeto da investigação, ou seja, a construção de um novo conceito de serviço de informação para o país, através de grupos de trabalho, seminários e reuniões de avaliação. Essas atividades iam-se tornando fundamentais no apoio ao tratamento de questões diretamente ligadas às pesquisas, porque davam condições de pensarmos a continuidade das ações dentro do trabalho. Eram situações em que recuperávamos, ainda em fragmentos, as experimentações a partir das quais o projeto ia ganhando sentido.

A produção gradativa do trabalho, avançando e acumulando a cada ciclo concluído era, na verdade, um ponto distintivo entre a natureza da produção acadêmica e do serviço. Se a dinâmica da produção do trabalho em serviço fazia prevalecer a lógica da produção-reprodução-desgaste-descarte, na pesquisa, entretanto, eu aprendia a não desconsiderar etapas, usando todos os elementos disponíveis para pensar o meu recorte dentro do projeto: a *mediação cultural* vista a partir da análise da *experiência* do mediador.

Em tais condições, meu percurso no processo de iniciação mostrava a importância do desconfinamento do pesquisador-mediador, não apenas como um ideal teórico a ser atingido, mas, sobretudo, como necessidade e reflexo da produção, enquanto ato de criação.

O método de formação *em situação*, colocando o *mediador* em relação significativa com a teoria e com os processos de produção prática num circuito contínuo de construção de conhecimento, foi importante para a minha (re)educação profissional e intelectual. Desse modo, ao lado de processos que davam a dimensão criativa de minha produção, foram considerados e valorizados os procedimentos de inserção no circuito nacional e internacional da

produção científica. Em outros termos, o modelo de iniciação proposto pelo PROESI, acolhia tanto o desejo de construção da voz do mediador, quanto abria os canais de escuta e diálogo, enquanto instrumentos capazes de dar a dimensão e o reconhecimento do seu papel de produtor de conhecimento.

Neste sentido, algumas ações foram fundamentais para o desenvolvimento do sentido de participação ativa e efetiva no universo da produção científica. A publicação em revista especializada francesa (Anexo ) e o convite para apresentar o trabalho desenvolvido pela *Estação Memória* no “Colloque franco-brésilien vers une bibliothèque interactive”, bem como o contato permanente com pesquisadores da Académie de Créteil com os quais o PROESI mantém cooperação, repercutiram de modo excepcional na formulação da noção de *mediador* enquanto agente de construção de conhecimento na área em que se insere, a partir de processos de de troca científica além dos contextos internos.

Os conceitos fundamentais que instrumentalizam esta pesquisa foram selecionados e estudados na primeira fase da etapa inicial e aprofundados posteriormente, em função da necessidade de explicitação dos mesmos para a compreensão do trabalho.

Passaremos, no capítulo a seguir, a expô-los de forma que, embora breve, acreditamos suficiente para situar o leitor em relação ao quadro de referência do trabalho.

## Capítulo 2

### O quadro teórico

O quadro teórico aqui apresentando foi baseado na abordagem de três conceitos fundamentais à investigação:

- a) – o conceito de *Experiência*, a partir do qual procuramos desenvolver algumas referências básicas em relação à natureza, ao sentido e à problemática sociocultural que envolve a matéria com a qual estamos lidando;
- b) – o conceito de *Memória*, a partir do qual procuramos perceber os mecanismos da sócio-dinâmica de sua construção, bem como as interferências na constituição da *Experiência*;
- c) – o conceito de *Mediação*, tendo em vista caracterizar algumas distinções básicas sobre o objeto da investigação.

### “A luta pela “*experiência*”

A abordagem da literatura mostra-nos que as diferentes concepções de memória têm relação direta com o aparecimento de novas técnicas e tecnologias de registro, bem como dos usos sociais das representações produzidas e conservadas pelos grupos. A “luta pela memória” é tão antiga como a própria humanidade, diz Le Goff. De tal forma, que, ao longo da história, foi questão que sempre preocupou filósofos, pensadores, cientistas, governantes, nações e povos distintos. Sua definição é, por tal

razão, complexa e, muitas vezes, mais do que esclarecer sobre o fenômeno em si, expõe visões de mundo e interesses daqueles que a definem.

Segundo Le Goff, para Platão e Aristóteles “a memória é uma componente da alma (que) não se manifesta contudo ao nível de sua parte intelectual mas unicamente da sua parte sensível” [LE GOFF, 1984, p.21]. É entendida, neste sentido, como dádiva, dom da deusa Mnemosine, que permite guardar impressões, porém sem constituir, necessariamente conhecimento. Na mitologia grega, memória e imaginação aparecem ligadas, na medida em que as virtudes da imaginação são filhas da memória.

Platão distingue a memória natural da memória artificial, ao discutir a invenção da escrita. Para ele, entretanto, a única verdadeira é a memória natural, que, todavia, entrou em decadência desde o aparecimento da escrita responsável pelo declínio da tradição e da memória coletiva [GAGNEBIN, 1997, p.52].

Conforme destaca Gagnebin, “enquanto o poeta, na época arcaica, era o detentor de uma memória que permitia, graças a essa palavra sagrada, dádiva das Musas ao serviço de Apolo, a um povo inteiro de se construir e de se assegurar uma identidade, a transferência cada vez maior dessa ‘função de tesauroização mnêmica’ ao escrito acarreta, simultaneamente, sua democratização e sua dessacralização, isto é, segundo Platão, a banalização até a perversão da atividade do lembrar” [GAGNEBIN, 1997, p.53]

Através destas considerações, Platão estabelece as primeiras distinções entre memórias, enfatizando a importância da memória falada, não-escrita, no campo político, na composição da trama sociocultural. Enquanto a palavra escrita estaria associada a uma função -o acesso à memória-, o oral estaria vinculado ao segredo,

garantia da plenitude da *palavra rememoradora* [GAGNEBIN, 1997, p. 53]. A memória escrita, segundo o filósofo, seria uma droga para a memória e para a sabedoria, fazendo, contraditoriamente, aumentar o esquecimento por depositar a capacidade e a confiança do lembrar em recursos exteriores a si mesmos. Para Platão, portanto, a única memória verdadeira é a memória interior à alma, semeada e plantada pela arte dialética em oposição àquela produzida pela escrita, que origina os falsos sábios, cheios de um saber falso e artificioso [GAGNEBIN, 1997, p.53]

Aristóteles caracteriza a memória a partir de duas faculdades distintas: a *mnemê*, capacidade de conservar o passado, e a *mamnesi*, capacidade de evocar voluntariamente o passado [LE GOFF, 1984, p.22]. Tal distinção aponta para uma questão recorrente durante toda a época moderna e que diz respeito à sede da memória. Neste sentido, “parece terem-se confrontado duas concepções últimas: a que define a memória como vestígio psicofisiológico deixado pelas impressões no cérebro e reproduzível mediante leis de associação, e a que tendeu a considerá-la como um puro fluir psíquico” [MORA, 1982, p.258].

Segundo Vico, em seu tratado *De antiquissima Italorum sapientia* (17b), havia uma tradição entre os “latinos” que definia memória, ao mesmo tempo, como a faculdade de formar imagens (para os gregos *phantasia*) e a capacidade de reunir as percepções dos sentidos e reminiscência quando as restitui. Estaria aí a ligação entre memória e imaginação, memória e poesia [LE GOFF, 1984, p.36].

No período medieval, Santo Agostinho dá profundidade e fluidez psicológicas à memória. Sua concepção de memória “penetra profundamente no homem interior, no seio da dialética cristã do interior e do exterior de onde saíram o exame de consciência, a

introspecção, senão a psicanálise” [LE GOFF, 1984, p.26].

Boncompagno da Signa, em 1235, no seu *Rhetorica novissima* define memória como “glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças às semelhanças com as passadas” [LE GOFF, 1984, p.30]

Os teóricos medievais retomam com freqüência a concepção que integra a memória numa tríade das dignidades humanas. Junto com a inteligência e vontade, e depois com a inteligência e o amor, a memória é elemento importante do sistema que compõe as faculdades da alma [LE GOFF, 1984, p.31].

Alberto Magno, no século XII, parte das concepções aristotélicas acrescentando a intenção, o imaginário, a metáfora como elementos que ajudam a memória na construção da prudência [LE GOFF, 1984, p.31]. Considera que o temperamento melancólico favorece a memória, por tratar-se de sensibilidade especial aos processos de recordação.

Tomás de Aquino formula sua concepção de memória com apoio na teoria clássica dos lugares e das imagens. Postula que a memória está ligada ao corpo porque reside na parte sensitiva da alma. A memória seria, também, razão, porque atua através de processos de associação mental, e depende do exercício da meditação, capaz de transformar hábito em natureza [LE GOFF, 1984, p. 32]

Entre a Idade Média e o Renascimento, a memória torna-se cada vez mais objeto de interesse dos estudiosos. O fantástico desenvolvimento da arte da memória no primeiro período, cede lugar, na Renascença, à expansão de novas concepções,

sobretudo forjadas em função do advento do impresso, que iria alterar profundamente as relações entre indivíduo e memória. A memória oral, até então dominante nos processos de conservação e transmissão do conhecimento, ganha concorrente nos registros escritos. A memória individual se exterioriza, ou seja, seu campo expande-se: “com o impresso...não só o leitor é colocado em presença de uma memória colectiva enorme, cuja matéria não é mais capaz de fixar integralmente, mas é freqüentemente colocado em situação de explorar textos novos” [LE GOFF, 1984, p.34]. São desse período as correntes que pregam a oposição entre memória e inteligência, reivindicando a “substituição das antigas técnicas de memorização por novas, fundadas na ‘ordem dialética’, num ‘método’” [LE GOFF, 1984, p.35]. Bacon e Descartes representam tais concepções, nas quais a ciência vai, gradativamente, ganhando espaço sobre a memória. O novo, o desconhecido, a aplicação da razão científica iniciam nova era de relação com a memória marcada sobretudo pela geração de ampla produção de memória escrita: a Enciclopédia, que significou, ao mesmo tempo, a construção de uma memória alfabética e “parcelar na qual cada engrenagem isolada contém uma parte animada da memória total” [LE GOFF, 1984, p.36]. Em outros termos, a memória está, neste período, muito mais voltada para o presente, para o saber, para a eliminação da morte [LE GOFF, 1984, p.37].

O século XIX volta a produzir novas discussões sobre a natureza da memória natural, em vertentes distintas. André Breton (1822) [LE GOFF, 1984, p.43] pergunta-se se a memória não seria mais que simples produto da imaginação. Para Bergson, na sua obra *Matière et Mémoire* (1896), haveria duas espécies de memória: uma memória de repetição, a memória hábito, e uma memória representativa, a memória pura, a essência mesma da consciência, constituindo-se na “continuidade da pessoa, a realidade fundamental, a consciência da duração pura. (...) Neste sentido, é o

ser essencial do homem enquanto entidade espiritual (...) que conserva o seu passado e o atualiza em todo o presente, que tem, por conseguinte, história e tradição. Sob uma memória superficial, anônima, assimilável ao hábito, Bergson descobre uma memória profunda. Essa memória “pessoal, ‘pura’, que não é analisável em termos de ‘coisas’, mas de ‘progresso’ (...) realça os laços da memória com o espírito, senão com a alma” [LE GOFF, 1984, p.43].

Na teoria freudiana, a concepção de memória individual ganha novas contribuições a partir da incorporação da idéia de *escolha*, enquanto constitutivo da sua natureza. Tratando da memória no sonho, Freud estabelece distinção entre memória latente e memória consciente, afirmando que nunca perdemos tudo que foi intelectualmente adquirido. Assim, apenas determinados registros são mantidos “vivos” o que caracteriza processos de escolha nos quais o período da infância tem papel fundamental. Segundo ele, a censura à memória individual reverterá nas manifestações da memória coletiva [LE GOFF, 1984, p.43].

O *esquecimento*, como contraponto ao conceito de memória, pode ser abordado em diferentes perspectivas –fisiológica, psicológica, social, política, cultural, de modo isolado ou interdisciplinar) - que tentam explicar (ou denunciar) aspectos dos fenômenos de obstrução à evocação (Bergson).

No âmbito que nos interessa, o reconhecimento de que a reconstrução do passado –individual ou coletivo- é sempre processo de seleção e negociação entre memórias [Halbwachs] ajuda-nos a compreender a natureza das memórias enquanto produtos gerados por processos dinâmicos que jogam entre lembrança e esquecimento, influenciados por “informações irrelevantes, afetos, crenças e interesses sociais” [ADES, 1993, p.20]

A partir dos desenvolvimentos propostos pelas Ciências Sociais em nosso século, novas vertentes introduzem a idéia de memória como construção social.

Para Jacques Le Goff [LE GOFF, 1984, p.15], a aplicação da designação memória coletiva está associada às sociedades sem escrita, considerando-a resultado da fusão entre a história fatural e a história ideológica -tradições e mitos, considerando-a como, particularmente interessada pelos conhecimentos práticos, técnicos, de saber profissional. Nestas sociedades, segundo o autor, a memória coletiva é sobretudo uma “reconstrução generativa”, na qual a dimensão narrativa e outras estruturas da história cronológica dos acontecimentos têm função essencial no processo de rememoração. Considera, porém, que a produção cultural contemporânea, em seus diferentes registros e suportes, contribuem atualmente para a construção da memória coletiva [LE GOFF, 1985, p.45].

Pierre Nora, citado por Le Goff, define a memória coletiva como “o que fica do passado no vivido dos grupos, ou o que os grupos fazem do passado” [LE GOFF, 1984, p.44], aparentemente opondo memória coletiva e história.

É com Halbwachs, entretanto, que os estudos sobre as relações entre memória e sociedade ganham maior sistematização. Para ele, todo indivíduo é possuidor de uma memória individual, embora ela não esteja isolada e fechada. Ao contrário, um homem, “para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” [HALBWACHS, 1990, p.54], utilizando-se, para tanto, de instrumentos de rememoração: palavras, idéias que o indivíduo não

inventou, mas apropriou-se de seu meio.

Neste sentido, o autor distingue a memória pessoal, da memória social, considerando que a memória individual é interna ou interior e a outra exterior ao indivíduo. Na tentativa de caracterizá-las de modo mais contundente, nomeia a primeira como memória autobiográfica e a segunda como memória histórica. A memória autobiográfica teria como suporte a memória histórica, uma vez que a história de vida de cada indivíduo faz parte de uma história mais geral, porém a memória pessoal é mais densa e contínua, enquanto que a memória histórica teria a capacidade de representar o passado apenas de “forma esquemática e resumida” [HALBWACHS, 1990, p.55].

Do ponto de vista sociológico, Halbwachs, considera a memória coletiva e a memória individual como dois objetos distintos, embora a memória individual se constitua a partir da memória coletiva. Segundo ele, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, (e) este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e (...) este lugar mesmo muda as relações que eu mantenho com outros meios” [HALBWACHS, 1990, p.51]. A memória coletiva é, pois, construção conjunta de um grupo de indivíduos, que lhe dá força e durabilidade e é, ao mesmo tempo, distinta para cada um desses homens. A memória coletiva, em outros termos, é instrumento comum do grupo social, envolvendo “as memórias individuais, mas não se confundindo com elas” [HALBWACHS, 1990, p.53] interagindo de modo específico com os indivíduos, em função de combinações de diferentes influências sociais, muitas delas incontroláveis, resultado de circunstâncias do acaso.

Segundo o autor, o indivíduo nunca está só. Apesar da ausência de outros, ainda que isolado, a pessoa está permanentemente

transpassada por idéias, pensamentos, opiniões de diferentes grupos, vivências anteriores transformadas em lembranças. Tais elementos fundem-se às imagens que vão sendo adquiridas cotidianamente, emprestando a elas sua substância, transformando a situação original. Halbwachs ressalta, porém, que a memória individual só se sustentará, será lembrança, enquanto mantiver relações com a memória coletiva, enquanto possa ser reconstruída sobre um fundamento comum, ou seja, “a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizerem e continuarem a fazer parte de uma mesma sociedade” [HALBWACHS, 1990, p.34]. Em outros termos, enquanto a lembrança tenha espaço de circulação junto ao grupo mais imediato e à sociedade em geral, será possível reconhecê-la e reconstruí-la.

É, pois, segundo Halbwachs, na história vivida, e não na história aprendida, que se apóia a memória individual, sobretudo quando os estados de consciência que se desenrolaram, em especial na infância, e o meio social circundante estiverem fundidos. Para ele, “é nesse sentido que a história vivida se distingue da história escrita: ela tem tudo o que é preciso para constituir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar, para conservar e reencontrar a imagem de seu passado” [HALBWACHS, 1990, p.60]. Acrescenta, ainda, que o passado é uma reconstrução produzida com a ajuda de dados emprestados do presente, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores, cujo resultado é a lembrança -“imagem engajada em outras imagens, uma imagem genérica reportada ao passado” [HALBWACHS, 1990, p.71].

Entendendo as relações mentais e sociais enquanto processos dinâmicos, Halbwachs considera que “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência”

[SCHMIDT, MAHFOUD, 1993, p.288] e que é a partir das relações com os grupos de origem, assim como aqueles aos quais o indivíduo vai pertencendo ao longo de sua existência, que está a sustentação para a elaboração do arcabouço da memória, sendo ela sempre resultado do jogo entre o grupo e o trabalho do sujeito. Através das representações produzidas nestas interações e que passam a acompanhá-lo, o indivíduo poderá retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo, estabelecendo relações com eles, independentemente da sua presença física. A construção da lembrança será produzida, necessariamente, através de relações afetivas, ao mesmo tempo em que será resultado de um processo coletivo ligado a um contexto social determinado que lhe dá consistência. Sendo reconhecimento e reconstrução, atualiza os quadros sociais a partir de uma visão que distingue as relações do fluxo contínuo das vivências. Apoiado nas suas lembranças, mas também na dos outros, a mesma experiência ganha dimensões de caráter coletivo como *“se fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias”* [HALBWACHS, 1990, p.25]

A lembrança, vale ressaltar, não é simplesmente o acúmulo de imagens depositadas e adormecidas no indivíduo; ao contrário ela transforma-se num arsenal de força e resistência constituindo *“uma forma de testemunho que impõe limites à tirania ou à ditadura das imagens coletivas”* [SCHMIDT, MAHFOUD, 1993, p.292]. No complexo e permanente fluxo de relações entre memória coletiva e individual que forja o todo social, *“a experiência dos indivíduos é a ancoragem para a construção contínua e comum que chamamos memória coletiva”* [SCHMIDT, MAHFOUD, 1993, p.292].

Como se viu até agora, a memória está essencialmente na base do desenvolvimento das coletividades e dos indivíduos; operando entre inclusão e exclusão (memória e esquecimento), escolhe os

conteúdos e formas de expressão a serem retidos e transmitidos, compondo o repertório de conhecimento que funcionará como instrumento de reconstrução permanente das sociedades e dos sujeitos. O fenômeno, perdido para sempre no instante mesmo da sua realização, só poderá retornar ao convívio da humanidade pela faculdade da memória que se incumbe de revivê-lo e reintroduzi-lo, pela linguagem, no repertório das experiências humanas, através dos diferentes mecanismos de comunicação gerados pelo homem, ao longo da sua existência.

Neste ponto, o conjunto das observações aqui formuladas, leva-nos imediatamente a observar que tal repertório vem sofrendo processos sucessivos de delapidação. Em função disto, as proposições de Walter Benjamin, autor a quem devemos o conceito de *experiência* que orienta a constituição dos registros de história de vida que servem de base à *Estação Memória*, passam a ser analisadas.

Na década de 30, o filósofo Walter Benjamin, assistindo a ascensão do nazismo na Alemanha, denunciava o surgimento de uma nova miséria humana. O autor referia-se ao significado do avanço incontrolável da técnica sobre o homem na sociedade contemporânea, responsável por uma nova barbárie que atinge indiscriminadamente toda a humanidade.

Discutindo as razões deste desastre político e social, conclui que a ruptura entre vivências individuais e o patrimônio cultural humano é causa e consequência da pobreza a que as atuais e futuras gerações estão submetidas. Neste sentido, evidencia o papel fundamental do ancião para as sociedades tradicionais, na medida em que ele era portador de um conhecimento inalienável, próprio e único, tecido e acumulado ao longo da sua existência. Em suas proposições, Benjamin reflete o desalento diante do fato de que a

sabedoria do velho, construída ela própria pelo legado de outras gerações, acumulada na memória e reelaborada nas relações cotidianas, não encontra canais de expressão na atualidade. Tal situação sujeita os “novos” ao abandono da própria sorte por estarem privados de referências capazes de orientá-los no processo de inserção no mundo. Sem alternativas, resta-lhes “começar de novo, a contentar-se com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda” [GAGNEBIN, 1993, p.116].

Se já no entre-guerras, Benjamin chamava a atenção para a crise sociocultural que deu origem à onipresença e onipotência da técnica em nosso mundo, Ecléa Bosi, no Brasil, num outro trabalho importante da década de 70, *Memória e sociedade* [BOSI, 1979] revela que o processo sistemático de confinamento do idoso, afasta-o dos circuitos de produção e circulação cultural no país, a partir do momento em que sua força de trabalho deixa de ser útil ao sistema de produção da sociedade capitalista selvagem.

A constatação das dificuldades de incorporação dos diferentes segmentos aos processos de produção e circulação da memória social em nosso país pontua a existência de uma situação aguda que coloca em causa, necessariamente, os modelos/sistemas informacionais constuídos.

Neste sentido, Perrotti [Perrotti, 1991] analisa os modelos de instituições e de processos de transmissão de cultura no país, concluindo sobre a necessidade de revisão do papel sociocultural, das concepções e dos procedimentos em curso, em especial as bibliotecas, a necessidade de “desconfiná-los”.

Na medida, portanto, em que se objetivam as relações entre os modos de produção da sociedade contemporânea e o esfacelamento das relações responsáveis pela constituição de

intercâmbios de representações mais equilibrados dentro da cadeia social, forjam-se funções e formas de atuação a serem desenvolvidas pelos novos serviços culturais. No bojo desta problemática, insere-se nosso trabalho de investigação, com preocupações que se originam, ao mesmo tempo, do interesse por conteúdos (memória de velhos) até então desconsiderados pelas bibliotecas e serviços culturais tradicionais, bem como por formas de sistemas de *mediação* que superem as concepções e procedimentos usados nessas instituições.

Em razão das questões até aqui apontadas e do enfoque dado à problemática nesta pesquisa, o conceito de *experiência*, central na obra do filósofo Walter Benjamin e inscrito no universo de preocupações acerca do desenvolvimento da sociedade contemporânea, torna-se, em nosso trabalho, também um conceito operacional que orientará o desenvolvimento dos procedimentos práticos da investigação.

O conceito de *experiência* (Erfahrung) faz parte do conjunto das concepções benjaminianas de memória e foi abordado a partir de dois ensaios fundamentais - "Experiência e pobreza" e "O Narrador" [BENJAMIN, 1993, p.114-119, 197-221] nos quais o autor explora o sentido da *experiência* para a constituição do social, as causas da crise que dificultam sua produção e circulação na atualidade e, sobretudo, a matéria que a constitui.

Jeanne-Marie Gagnebin, no prefácio da obra *Magia e técnica, arte e política*, na qual se inserem os dois textos, oferece uma análise que auxilia na compreensão e aprofundamento do conceito, tornando possível avançar sobre o significado da ruptura do mundo da tradição, que colocou em causa o modelo tradicional de transmissão de conhecimentos e o valor social da *experiência*.

No ensaio *Experiência e pobreza*, Walter Benjamin chama a atenção para o surgimento de uma nova barbárie, introduzindo uma reflexão sobre o caráter inexorável e irreversível de uma nova condição de vida no mundo contemporâneo, em que a referida barbárie produz a miséria de toda a sociedade. Com miséria, quer significar o empobrecimento “simbólico” de toda a humanidade que, se de um lado, viu crescer novas formas e campos do conhecimento, de outro foi submetida ao silêncio das *experiências* comunicáveis:

*“a angustiante riqueza de idéias que se difundiu entre, ou melhor, sobre as pessoas com a renovação da astrologia e da ioga, da Christian Science e da quiromancia, do vegetarianismo e da gnose, da escolástica e do espiritualismo, é o reverso dessa miséria. Porque não é uma renovação autêntica que está em jogo, e sim uma galvanização” (...)* “qual é o valor de todo o nosso patrimônio cultural se a experiência não mais o vincula a nós?” [BENJAMIN, 1993, p.115]

Nessa seqüência, Benjamin aponta que a nova barbárie substituiu a antiga civilização que se desenvolvia a partir de processos que incorporavam a *Experiência* dos sujeitos ao todo social, denunciando que a sobreposição da técnica ao homem inverteu tais condições e os tornou desacreditados da sua condição de portadores de um conhecimento próprio e inalienável.

A crença na técnica, em síntese, enfraqueceu o homem e generalizou a aspiração pela liberdade de toda e qualquer experiência, em busca frenética do “atual”, de uma *“existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo”* [BENJAMIN, 1993, p.119].

As reflexões de Hannah Arendt no prefácio da obra *Entre o*

*passado e o futuro* [ARENDT, 1992, p.28-42] ajudam a compreender o significado da desincorporação da *experiência* no mundo contemporâneo, a partir das afirmações de que a privação do contato com o passado, uma vez que o “fio da tradição” está rompido, fez com que a herança a ser transmitida fosse simplesmente abandonada. Em suas palavras,

*“O testamento, dizendo ao herdeiro o que será seu de direito, lega posses do passado para um futuro. Sem testamento ou, resolvendo a metáfora, sem tradição -que selecione e nomeie, que transmita e preserve, que indique onde se encontram os tesouros e qual o seu valor- parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem. A perda [...] consumou-se por um olvido, por um lapso de memória que acometeu não apenas os herdeiros [...], como também os atores, as testemunhas[...]; em suma, os próprios vivos”* [ARENDT, 1992, p.31].

Mais do que simples alerta ou desalento, tais colocações denunciam as implicações da nova forma de relação com o patrimônio cultural humano, agora desvinculado da sabedoria acumulada pelas gerações. Neste processo, nem produtores, nem herdeiros estão ligados pelos fios que possibilitavam a idéia de pertencer e integrar-se à humanidade, dando-lhe continuidade.

As colocações consideradas até aqui apontam para distinções fundamentais que caracterizam a passagem do mundo tradicional para o mundo moderno, marcado, segundo os autores, pela supremacia da técnica na vida dos homens e dos grupos. Elas permitem entrever, também, sua proliferação em todas as dimensões humanas, impondo modos de pensar, agir e sentir aos

indivíduos, proporcionando apenas uma vaga e nublada imagem do significado intrínseco da vida, reduzindo seu objetivo ao “*mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios*” [ARENDR, 1992, p.119]. Em tais circunstâncias está o ser humano, à mercê de um mundo que desconhece e, ao mesmo tempo, diante da impossibilidade de comunicação das experiências, já que a inexistência de territórios simbólicos comuns submete-o a processos que estão além de sua capacidade de assimilação e expressão.

O distanciamento entre o patrimônio humano e a profusão de informações na contemporaneidade gerada pelo desenvolvimento progressivo da técnica em nosso século, não apenas refletem sobre as relações efetivas entre presente e passado, mas, especialmente sobre as condições de articulação entre mundo subjetivo e objetivo que envolvem o sujeito. É, pois, a partir das questões ético-filosóficas que estão implicadas na ruptura entre o mundo tradicional e a atualidade que Walter Benjamin constrói seu conceito de *experiência* (Erfahrung) desenvolvendo-o ao longo de toda sua obra, desde um texto do mesmo nome na sua juventude, passando por um ensaio sobre o conceito em Kant, diversos textos na década de 30 e as teses de 1940. Neles, o autor busca ampliar o conceito contra seu uso redutor, conforme assinala Gagnebin [BENJAMIN, 1993, p.9], a partir dos quais (especialmente sua produção da década de 30) a analista retira referências acerca das acepções do termo.

Segundo Gagnebin são duas as concepções para o conceito de *experiência*, em Benjamin, distintas em nome e natureza: *Erlebnis* e *Erfahrung*.

O termo *Erlebnis* é tomado, assim, para definir a concepção “*experiência vivida, característica do indivíduo solitário*” no mundo

capitalista moderno e que se expressa através de “formas ‘sintéticas’ (...) de narrativa” [GAGNEBIN, 1993, p.10-11].

*Erfahrung*, por sua vez, identifica formas de *experiência e narrativa* espontâneas, “oriundas de uma organização social comunitária centrada no artesanato” [GAGNEBIN, 1993, p.9]. O autor, conforme aponta sua analista, não se isenta porém, apesar da constatação das alterações inequívocas das formas de produção no mundo moderno, de insistir “sobre a necessidade de reconstrução da *Erfahrung* para garantir uma memória e uma palavra comuns, malgrado a desagregação e o esfacelamento do social” [GAGNEBIN, 1993, p. 9].

Com a explicitação de uma nova modalidade de *Experiência* desenvolvida no bojo das formas de produção do mundo capitalista -a *Erlebnis*-, Benjamin recupera o valor da *Erfahrung*, vinculando a linguagem e a expressão narrativa aos processos de construção social.

No ensaio *Experiência e pobreza* [BENJAMIN, 1993, p.114-119] tais distinções assumem dimensão concreta, a partir da noção de conselho definida pelo autor, segundo a qual, as experiências dos mais velhos eram transmitidas aos jovens, “boca a boca”, de geração em geração, próximo ao momento da morte; quase em segredo, procurando alertá-los, de forma benevolente ou ameaçadora, para os verdadeiros valores da vida.

Tais histórias, narrativas com características específicas, não são, segundo Benjamin, estruturas fechadas impostas como verdade absoluta. Essas narrativas, embora contemplem a “irreducibilidade do passado, saberiam deixá-lo inacabado” e respeitariam a “imprevisibilidade do presente” [GAGNEBIN, 1994, p.72]:

*“Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história [...]. Para obter essa sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história [...]. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” [BENJAMIN, 1993, p.200]*

A sabedoria a que se refere pode ser encontrada nos conselhos de senso prático, observado em muitos narradores:

*“[...]encontramos esse atributo num Gotthelf, que dá conselhos de agronomia a seus camponeses, num Nodier, que se preocupa com os perigos da iluminação a gás, e num Hebel, que transmite a seus leitores informações científicas em seu ‘Schatzkästlein’ (caixa de tesouros). Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” [BENJAMIN, 1993, p.200].*

Esse saber, constituído pela relação direta com os objetos do mundo é também produzido, segundo Benjamin, pelas histórias contadas:

*“O saber, que vinha de longe -do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição-, dispunha de uma autoridade que era válida mesmo que não fosse controlável pela experiência [BENJAMIN, 1993, p.202-3].*

É da própria *experiência*, portanto, e do que é contado pelos outros, que o sujeito que narra retira a matéria do seu discurso, reelaborando-a em sucessivos processos de significação capazes de transformá-la em sabedoria:

*[...] É no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida -e é dessa substância que são feitas as histórias- assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens -visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem dar conta disso- assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos ao seu redor. Na origem da narrativa está a autoridade” [BENJAMIN, 1993, p. 208]*

Em oposição a esta forma específica de narratividade fundada na *experiência coletiva* –a *Erfahrung*-, outras formas de narratividade tornam-se predominantes (a informação jornalística e o romance), resultado da perda da tradição comum que deixaria de oferecer bases seguras de orientação no mundo. O autor estabelece, ainda, diferenças de natureza entre ambas: enquanto a *Erfahrung* não exige verificação imediata, a informação procura “enxugar” a história, exaurindo os aspectos de dubiedade:

*“Cada manhã recebemos notícias de todo mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhadas de explicações . Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações” [BENJAMIN, 1993, p.203]*

Para Benjamin, portanto, enquanto a informação oferece poucos espaços para a inserção do receptor, na narrativa ele é livre para interpretar a história como quiser, “e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação” [BENJAMIN, 1993, p.202], cujo valor, ao contrário, se esgota no momento em que deixa de ser nova.

De maneira conclusiva, Benjamin circunscreve a *experiência* ao processo de acumulação de um saber interessado em valores construídos ao longo da vida, do qual apenas o velho é possuidor. Com isto, além de estabelecer uma significativa distinção entre saber especializado e sabedoria, Benjamin recupera a função social do ancião, desconsiderada no sistema de produção capitalista. É com a imagem do conhecimento construído pouco a pouco -feito e refeito-, ao longo do tempo, que o autor sintetiza suas concepções acerca da natureza da matéria de que é formada a *experiência* e o modo de produzi-la.

Benjamin, porém, preocupa-se também com os processos transmissão da *experiência*, objeto de suas reflexões nos referidos ensaios.

Como já exposto, estabelece uma relação direta entre o declínio da *experiência* (*Erfahrung*) e o fim da arte de contar, ambos produzidos a partir do esfacelamento de uma “tradição e memória comuns, que garantiam a existência de uma experiência coletiva, ligada a um trabalho e um tempo partilhados, em um mesmo universo de prática e de linguagem” [GAGNEBIN, 1993, p.11].

A perda de canais de comunicação da *experiência* na sociedade contemporânea resulta segundo as análises de Gagnebin, de fatores específicos. O primeiro está vinculado ao distanciamento entre narrador e ouvintes, segundo o qual,

*“a experiência transmitida pelo relato deve ser comum ao narrador e ao ouvinte. Pressupõe, portanto, uma comunidade de vida e de discurso que o rápido desenvolvimento do capitalismo, da técnica, sobretudo destruiu. A distância entre os grupos humanos, particularmente entre as gerações, transformou-se hoje em abismo*

*porque as condições de vida mudam em um ritmo demasiado rápido para a capacidade humana de assimilação. [...]*  
[GAGNEBIN, 1993, p. 10]

O segundo, assinala a autora, está ligado ao processo de ruptura - uma cisão- entre palavra e vida:

*“esse caráter de comunidade entre vida e palavra apoia-se ele próprio na organização pré-capitalista do trabalho, em especial na atividade artesanal. O artesanato permite, devido a seus ritmos lentos e orgânicos, em oposição à rapidez do processo de trabalho industrial, e devido a seu caráter totalizante, em oposição ao caráter fragmentário do trabalho em cadeia, por exemplo, uma sedimentação progressiva das diversas experiências e uma palavra unificadora. O ritmo do trabalho artesanal se inscreve em um tempo mais global, tempo onde se tinha, justamente, tempo para contar”*  
[BENJAMIN, 1993, p.11].

O terceiro aspecto está vinculado à descontextualização da *experiência* em relação aos aspectos práticos de sua aplicabilidade:

*“Aquele que conta transmite um saber, uma sapiência, que seus ouvintes podem receber com proveito. Sapiência prática, que muitas vezes toma a forma de uma moral, de uma advertência, de um conselho, coisas com que, hoje, não sabemos o que fazer, de tão isolados que estamos, cada um em seu mundo particular e privado”* [BENJAMIN, 1993, p.11]

Os três princípios associam *experiência* e modo de produção, sendo o tempo e a proximidade fundamentais para o processo da transmissão. O contato direto entre pessoas, mediado pelo fazer do ofício, ao deixar livre a reminiscência e a voz como instrumentos para a trama entre memória e imaginação, propiciava um espaço

de circulação à *experiência* do narrador. A produção e transmissão da *experiência* estavam asseguradas, segundo o que se deduz, nos processos de produção, pelo modo de trabalho que se refletiam na estrutura do discurso da *experiência*.

Benjamin faz entrever, também, aspectos relativos à finalidade da *experiência*. Ainda que na modernidade os espaços, os modos de transmissão e o seu sentido estejam cada vez mais comprometidos, o autor reforça sua importância na construção do tecido social. Longe dos equívocos de um discurso moralista que elevasse à categoria de “Verdade”, o discurso da *experiência* do moribundo, coloca a narrativa do velho à mercê da experiência dos ouvintes. Neste sentido, coloca Gagnebin:

*“O conselho só pode ser portanto, dado se uma história conseguir ser dita, colocada em palavras, e isso não de maneira definitiva ou exaustiva, mas, pelo contrário, com as hesitações, as tentativas, até as angústias de uma história que ‘se desenvolve agora’, que admite, portanto, vários desenvolvimentos possíveis, várias seqüências diferentes, várias conclusões desconhecidas que ele pode ajudar não só a escolher, mas mesmo a inventar, na retomada e na transformação por muitos de uma narrativa à primeira vista encerrada na sua solidão”* [GAGNEBIN, 1994, p.72-3].

Nessa perspectiva, a *experiência* torna-se instrumento da construção e da reelaboração da malha simbólica que arquiteta as relações socioculturais, nas quais toda a coletividade pode e deve interferir. Pela narração, a *experiência* é socializada, reelaborada e reintegrada à vida, combinando com outras *experiências* e verdades.

O rompimento do fio da tradição não significaria, portanto, que o

avanço da humanidade pudesse descartar esta característica singular à espécie humana, de manter e de dar cuidado ao mundo em que vivemos. É por isso que Benjamin aponta para a existência de uma nova barbárie que assola a humanidade, fundada sobre a pobreza de *experiência* (não mais isolada ou privada), em desenvolvimento a partir da supremacia da técnica sobre o homem.

Nestas proposições, Benjamin insere a *experiência* como elemento essencial à continuidade da dinâmica social, ao mesmo tempo em que lança o desafio para a busca de alternativas de resgate e reinserção da *experiência* no espaço simbólico coletivo.

## ***Mediação: perspectivas de um conceito***

Se considerarmos dois pólos -A e B-, podemos caracterizar a *mediação* enquanto ato que permite a relação entre os referidos elementos. Numa concepção passiva (tecnicista, “neutra”) de *mediação* o mediador teria como função a simples transferência da informação; um canal entre os dois pólos. Ao contrário, numa concepção dinâmica, participativa, interativa de *mediação*, a ação tenderia a intervir entre os dois pólos, definindo e/ou alterando as relações entre eles.

Tal ação, de outro lado, não depende exclusivamente da ação humana direta, podendo ser praticada por diferentes instrumentos que atuam de forma isolada ou conjugada, subjetiva ou objetivamente, englobando, inclusive, o conjunto de saberes e sentires que estão internalizados pelos sujeitos. A relação homem-mundo é uma relação mediada por símbolos, por instrumentos, por outros homens.

Nesse quadro, os serviços culturais passam a ter importante papel de *mediação* das novas relações com o mundo, em contextos contemporâneos, quando formas de relação “espontânea” com a cultura são cada vez mais substituídas por forma intermediadas por organizações como museus, bibliotecas, meios de comunicação de massa, entre outros.

Neste sentido, *mediação* neste trabalho será toda a ação exercida pelos serviços culturais, por meio de suas concepções, práticas, modos de organização e que atuam na definição dos termos nela envolvidos. Em razão disto, é importante destacar que a acepção

de *mediação* decorrente dessa posição não é a de entender *mediação* como

*“ação de servir de intermediário (...) entre dois termos ou dois seres (considerados como dados independentes)”* [Lalande, 1996, p.656]

Ao centrar-se nos aspectos dinâmicos da *mediação*, tal acepção não atenta senão para os aspectos físicos do processo, sem conseguir dimensionar outros níveis implicados na ação.

O conceito de *mediação* utilizado neste trabalho afina-se, portanto, com outra importante acepção proposta por Lalande, segundo a qual, trata-se de

*“ação de servir de intermediário entre um termo ou um ser do qual se parte, e um termo ou um ser ao qual se chega, sendo esta ação produtora do segundo, ou pelo menos condição de sua produção”* [LALANDE, 1996, p.656].

Se a atividade do *mediador* é entendida como fundamental aos destinos das relações entre os termos, por outro lado, o enfoque à intencionalidade permite chamar a atenção da ação *mediadora*, em oposição à neutralidade implícita na primeira concepção.

Tal compreensão, encontra sustentação na filosofia dialética de Hegel, que define *mediação* como

*“fato e ato de passar de um primeiro termo para um termo diferente, que é a antítese do primeiro”* [THINES, LEMPEREUR, s.d., p.573-4], sendo possível, dessa forma, acrescentar um outro significado ao conceito, no sentido de compreendê-lo como instrumento de construção de novas representações, distintas

daquelas que lhes deram origem, ou seja, ato de transformação.

Se com Lalande [LALANDE, 1996, p.656] podemos dizer que a *mediação* é produzida tanto por ações (internas e externas), quanto por seus instrumentos, podemos considerar as colocações de Rambaldi que define a natureza como fundamento das *mediações*, a partir da qual a realidade espacio-temporal é produzida ela própria, por *mediações*, forjadas historicamente. Segundo ele,

*“conceitos, objectos e relações (não) se podem alinhar em correspondências mecânicas, perfeitamente estanques, isentas de contradições intrínsecas e de desenvolvimentos que as medeiam”*  
[RAMBALDI, 1988, p.143-174]

Ratner incorpora outros elementos ao conceito, considerando que a consciência humana é fruto de *mediações*, atribuindo à atividade mental (memória e pensamento), às relações sociais (sociabilidade) e às tecnologias (instrumentos) a responsabilidade pela organização da

*“nossa sensibilidade aos estímulos, nossa percepção, cooperação e memória deles, e nossas reações a eles”* [RATNER, 1995, p.13-14]

Os estudos de Vygotsky, dentro da corrente sócio-histórica da Psicologia, alargam significativamente a concepção do conceito de *mediação*. Para ele,

*“mediação é toda intervenção de um terceiro ‘elemento’ que possibilita a interação entre ‘termos’ de uma relação”* [PINO, 1991, p.32-43].

Vygotsky em suas teses estabelece que a

*“relação homem/mundo (é...) uma relação mediada por sistemas simbólicos”* [OLIVEIRA, 1993, p.32-43], sendo as funções psíquicas produto das *“relações sociais interiorizadas”* [PINO, 1991, p.34].

Nos seus estudos, o cientista enfatiza que os mecanismos de percepção humana, desde os primeiros estágios do desenvolvimento infantil, estão determinados não exclusivamente pelo sistema sensorial natural responsável pela captação de sons, cheiros, imagens exteriores, mas ao contrário por um complexo sistema de representações construído culturalmente, que atua nos processos de significação do universo concreto e, neste sentido, a humanização dos sujeitos é “processo” de reconstituição social do que foi adquirido e acumulado pela espécie [PINO, 1991, p.35].

Neste sentido, é por meio da linguagem que ocorre o processo de incorporação progressiva (da criança) à comunidade humana, forma unívoca de internalização da cultura que torna o indivíduo social, humanizado.

Estabelecendo uma diferenciação importante entre os diferentes dimensões e níveis da palavra, considerando que a linguagem enquanto sistema articulado de signos veicula significados instituídos e até certo ponto estáveis, porém mutáveis -o que dá o caráter polissêmico das palavras- Vygotsky, segundo Pino, considera que

*“esses significados adquirem significação concreta no contexto da interlocução”* [PINO, 1991, p.39].

Tal concepção ganha reforços nas teses sobre a questão formuladas por Bakhtin, segundo o qual

“a palavra (...) é o território comum do locutor e do interlocutor” [PINO, 1991, p.39] onde o discurso (ou interlocução) gera o processo de produção social da significação.

Nesta perspectiva, o conceito de *mediação semiótica* em Vygotsky oferece novos desafios aos processos de construção de relações sujeitos e informação, com lugar de destaque ao papel da linguagem e às interações a partir dela.

Por fim, vale lembrar que este trabalho, ao tomar o conceito de *mediação cultural*, utiliza-o para fazer referência às intervenções e processos em serviços e instituições de informação e cultura especializados, como bibliotecas, museus, arquivos, centros de cultura, dentre outros. Desse modo, se a *mediação cultural* ocorre nos mais diferentes espaços sociais, interessa-nos aqui a *mediação* especializada, feita, em geral por profissional (mediador cultural).

## PARTE IV

### ***Estação Memória:***

#### **novos saberes, novas *mediações***

Dentre os diferentes aspectos que estão na constituição da *Estação Memória*, passarei a relatar alguns processos de que participei, direta e intensamente, e a partir dos quais procurarei, à medida que relato, discutir aspectos implícitos do conceito de *mediação cultural*, tendo em vista a sistematização final de referências que possam contribuir para a sua construção numa perspectiva dinâmica e interacionista, em que o mediador cultural apareça como sujeito de uma práxis criadora [VASQUEZ, 1977], tal como a define Vasquez. ao estudar a filosofia da práxis. Segundo ela, “a práxis se apresenta ou como práxis reiterativa, isto é, em conformidade com uma lei previamente traçada e cuja execução se produz em múltiplos produtos que mostram características análogas, ou como práxis inovadora, criadora cuja criação não se adapta a uma lei previamente traçada e culmina num produto novo e único” [VASQUEZ, 1977, p.246].

Se há distinção entre uma e outra, “a prática reiterativa tem parentesco com a espontânea e a criadora com a reflexiva”. (Porém, esses) vínculos não são imutáveis; eles se dão no contexto de uma práxis total, determinada, por sua vez, por um tipo peculiar de relações sociais” [VASQUEZ, 1977, p.246].

Os critérios niveladores, segundo Vasquez seriam “o grau de consciência revelado pelo sujeito no processo prático” (e) o grau de criação demonstrado pelo produto de sua atividade” [VASQUEZ, 1977, p.246]. Vasquez lembra que “não se trata de critérios que levem em conta somente o sujeito, nem o objeto” [VASQUEZ, 1977, p.246]. Isso se deve ao fato de que “o sujeito e o objeto se apresentam em unidade indissolúvel na relação prática (e) existe também estreita relação entre um critério e outro. O grau de consciência que o sujeito revela no processo prático, não deixa de se refletir na qualidade do objeto e vice-versa. Mas essas influências mútuas, em virtude do contexto social que a práxis se verifica, não se dão de maneira estática e absoluta” [VASQUEZ, 1977, p.246].

É pois, na busca de categorias que possam contribuir na qualificação dessa práxis criadora que passaremos a relatar as *mediações* de que participamos na constituição e desenvolvimento da *Estação Memória*.

# Capítulo 1

## Tratamento das memórias

### Coleta

À medida que eu travava contato com os depoimentos gravados, que estariam na base da *Estação Memória*, também saía a campo para entrevistar alguns idosos, instrumentalizando-me nos processos de produção da matéria que constituiria o acervo primário do novo serviço de informação para crianças e jovens e ponto de partida dos processos de *mediação*.

Num primeiro momento, acompanhei outros entrevistadores, observando seus procedimentos técnicos e atitudes, bem como reações dos entrevistados, colocando-me *em situação* antes de iniciar o trabalho individual como entrevistadora. Após algumas sessões, consultei a lista dos indicados, escolhi alguns nomes, providenciando os primeiros contatos para o encontro de coleta de histórias de vida dos idosos.

Por razões do recorte proposto nesta investigação, não abordarei questões acerca da coleta de depoimentos. Porém, é indispensável deixar registrado que o processo foi essencial para a apropriação da natureza da informação que estava sendo produzida e,

sobretudo, à criação de vínculos com a matéria que constitui o serviço. Um princípio essencial resultou do processo: mediador e matéria necessitam interagir, comentar-se, estar implicados reciprocamente, num jogo dinâmico e permanente, de conhecimento e reconhecimento, de revelações e esquecimentos.

## Artigos de jornal

O trabalho de transformação dos depoimentos originais em artigos de jornal, que compunham a coluna quinzenal “Era uma vez...no baixo Pinheiros”, da *Gazeta de Pinheiros*, foi um grande desafio. Ao deixar a opção de jornalismo, -razão de minha entrada na ECA-pela de biblioteconomia, não imaginava as dificuldades de que eu abria mão. Editar um texto sem trair o autor é uma tarefa ao mesmo tempo fascinante e arriscada.

Na primeira fase do projeto, os depoimentos eram parcialmente transcritos e reelaborados no formato de coluna de jornal, conseguindo-se, deste modo, que os relatos chegassem à rua (ainda que com alguma irregularidade), uma vez que era necessário e urgente que os murmúrios dos velhos se transformassem em vozes fortes e fossem escutadas em diferentes pontos da cidade...

A produção dos artigos exigia escuta atenta dos testemunhos, retirando deles, sem mutilar, os trechos essenciais, tentando ser fiel ao “dito”, mas, ao mesmo tempo, percebendo o “indizível” que se revelaria somente no momento de compor o texto.

O limitado espaço no jornal obrigava a que os artigos fossem curtos, não mais que vinte e poucas linhas. Horas de conversa tinham que ser apreendidas e sintetizadas, o que exigia a compreensão dos critérios de criação do texto jornalístico, combinados às demais percepções apreendidas sobre o entrevistado e seu testemunho.

O título da coluna do jornal *-Era uma vez no baixo Pinheiros...* era o primeiro critério de orientação para a abordagem do depoimento.

O “jargão” introdutório dos contos de fadas procurava indicar que o texto subsequente propunha a entrada na dimensão ficcional dos relatos. Tal artifício de linguagem abria espaço e tentava “avisar” aos leitores que as memórias ali contadas, estavam também sendo recriadas pelos autores dos artigos, tomados pelo fluxo da imaginação e do esquecimento que nubla a nitidez das lembranças, influenciados por imagens projetadas pela vozes e por ressonâncias por elas próprias produzidas.

No momento da produção dos artigos, os depoimentos sofriam tripla interferência da *mediação*:

- a) - em função das informações selecionadas: apenas parte era destacada para compor o texto final, a critério do autor do artigo que extraía os trechos que, no seu entender, seriam mais significativos da narrativa;
- b) – em função das informações introdutórias: o conjunto de informações desprezadas na composição dos artigos, era tomado como referência para a formulação de uma idéia geral sobre o entrevistado, introduzindo os trechos de fala escolhidos
- c) – em função da forma discursiva adotada: introdução do tom “ficcional”, através do “Era uma vez”, no título; “colagem de fragmentos articulados formando um texto coeso, forte, capaz de deixar forte impressão no leitor, recuperando o impacto da situação original.

A opção por este método de construção do texto jornalístico visava, em primeiro lugar, dar referências para a formulação de imagens de apoio ao interlocutor do texto e, ao mesmo tempo, criar um recurso de linguagem que indicasse ser ele, o próprio entrevistado, o autor

das memórias, embora houvesse ali construção realizada pelo *mediador*, transformado em editor do texto.

Os exemplos a seguir procuram ilustrar a sistemática adotada. No artigo sobre Dona Clara Marques Perrotti, editado por mim, a introdução situa seu discurso num determinado tempo e espaço, sem entretanto definir datas e localidades precisas:

*Dona Clara (...) conta sua história de quase 70 anos no bairro (...).*

De outro lado, a frase introdutória revela um temperamento do entrevistado, que se reflete na sua narrativa, mas que até então, era somente conhecido pelos interlocutores que tiveram acesso ao depoimento gravado:

*De um jeito deliciosamente “despachado”.*

No outro artigo, sobre dona Georgina Azzar, a introdução dá referências sobre sua família, a qualidade de suas pomadas, seu interesse pelas coisas, elementos percebidos no ato da entrevista, no curso da audição integral do depoimento, ou obtido por pessoas que tenham feito referências ao entrevistado, sem, necessariamente, terem sido suas as informações, como pode ser avaliado no trecho abaixo:

*Com a vivacidade de quem continua atenta ao curso da vida, apesar de já ter ultrapassado os 80 anos, Dona Georgina Azzar conduz a conversa por caminhos que ela insiste em chamar de “tempos passados”. A excelência de seus unguentos, tornou-a personagem conhecida não apenas no bairro como em toda a cidade. De família pioneira, foi de seus pais a primeira agência de correios de Pinheiros. Ela funcionou ali, na rua Monte Alegre, atrás da*

*Igreja, onde Dona Georgina vive até hoje.*

A produção da introdução, portanto, tornava-se um trabalho de síntese entre diferentes informações que, de algum modo, procuravam articular-se à história subsequente, construída a partir do resgate e da combinação de frases ditas pelo entrevistado, que engajam os assuntos e episódios narrados.

Exemplo 1 – José Simão Filho (editor: Antonia de Souza Verdini)

*Os casos acumulados por José Simão Filho, ao longo dos seus 84 anos; os registros, os documentos sobre Pinheiros são como um passaporte para o sonho. Mostrando uma foto aqui, um jornal antigo ali, refazendo acontecimentos e personagens, "seu" Simão expõe ao ouvinte uma cidade fantástica que reside e resiste nos subterrâneos da memória.*

*E ele conta: "Sempre fui um alfarrabista. Coleciono tudo com um prazer extraordinário. Jornais, desde os onze anos. Dá gosto abrir antigos jornais de bairro: o Argus, o Mensageiro Cotiano, o Pinheirense, a Folha e a Gazeta de Pinheiros. Alguns até ajudei a fundar. Escrevi muito sobre o bairro nos jornais... A velha ponte! O Largo... Ah, que paixão passear pelo largo de Pinheiros! Tinha um mercadinho antigo, onde comíamos sanduíches de bacalhau, pastéis de milho com caracu... Lembro até hoje de um senhor português, que dormia no coreto, com a bíblia debaixo do braço... Dizem que ficou desmiolado quando soube que a mulher tomava anticoncepcionais... E os banhos e pescarias, antes de começarem a jogar lixo no rio... O futebol na várzea, com as jogadas do Feitiço, do Aço Duro? Às vezes, íamos ao cinema na cidade. Meu pai não deixava. Eu ia escondido, levando a gravata no bolso. Arrumava-me*

*no caminho. Andávamos muito para chegar no ponto final do bonde. A linha não vinha até o Largo de Pinheiros. Pegávamos o bondinho verde dos operários que vinha engatado atrás do outro. Por um tostão se viajava!...*

Exemplo 2 – Arthur Garcia – “Nêne” (Editor: Ivete Pieruccini Faria)

*Filho de imigrantes espanhóis, Arthur Garcia, o "Seu" Nêne, exerce, até hoje, aos 82 anos, o ofício de sapateiro. "Meu pai, relata "Seu" Nêne, tinha oficina de selaria na Teodoro Sampaio e eu e meu irmão mais velho, desde pequenininhos ficávamos lá para ajudar no serviço. Por lá passavam carroças puxadas por burros ou bois que carregavam carvão e lenha. Elas vinham do Caxingui, do Taboão e subiam a Teodoro. Na escola, eu e meu irmão fomos até o 3º ou 4º ano, quando saímos e fomos obrigados a trabalhar para ajudar os velhos. Arranjamos serviço numa fábrica de calçados na rua Augusta. Trabalhei quase 11 anos lá, mas depois a fábrica fechou e a indenização nós só fomos receber depois de 6 anos. Era pequena, mas o Sindicato conseguiu fazer os operários receberem. Prá ir pro trabalho, eu pegava o bonde "cara dura que custava 1 tostão, mas quando eu saía atrasado era obrigado a pegar o bonde que custava 200 réis. Calcula a diferença? Quando tinha aumento no preço da passagem, os estudantes da Medicina chegavam a pôr mesa de pingue-pongue no meio dos trilhos do bonde, ali perto do Araçá... Às vezes, no domingo de manhã, eu, o meu pai, o compadre dele e os meus irmãos, íamos pescar no rio Pinheiros. Íamos onde é hoje a Cidade Universitária, no lugar onde hoje tem competição de barco. Nós pescamos muito lá. O rio era uma beleza, viu. Você via os peixinhos lá*

*embaixo e até podia tomar água. Mas o que eu gostava mesmo, era jogar futebol. Eu só pensava em jogar futebol. Joguei na maioria dos clubes de Pinheiros: no Jardim América, no Butantã, no Hípica, no Barqueiros -o time do João Peralta. Joguei também no Guarani, que era um clube feito por nós mesmos, entre os amigos da esquina. Depois do futebol, que era no domingo ou feriado, a gente ia prá casa e à noite se encontrava na esquina da Teodoro Sampaio com a Capote Valente. De lá, nós íamos pro cinema no Largo do Arouche que dava 5 ou 6 filmes e a sessão ia até onze e meia da noite. Ia aquela turma todos os domingos... No clube que eu jogava futebol, o Esporte Clube Guarani, tinha uma sede, um quartinho, e tinha uns dois ou três que sabiam dançar; os outros eram todos 'burro chucro' Aí, os que não sabiam dançar começaram a ensinar os que não sabiam. Depois, não queriam mais jogar futebol; contrataram um sanfoneiro e começaram os ensaios com as damas. Foi lá que eu conheci a minha esposa. No Carnaval, o pessoal fazia os cordões, a gente vestia calça branca, a camisa do clube, de mulher, e íamos prá todos os salões... Desde criança eu toco bandolim. Aprendi a tocar com um cego, filho do dono da venda da esquina, perto de casa. Mais tarde, a gente fez um grupinho: eu com o bandolim, meu irmão com o violão, tinha um pretinho com cavaquinho e outro com pandeiro. De noite, a gente ficava na minha casa, na Capote Valente, tocando. A porta ficava cheia de gente. Às vezes, a gente fazia serenata na rua. Era bonito aquele silêncio de madrugada..."*

Exemplo 3 (Editor: Maiah Pinsard Vianna)

*Sr. Orlando Manso, 74 anos, nasceu em Pinheiros na rua Itapiruçu, hoje avenida Rebouças. Trabalhou muito, desde*

cedo. Fez carreto de areia, de pedra, de tijolo, de madeira, de carvão, de leite. Morou e trabalhou no bairro. Andou longe, também, por causa do trabalho, mas sempre ligado ao bairro. Suas lembranças são claras e ricas, o que nos permite acompanhar a vida do "Baixo Pinheiros" desde a década de vinte.

Ele conta: "Meus pais vieram da Província de Potenza, região da Basilicata, na Itália. Desembarcaram em Santos e chegaram a São Paulo subindo a serra a pé, se escondendo dos fazendeiros que "compravam" os imigrantes para trabalharem em suas fazendas. Meus pais queria ficam na cidade de São Paulo, por isso fugiram".

O rio está presente na vida de "seu" Orlando desde a infância. "Eu vinha sempre no rio nadar, pescar. Cabulava as aulas do Grupo Alfredo Bresser com os meus colegas. A gente pulava de cima da ponte, que era de ferro, e mergulhava no rio. Era bonito o rio, de água limpa, dava muito lambari, muita piaba, muito peixe. Nós subíamos o rio até Santo Amaro. Ali onde é o Eldorado, o rio fazia uma curva e depois seguia paralelo à rua Iguatemi (hoje Faria Lima). Até a Cidade Jardim era fácil ir, depois ficava difícil, porque tinha muitas pedras, muita curva, uma cachoeirinha e às vezes era preciso descer do barco com uma corda e arrastá-lo até passar as cachoeiras. Quando chovia muito inundava tudo por aqui e também do outro lado do rio. Onde é o Joquei Clube, hoje, formava um grande lago. As casas ficavam de água até o telhado. Do lado de Pinheiros eram chácaras e do lado do Butantã, muito mato e gado leiteiro.

Do rio nós tirávamos areia. Ali, da ponte para cima era tudo porto de areia. Só os caminhões eram carregados com pá, os bondes cargueiros eram carregados pelos guindastes. Me lembro das portuguesas que nos ajudavam a carregar

os caminhões. Elas davam um duro danado e animavam a gente: 'vamos garoto, quero ver se tu és homem'. Também a gente gostava de conversar com os boiadeiros que traziam a boiada para o matadouro de Santo Amaro e passavam pela estrada da boiada, hoje a avenida Diógenes Ribeiro de Lima. Pinheiros não tinha matadouro. Assisti duas vezes o estouro da boiada e os bois entrando pelas casas, derrubando as portas, machucando as pessoas. A turma matava os bois que ficavam furiosos. Para cozinhar era lenha ou carvão, não tinha gás. Muitas vezes fui buscar lenha, com meus irmãos, na Vila Madalena e no Pacaembu que era só mato. A pé. Deixei a escola no segundo ano e fui trabalhar de carreto com o nosso vizinho, um português. Puxava carvão, lenha, madeira para as padarias de Pinheiros, da Consolação. Areia para o cemitério São Paulo, cemitério do Araçá. Quando nós íamos para o mato buscar carvão, nós saíamos às duas da madrugada e chegávamos às sete, oito horas da noite e às vezes não chegávamos. Dormíamos no mato, a chuva nos atrasava. A lenha vinha de Cotia, Vargem Grande, Ibiúna, Piedade, Pilar do Sul, Capella de São Roque. Tinha diversão, também. O futebol que eu jogava no Corinthians Varzeano e os bailes. Na Vila Madalena, rua Mourato Coelho, tinha um salão onde todo sábado à noite e domingo à tarde tinha baile. Eu acabei ficando Diretor, que era o chefe do clube. Às vezes a gente se enfezava porque a turma era muito açanhada para tirar as mulheres para dançar. Eu, então, ia no meio do salão e gritava "dama tira cavalheiro", o Diretor é quem mandava. Eu quase não andava no centro da cidade. Quando comecei a viajar para fora de São Paulo é que atravessava o centro de caminhão. Era fácil, a cidade não tinha ainda prédios altos, as ruas eram vazias".

Exemplo 4 – Angelina Teixeira Fortes (Editor: Edmir Perrotti)

*A voz firme, a nitidez das lembranças, a vitalidade não traem em momento algum os 84 anos de D. Angelina Teixeira Fortes. Ela se lembra até do navio que a trouxe de Portugal para o Brasil, quando tinha três anos.*

*"Eu lembro quando entrei no navio, subi na ponte e fomos lá pro fundo. Minha mãe veio de imigrante, comigo e com meu irmão menor. Meu pai já tinha vindo antes. O navio chegou antes do dia marcado. Meu pai não estava no porto. Minha mãe ficou desesperada, chorava muito. Não conhecia nada, nem ninguém, não tinha dinheiro. Sorte que um casal ficou com pena da gente e nos trouxe até São Paulo, no bairro da Penha onde meu pai trabalhava numa chácara. Eu tinha uns dez anos quando vim para Pinheiros. Ainda lembro da saia que eu trouxe. Era marrom, assim de corpinho, com umas alças. Ficamos numa casa de pau a pique, ali na rua Paes Leme com a Amaro Cavalheiro. Luz, só de lampião e vela. Já éramos seis filhos nessa época. Ficamos ali até fazer a casa na rua Sumidouro, onde meu pai comprou uma chácara. Era tudo mato. Aí meu pai construiu, fez instalações para os que trabalhavam com ele, cocheira para os animais, poço, puxou luz da rua Paes Leme para a chácara da Sumidouro. Depois meu pai começou a plantar. Minha mãe ajudava, ia com ele vender as verduras no mercado, lá na cidade. Nessa época eu já ajudava bastante em casa. Brincava com meus irmãos, mas já trabalhava. Guardava os viveiros dos passarinhos, todos os dias, arrumava a casa, lavava a louça. Com 15 anos, tudo da casa era por minha conta. Lavava, cozinhava, passava, fazia pão. Na revolução de 24, toda a família que morava no Brás veio ficar aqui em Pinheiros, com medo das batalhas.*

*Eu amassava pão duas vezes por dia, fazia tudo para todo mundo. Ah, eu já fui escrava do trabalho. Trabalhei muito, a vida na chácara era boa, mas era dura para mim. Só depois que casei é que pude gozar a vida. Eu era a filha mais velha, tinha uma diferença grande com as outras, era só trabalho, trabalho. Sem contar que, à noite, eu bordava. Ficava sozinha bordando, fazendo enxoval. Todo mundo ia dormir. Às vezes morria de susto com os gatos no telhado. De manhã, era eu que preparava o café para todo mundo. Levantava e ainda estava escuro. Lutei muito, mas não me falta nada, graças a Deus, trabalho até hoje, faço salgadinhos sob encomenda, tenho uma freguesia enorme. Sou viúva. Moro sozinha, tenho dois filhos, netos, vivo feliz.."*

O piloto inicial, em torno de 20 artigos, ao gerar os artigos de jornal para a circulação pública dos testemunhos, permitiu experimentar riscos contidos nos procedimentos de *mediação* de memória, revelando-nos claramente o papel ativo do *mediador* em tais processos e a responsabilidade daí decorrente. A natureza do procedimento, fosse por razões de pertinência aos pressupostos educativos do projeto ou por insuficiências de outras ordens, chamava a atenção para o caráter ideológico (também) das novas memórias, resultado dos processos de *mediação*, mostrando, imediatamente, a necessidade de busca de procedimentos, que se interpusessem à “censura/traição deliberada ou involuntária” nos produtos elaborados a partir dos testemunhos coletados.

O exercício permitiu-nos perceber concretamente as colocações de Vygotsky sobre *mediação* semiótica e o papel da linguagem nesse processo. Mediar é atuar nas significações, é atividade de linguagem.

Eis, portanto, questão crucial que se coloca ao *mediador*: qual sua

concepção de linguagem, já que aqui se trava efetivamente a “luta pela memória”. Não foi sem razão que Benjamin dedicou-se ao estudo do ato de narrar. A linguagem é, ela própria, instrumento e forma, de *mediação*. É o estruturado/estruturante, onde se instala, às vezes escancarada, às vezes sorrateiramente, a *doxa*. Como evitá-la nos processos de *mediação* na *Estação Memória*, nos sistemas documentários, nas práticas culturais, eis questão essencial que se coloca e necessita ser considerada a todo momento pelo *mediador*.

Antes da produção do texto jornalístico já havíamos percebido as dificuldades que as linguagens documentárias existentes colocavam ao projeto.

Como diz Benjamin, o conceito de informação, subjacente a essas linguagens, ao se deter apenas nos aspectos sintáticos e de conteúdo explícitos dos registros, deixam escapar elementos, que neste contextos são estruturalmente definidores na construção de significação. A sabedoria do idoso é muitas vezes, um tom, uma pausa, um silêncio, um não-dito...

Nesse sentido, os referenciais e sistemas de recuperação de informação disponíveis na biblioteconomia clássica não dariam conta de representar aspectos essenciais do discurso em questão.

É preciso, portanto, um distanciamento crítico e um uso criativo e dinâmico dos sistemas instituídos, para se evitar as “emboscadas” do discurso da documentação. É preciso jogar com a língua, deslocar os sentidos, como nos ensina Barthes na sua *Aula*. Por outro lado, seria preciso que os profissionais desenvolvessem também trabalhos capazes de avançar sobre os limites dos sistemas existentes, deixando sempre claro que estes não escapam de sua condição: são constructos, interpretações, como

de resto todos os sistemas discursivos. A linguagem da documentação, nessa perspectiva, como todas as linguagens, é uma forma de “luta pela memória”, o que obriga os serviços de informação a prestar a devida atenção à constituição de seus códigos.

A seguir, mostraremos os passos da elaboração dos sistemas documentários da *Estação Memória*.

## Transcrições

O desenvolvimento do projeto em direção à constituição do serviços de informação fez avançar as investigações acerca de procedimentos metodológicos de tratamento dos conteúdos e dos documentos orais. Uma das questões mais preocupantes era a vulnerabilidade do suporte original dos registros (banda magnética), sobretudo em se tratando de documentos únicos e singulares e a exigência de equipamentos (uso de gravador) para audição dos registros.

Experimentamos, neste sentido, transformar os documentos orais em documentos escritos, transcrevendo algumas entrevistas.

O procedimento, lento e custoso, exigia, entre outras condições, disposição física e acuidade auditiva para articular, num único ato, a escuta e a escrita das “falas”. As histórias trazidas pelas vozes, algumas ainda fortes e sonoras, outras já enfraquecidas pela velhice, muitas quase murmúrios inaudíveis, às vezes até pela interferência dos diferentes ruídos, eram submetidas a um novo empobrecimento decorrente da mudança dos códigos.

As transcrições criavam documentos com a totalidade das informações, porém seu caráter extensivo não substituía a qualidade expressiva das nuances de tons, pausas e silêncios, irrecuperáveis nos sinais gráficos que os autores das transcrições esforçavam-se em tentar reproduzir. A singularidade dos conteúdos, ainda que passíveis de serem capturados pela língua escrita, deixavam de lado, entretanto, as expressões forjadas pela emoção do relato das suas mágicas histórias. As modulações da voz, as entonações, os “saltos” entre uma lembrança e outra, muito

comuns nas conversas entre entrevistador e entrevistado, perdiam, na grafia do texto, a força da palavra pronunciada, deixando apenas leves vestígios do que teria sido contado.

A constatação, evidenciando a redução a que o método de transposição de códigos submetia a matéria de que é feita a *experiência*, apontava para a insuficiência do procedimento.

Considerando que a guarda e conservação dos registros na *Estação Memória* objetivam exclusivamente a sua disponibilização para a audição e o desenvolvimento de produtos informacionais que viabilizem a circulação das memórias, a transcrição integral das fitas cassete representava a manutenção de um procedimento próprio a outras naturezas de serviços e necessidades que não respondem aos interesses em causa.

Em função dessas questões, estabelecemos que a transcrição escrita seria realizada pontualmente, iniciando-se, contudo, um processo de transcodificação dos registros em CD-Rom, tendo em vista atender às preocupações quanto à integridade dos documentos originais. Tal transcrição acha-se em curso e já indica que o procedimento é valioso aos processo de *mediação* em *Estação Memória*. A tecnologia informacional, conforme Le Goff, sempre esteve relacionada aos procedimentos de construção da memória.

## Base de dados

Os registros em fita cassete que compunham o acervo inicial da *Estação Memória* estavam apenas identificados pelo nome do entrevistado, data da entrevista e número da fita no próprio corpo do objeto. As demais informações existentes estavam registradas de modo não-sistemático, ou no próprio depoimento, ou em anotações esparsas, não centralizadas no núcleo do PROESI.

O primeiro procedimento foi juntar todos os dados disponíveis e, a partir deles, elaborar listagens que permitiam aos pesquisadores controlar e acessar informações sobre os entrevistados, ao mesmo tempo que mostravam as informações que ainda precisavam ser buscadas.

O quadro preliminar estabelecia categorias para a identificação dos depoimentos e de seus autores, a saber:

- a) - entrevistado: nome, endereço/telefone, data de nascimento, local de nascimento, profissão/ocupação, ocupação dos pais.
- b) - fita cassete: data da entrevista, entrevistador, quantidade de fitas, tempo de gravação, qualidade do registro. Em complementação, indicava-se a existência de artigo para o jornal com dados específicos da publicação e, posteriormente, as transcrições e seus respectivos autores.

Com esta listagem, realizamos uma série de desdobramentos:

- a) – catálogo alfabético, em fichas, para os entrevistados e outro para as entrevistas;
- b) – transformação do catálogo em listagem por computador;
- c) – pesquisa sobre base de dados informatizada.

Como a elaboração desses registros acabava exigindo a audição dos depoimentos para a busca de dados que faltavam, concluímos pela necessidade de criar três instrumentos de apoio: ficha do entrevistado, ficha da entrevista e ficha de autorização, usados já no ato da entrevista, com a finalidade de obter as informações sobre o depoente e o depoimento sem precisar recorrer à gravação.

O preenchimento das fichas (Anexo...) exigia uma aproximação entre entrevistador e entrevistado, que ajudavam na preparação para o depoimento posterior, facilitando a emergência das lembranças. Com as fichas, obtivemos:

- a) - padronização das informações sobre os entrevistados;
- b) - agilização de inclusão dos novos registros no conjunto de documentos;
- c) facilitação do processo espontâneo de rememoração, às vezes sobredeterminado pela necessidade de deixar registradas as referidas informações pessoais do entrevistado.

A ficha de autorização, assinada pelo entrevistado, concedendo direito de uso e publicação dos depoimentos pelo projeto, tornava-se necessária como garantia institucional.

Parte dessas informações foi incorporada à identificação dos documentos, substituindo os registros preliminares. (Incluir/colar uma etiqueta, como exemplo)

Analisando as informações da etiqueta de identificação, observamos que os dados sobre a entrevista ocupavam a grande parte dos campos disponíveis, enquanto as referências sobre o entrevistado eram poucas, quase insuficientes, evidenciando a necessidade de inclusão das demais informações como idade, origem, profissão do entrevistado, além de dados sobre a qualidade da gravação de modo a orientar, de imediato, o ouvinte.

O crescimento do volume de entrevistas e os materiais secundários que elas originavam, como fotos de diferentes tipos e temas, objetos doados ou emprestados, mostravam que os recursos até então criados seriam, brevemente, ineficazes para a articulação das diferentes naturezas de informação que a *Estação Memória* passava a produzir.

Em razão dos desenvolvimentos da etapa anterior, iniciamos, então, a pesquisa para a constituição de uma base de dados que contemplasse a concepção dinâmica de memória que orienta o projeto. Nesta perspectiva, entendíamos que a base de dados deveria ser instrumento de comunicação entre os diferentes atores que interagem no serviço, gerador de possíveis relações diretas com o documento integral e seus autores e não mero depósito para conservação de informações. Neste sentido, a base de dados deveria constituir-se em pólo central do sistema de informação da *Estação Memória*, concebida para articular, ao mesmo tempo, os diferentes registros, informações, suportes e linguagens, buscando a aproximação, sobretudo, dos dois grupos em foco no serviço: crianças e velhos.

Nas primeiras consultas a bases de dados existentes na rede de bibliotecas infanto-juvenis, na qual o serviço foi implantado, constatamos a inadequação das estruturas de tratamento e recuperação da informação, considerando as exigências quanto à natureza da matéria e ao uso previsto. Naquele momento (1993), iniciamos o primeiro estudo de base de dados para a *Estação Memória* no programa *DBASE*. Este, permitia inserir e alimentar dados com relativa facilidade, porém, era limitado em termos de recursos ortográficos e de códigos para registro de informações especiais, necessárias à identificação de dados e conteúdos existentes.

Além desses problemas de ordem técnica, juntavam-se os de natureza estética, como a configuração da tela, escura, feia, sem recursos visuais que tornassem a leitura mais amena. A complexidade de comandos alfanuméricos, por outro lado, tornava a base ultrapassada em relação aos programas operados por meio de ícones acionados pelo *mouse*.

Se o programa podia responder imediatamente à estruturação de um arquivo para a conservação e recuperação de dados sobre os registros existentes, não se aproximava, porém, minimamente das exigências e tentativa de adequação a padrões voltados às faixas etárias jovens, educadas na cultura da imagem.

A análise da base de dados em *DBASE* fazia concluir, portanto, que para atingir o objetivo de colocar crianças e jovens em diálogo permanente com a memória dos velhos, tínhamos que buscar programas que:

- a) - disponibilizassem de modo mais ágil e combinado as diferentes naturezas das informações existentes;
- b) - dispusessem de recursos para tratamento e recuperação de informações verbais e não-verbais, na tentativa de interagir com os níveis sensíveis e intelectuais do jovem “leitor”;
- c) – dispusessem de recursos para resgatar qualidades implícitas da matéria registrada, ou seja, a voz dos entrevistados.

As novas pesquisas indicavam que os programas existentes não respondiam à complexidade dos registros e dos usos previstos. De outro lado, era preciso que a base de dados da *Estação Memória* pudesse dialogar com outras já existentes, de qualquer porte. Dentro desta perspectiva, seria possível ampliar o circuito de circulação da memória dos velhos, motivo pelo qual optaríamos até

por adotar programas convencionais, já em uso nos sistemas de informação de grande porte.

Após discussões com a coordenação do projeto, fomos observar o sistema adotado pelos Departamentos de Bibliotecas da Secretaria Municipal de Cultura, analisando a possibilidade de inclusão da base de dados da *Estação Memória* no sistema Dobis-Libis, em uso na rede. O sistema, porém, mostrou-se inadequado naquele momento, exigindo estudos para a verificação de possível adaptação de uma página especial para inclusão de informações dos registros orais. A análise, que poderia resultar negativa, exigiria, entretanto, o deslocamento de técnicos envolvidos no projeto de controle e manutenção do sistema que congrega mais de setenta bibliotecas municipais. Em razão disso, resolvemos investir num programa para sistemas de menor porte, mas com possibilidade de diálogo com outras bases de dados.

A opção escolhida foi o *MICROISIS*, após consulta a alguns especialistas, como a Profa. Dra. Regina Keiko Obata, integrante do PROESI e o Prof. Fernando Modesto, do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, da ECA/USP, e em função dos recursos de que o *software* dispõe, como, por exemplo:

- a) – possibilidade de criação de campos, atendendo, pelo menos quanto às informações escritas, a um amplo espectro de necessidades, em especial à escrita ortográfica correta das palavras;
- b) - possibilidade de migração dos dados da base em *MICROISIS* para *WINISIS*, viabilizando o uso da multiplicidade de recursos do *Windows*, em especial áudio e visuais mais avançados. Com o uso do *WINISIS*, tornava-se possível a inserção de imagens referentes à *Estação Memória* no descanso de tela;
- c) – possibilidade de manipulação por comandos iconográficos;

- d) – possibilidade, graças a uma nova versão em teste, de inserção de registros sonoros, combinando-os a imagens e textos;
- e) - linguagem relativamente fácil do programa, agilizando o aprendizado e domínio pelos pesquisadores não-especializados do projeto.

Se tais recursos ainda se mostravam insuficientes para recuperar de modo mais íntegro o acervo de narrativas orais da *Estação*, já se constituíam num avanço em relação às alternativas até então analisadas. Porém, a exploração dos recursos disponíveis pelo programa em suas diferentes versões, ainda não foi possível naquele momento, em especial a incorporação de uma das características mais importante dos registros: a voz e a imagem dos velhos.

Sem a pretensão de substituir o depoimento integral pelos dados da base, pretendíamos que fosse um instrumento de *mediação* eficaz, o que nos colocava a necessidade de potencialização máxima dos recursos oferecidos pelos sistemas documentários.

As abordagens realizadas neste sentido mostraram que a produção de um instrumento de informação deste porte, utilizando tecnologias de ponta, exigiria um corpo profissional especializado, além de equipamentos sofisticados para a geração de produtos informacionais, cujos custos eram inviáveis em tais circunstâncias.

Como alternativa de adequação aos recursos de linguagem da base de dados em *ISIS/WINISIS*, procuramos explorar, através dos conteúdos dos depoimentos e da estrutura da planilha de dados da base, as qualidades das narrativas já que era impossível fazê-lo em relação à natureza da matéria (voz) que lhes dá corpo.

Em função desses percursos, o coordenador do projeto resolveu

incluir no corpo da planilha da base de dados, além de informações “objetivas”, um resumo informativo, a transcrição de uma fala do entrevistado, abrindo a tela do registro.

As etapas para a construção da base de dados foram:

a) – elaboração da planilha, em papel, com campos para:

- dados pessoais: nome, data de nascimento, local de nascimento, lugares aonde viveu, datas que marcaram sua existência civil desde o nascimento, atividades e profissões que forjaram sua atuação no mundo, alguns gostos, nomes de irmãos vivos, potencialmente interessados a dar entrevistas;
- materiais fornecidos pelo entrevistado: fotos, slides, objetos, dentre outros
- dados sobre a entrevista: data, entrevistador, quantidade de fitas, artigo de jornal, transcrição escrita, identificação da cópia em CD-ROM
- dados administrativos: endereço, telefone, data de morte e digitador dos dados.
- dados de conteúdo: cabeçalhos de assuntos gerais baseados nos temas que conduzem a entrevista: família, igreja, escola, trabalho, rua/bairro/cidade, namoro/casamento, em seu caráter simbólico e físico.

b) – audição dos registros: a *mediação* como “escuta”

A audição dos registros, como se observa pela estrutura da planilha, pautou-se por diferentes objetivos:

- complementação e conferência de eventuais dados, já coletados, porém exigindo novas verificações;
- identificação da localização dos temas nas fitas;
- obtenção de dados necessários à elaboração do resumo informativo contendo os dados sobre o entrevistado;

- busca de falas que pudessem ser usadas como apresentação do entrevistado na base de dados.

Além desses aspectos, a audição das entrevistas envolveu questões também de ordem objetiva, no plano físico, a saber:

a) - necessidade de isolamento e reclusão do *mediador/ouvinte*, como condição indispensável à aproximação entre os interlocutores. Um certo desligamento do mundo exterior revelou-se fundamental para a penetração nas e pelas palavras pronunciadas pelos velhos. Quebrado o envolvimento, as interrupções não significavam apenas perda de informação (até recuperáveis pelo contexto da narrativa), mas, sobretudo, ruptura na percepção do fluxo expressivo da fala, exigindo esforços para a retomada do ritmo da audição.

b) - prontidão e atenção para não deixar escapar falas, às vezes quase inaudíveis por insuficiências técnicas de gravação.

O ato da escuta, exige (re)educação do corpo para adequar-se à postura do ouvir. Provoca, por isso, certa fadiga, pela quase imobilidade durante horas diante gravador usando fones de ouvido. Diferentemente da audição para a obtenção de determinados dados objetivos que se esgota na captura da informação desejada, a escuta para a busca da expressão significativa do entrevistado envolve a entrega do corpo do “ouvinte” de modo (quase) exclusivo. A entrega, não apenas física, pede disponibilidade para a comunicação, num diálogo em que a voz não é apenas suporte da informação desejada, mas o veículo mesmo da expressão da *experiência*.

Nesse momento, o imaginário de quem escuta é chamado a completar certos circuitos, recriando imagens sugeridas pelos sons da fita cassete. Delas, o analista extrai não apenas o que considera

importante a ser ouvido, mas o que percebe como de fundamental interesse ser dito e explicitado pelo velho e recuperado pela cidade.

As vozes que testemunham tantas *experiências* contando histórias da família, da rua, da escola, da igreja, dos amigos, dos amores e dissabores alimentam a audição, insuflando-lhe imagens que as teorias matemáticas da informação chamariam de “ruídos”. O *mediador na Estação Memória* não ouve apenas. Escuta, acolhe e se embala. O tom de quase segredo, re(significa) os suspiros e interjeições, o medo e a tristeza dos adultos, quando a enchente do rio inunda tudo fazendo perder as plantações e o sustento de vida, a alegria dos ruídos das crianças brincando na rua, a dureza e a submissão dos corpos ao trabalho precoce para garantir a sobrevivência familiar, o prazer das festas, de ver, ouvir, de relacionar-se com a natureza, as cantigas de roda, o ronco da roda da carroça, o baile no quartinho...

A partir, portanto, da audição de um primeiro lote de aproximadamente 120 entrevistas, começamos a preencher os diferentes campos da planilha. Com esses discursos, compusemos o primeiro campo da base de dados, contendo citações que antecedem os demais campos informativos compostos a partir de dados objetivos.

O critério de seleção das citações dos entrevistados partiu de um princípio básico: a relação direta com a matéria, na escuta das entrevistas: a voz e a escuta, narrador e ouvinte...a *experiência* de narrar e a *experiência* da escuta, o jogo das memórias.

De um primeiro momento em que a audição das entrevistas vinha sendo realizada com a finalidade de obtenção de dados pontuais sobre os registros, ganhamos novas dimensões, na tentativa de apreensão da significação das lembranças dos velhos e, sobretudo,

na busca da sua essência em um pequeno trecho a ser escolhido.

Esses conteúdos, escritos entre aspas e colocados no primeiro campo de consulta, procuravam oferecer pontos de aderência com os quais o leitor pudesse identificar-se, sentindo-se estimulado, ele próprio, a escutar o depoimento integral.

A seleção das frases apresentava uma outra questão problemática porque, em geral, concorriam várias falas significativas, instituindo a dúvida. Nesses casos, estabeleceu-se que a opção recairia sobre as frases cuja estrutura lingüística original pudesse ser preservada, procurando neutralizar, tanto quanto possível, as interferências na composição do texto transcrito.

O resultado da produção, amplo e diversificado, com citações que cobrem vasto repertório das *experiências* humanas revelam, ao mesmo tempo, as possibilidades apresentadas pelas narrativas e a natureza do tratamento dado à matéria que as constitui.

Incluímos, a seguir, alguns trechos extraídos dos testemunhos, dentro do processo descrito e que foram utilizadas em diferentes produtos veiculados pela *Estação Memória*, como, por exemplo, os “bilhetinhos da sorte” oferecidos pelo realejo na Festa de...

## ***Inauguração...***



"...a gente ia pra chácara...nós todas...fazia aquele montão de amarrilhos pra amarrar aquele tomates no arame...  
Amarrava o tomate pra ele ir crescendo e ir subindo, então eu já saía de casa, já levava o sal no bolso...a gente nem lavava...passava no vestido, fazia um" furo com o dedo, enchia de sal e comia..."

Rosalina Teixeira Peralta

"...a gente ia trabalhar de madrugada...trabalhava contra a terra...A areia fazia um buraco no chão...se a gente não soltasse logo, não passava...encalhava...não podíamos descarregar, não se ganhava..."

João Pedro Peralta

“quando eu era moleque, nós tínhamos uns trinta empregados...nós saíamos à noite juntos...Nós vivíamos juntos, passeávamos juntos...”

Luís Della Manna

“...todo aniversário tinha festa na minha casa...Mas tinha o quê? Guaraná, bolinho, sanduichinho, muito gostoso, a vida caseira é muito gostosa...”

Waldemar Ciaccio

“...aquela rua que saía e ia até o Butantã era uma das ruas principais...era a rua do Comércio e se encaminhava através de uma ponte de madeira, estreita que fazia barulho quando os carros passavam...”

Zelinda Portanti Mazzieri

“...precisava puxar o barco com corda, todos aqueles que tinham porto de areia, que trabalhavam com areia ajudavam...”

Florinda Alves de Lima

“...na minha casa, o mais especial era o dia primeiro de janeiro, tradição japonesa...A gente se reunia na casa dos pais...”

Kioshi Mizumoto

Se de um lado, portanto, a estruturação da base de dados exigia o domínio de procedimentos técnicos, da audição dos registros à linguagem e recursos do programa utilizado, determinava, também,

a necessidade de definição de um outro nível de domínio: o domínio da capacidade de escuta, operação intelectual e sensível de acolhimento do outro enquanto processo de construção de si mesmo e do mundo. Escutar é um ato ativo por excelência e o *mediador* na *Estação Memória* deve estar pronto para dar acolhida às “vozes do passado” (Thompson), a fim de conectá-las com as do presente e do futuro.

Nesse sentido, nossas realizações vêm demonstrando que tecnologias de ponta, resultantes do desenvolvimento da eletrônica, poderão ter um papel importante na *mediação* da memória, permitindo articular passado, presente e futuro de modo rico e promissor, se usadas com critérios claros e definidos, tendo em vista a afirmação dos objetivos culturais buscados. O *mediador* contemporâneo não pode, portanto, ignorar as possibilidades e os limites da tecnologia nos processos culturais.

## **Produtos informacionais: exposição, catálogo ilustrado, álbuns**

A expressão *produto informacional* na acepção dada neste trabalho merece explicação, considerando-se que, em sentido amplo, todos os demais objetos elaborados sob a intervenção do serviço podem ser considerados nesta categoria, desde a entrevista em fita cassete aos documentos secundários e terciários decorrentes do tratamento dos registros orais. Para efeito de criação de parâmetro de uso do termo, porém, estamos adotando a denominação *produto informacional* como categoria que reúne os materiais de apresentação e divulgação do serviço, bem como aqueles que veiculam memórias (re)elaboradas a partir dos registros originais. A busca de outras linguagens, além daquelas utilizadas no sistema documentário, visou, portanto, ampliar as possibilidades dos processos de *mediação* dinâmica da memória junto a diferentes segmentos socioculturais e etários, a partir da concorrência de múltiplas linguagens.

Esta etapa da investigação foi dedicada, portanto, ao desenvolvimento de referências preliminares à formulação de uma linguagem para a construção dos produtos culturais, que procura interagir com a natureza da matéria que constitui os relatos e com as faixas a que se destinam. Nesta perspectiva, tais produtos pensados de modo articulado, tendo em vista sua integração no processo de comunicação em atuação no serviço.

Tais produtos foram elaborados a partir de materiais oferecidos pelos entrevistados, recolhidos durante o processo de coleta dos depoimentos e intensificou-se a partir do momento de finalização

das reformas executadas na sala da *Estação Memória*, que deram visibilidade pública ao projeto, permitindo que os entrevistados se interessassem em doar ou emprestar materiais variados.

As fotos de época e pertences pessoais oferecidos começaram a formar uma coleção heterogênea, descontínua e móvel, porém representativa do universo de *experiências* dos velhos. A partir dos materiais cedidos, iniciamos uma série de experimentações, combinando diferentes informações, registros, suportes, tendo em vista criar novos produtos informacionais que veiculassem os relatos dos entrevistados, uma vez que as entrevistas, enquanto registros “brutos”, não elaborados, não apresentam interesse imediato para a criança. Como a conversa entre o velho e seu interlocutor é desenvolvida livremente (para dar liberdade e condições de fluência às lembranças), encaminhada apenas por um “fio condutor” (temático e temporal) por meio do qual o entrevistador faz algumas interferências provocando as memórias do entrevistado, ocorre que o resultado final é, muitas vezes, difícil de ser acompanhado por ouvintes sem as mesmas referências de repertório e de vida. As perguntas que o entrevistador formula, vão trazendo reminiscências da família, da escola, dos namoros, do casamento, dos filhos e amigos, da religião e da igreja, do trabalho e de tantas outras situações, em histórias muitas vezes entrecortadas por outras lembranças, ou simplesmente interrompidas pela emoção ou pelo esquecimento.

Se o método dessa entrevista, conduzida numa espécie de conversa entre o entrevistador e o velho, mostra-se bastante adequado ao registro das *experiências de vida*, o produto obtido, entretanto, apresenta dificuldades ao uso em sua forma original. Além das razões metodológicas da coleta, os assuntos tratados são muitas vezes distantes dos interesses imediatos das crianças e jovens. Em função disso, torna-se necessário dar tratamento específico ao material, para que histórias de vida ganhem a

atenção e o interesse dos segmentos infantis e juvenis.

Para a construção dos produtos, adotamos como sistemática o **jogo** entre os diferentes elementos e registros, escolhidos no universo de informações encontradas nos depoimentos (falas dos velhos), nos diferentes materiais produzidos *a priori* (expositores, mobiliários), nas características e recursos da linguagem digital dos computadores e nos elementos próprios do universo cultural da infância e juventude (ludicidade).

A linguagem dos produtos procura atingir, assim, níveis cognitivos diferenciados, articulando conteúdos e modos específicos de organização dos elementos, (re)combinando informações com a finalidade de provocar interações entre os atores e as memórias.

A finalidade dos produtos informacionais elaborados a partir dos registros originais, vale ressaltar, não é limitar a relação desses atores com os registros de memória; eles visam, sobretudo, criar repertórios comuns de informações entre os diferentes segmentos etários que funcionem como pontos de geração de novos fluxos de produção e reinserção de *experiências* entre crianças, jovens e velhos.

Dentre os referidos produtos, destacaremos para a análise: a exposição de memórias, o catálogo ilustrado de livros infantis e os álbuns eletrônicos, enquanto elementos que nos permitem isolar categorias importantes à construção de produtos.

## “Exposição de memórias”



A exposição *Memórias do baixo Pinheiros, memórias de vida, memórias da cidade* recuperou as origens do projeto de pesquisa, iniciado em 1991, constituindo-se num instrumento valioso de intervenção no espaço, objeto de significativas reflexões acerca das concepções geradoras de sua estrutura e linguagem.

Analisaremos a exposição, a partir:

- dos elementos textuais, ou seja, as falas dos velhos extraídas dos depoimentos registrados, especialmente o segmento ligado à região de Pinheiros;
- dos elementos iconográficos, ou seja, as imagens fotográficas utilizadas na composição dos quadros, especialmente as que se referiam à mesma localidade;
- dos elementos de comunicação visual, ou seja, os recortes coloridos e os suportes (molduras e parede)

Como se observa,



a exposição articulou *vozes dos entrevistados*, fotos de época e elementos lúdicos do universo infantil. As transcrições de trechos

de entrevistas, as imagens do espaço urbano e de personagens em situações cotidianas, domésticas e públicas, o jogo das silhuetas surgindo na neutralidade do “passe-partout”, tendo como pano de fundo uma tela forjada com as marcas do tempo, criaram uma estética de relações entre os diferentes elementos que sintetizam a natureza de interações propostas.

Os *elementos textuais* escolhidos foram extraídos do repertório de depoimentos gravados em cerca de 350 horas de entrevistas. No processo de audição e análise da informação para a constituição da primeira versão da base de dados, haviam sido transcritos trechos considerados significativos, conforme já observado no capítulo referente ao tratamento das memórias dos velhos (p.....).

O primeiro critério para a composição dos quadros considerou a importância de apresentar as *experiências* dos atores em situações vinculadas ao espaço público e ao espaço privado (ou institucionais), resultando dois conjuntos de quadros: um, enfocando pessoas/personagens; outro, enfatizando, sobretudo, momentos políticos e religiosos ligados ao bairro e ao rio Pinheiros.

Como a apresentação e veiculação dos trechos de depoimentos era o objetivo primordial de interesse nessa exposição, as demais unidades de informação - fotos e elementos visuais- foram submetidas e organizadas de modo a oferecer subsídios que chamassem a atenção para as citações dos entrevistados. Em outros termos, os extratos escolhidos constituíam os eixos, a partir dos quais os demais elementos foram sendo selecionados. Porém, as escolhas não puderam ser completamente isentas, na medida em que se o repertório de frases era extremamente grande e variado, enquanto o conjunto de fotos disponíveis não passava de cem.

Neste sentido, na primeira etapa de construção da exposição, tomamos o repertório de fotos antigas oferecidas pelos entrevistados ao longo do processo de coleta de testemunhos, combinando texto-imagem como num quebra-cabeças em que as peças tinham que se encaixar para formar imagens harmoniosas com o relato.

O depoimento escolhido e a imagem selecionada não partiam necessariamente do mesmo entrevistado e a combinação entre os repertórios textuais e iconográficos existentes desenvolveu-se por meio de processos de seleção sucessivos que buscavam adequar a situação relatada a uma imagem existente. Contrariamente às exposições fotográficas que usam legendas para identificar as imagens, na “*exposição de falas*”, as fotos não são identificadas, propositadamente, dado que, como já dissemos, a informação a ser veiculada não é aquela que caracteriza o registro fotográfico, mas a *experiência* do depoente, em que as imagens podem ser um poderoso recurso à apreensão.

Do repertório de quase 140 citações, foram selecionadas em torno de 20 trechos cabíveis no espaço da exposição, o que significa dizer que a exposição de falas não é integral, nem tampouco extensiva, tanto por razões objetivas de insuficiência de espaço, quanto por metodologia de combinação dos repertórios iconográficos pré-existent.

A transcrição dos textos seguiu o formato manuscrito, recuperando as marcas da comunicação encontrada nas correspondências pessoais que ainda conservam o padrão de produção artesanal sem uso do computador.

A utilização das fotografias originais exigiu, por sua vez, cuidados especiais, em virtude do repertório existente ser heterogêneo em

termos de tamanho, qualidade e cor do papel fotográfico e das imagens, muitas extremamente pequenas, inviabilizando o uso fora das condições domésticas. Em função disso, as velhas fotos foram (re)fotografadas, possibilitando a reprodução nas escalas e tonalidades desejadas.

Escolhemos os formatos procurando selecionar imagens que, apesar da ampliação, poderiam conservar a qualidade e que se ajustassem aos formatos das molduras nas quais deveriam ser colocadas. Optamos pela revelação em papel mate fosco, sobretudo nas imagens dos espaços públicos, recuperando a noção da ação do tempo sobre as coisas e falas, indicando a existência de distâncias temporais entre o fato e o relato.

*Os elementos de comunicação visual, que aparecem como recortes coloridos*



interferindo no diálogo texto-imagem foram sugeridos pelas falas, traduzidos em imagens lúdicas criadas por colagens, realizada por uma aluna do curso de arquitetura, da FAU/USP e que colaborou na exposição.

Para o conjunto dedicado ao espaço público, foram utilizadas as molduras retangulares em diferentes tamanhos, com detalhes em macheteria, enquanto que, para dar suporte ao conjunto dedicado aos personagens, foram utilizadas as molduras multiformes, mescladas com três peças do outro conjunto, vinculando, como resultado, as duas coleções.

A ficha técnica da exposição com os créditos de produção foi elaborada a partir dos elementos utilizados nos demais produtos gráficos, a saber: texto manuscrito, cor e tipo de papel, efeito de envelhecimento sugerido pela moldura de bordas irregulares “rasgadas” em papel kraft.

Na montagem da exposição foram consideradas as seguintes questões: os espaços de apresentação dos quadros, a base sobre a qual os quadros seriam fixados, a posição dos quadros entre si. O conjunto de treze quadros dedicados ao *espaço público* foi exposto no espaço do saguão da biblioteca, contíguo à sala da *Estação Memória*, em função do tema e das imagens privilegiarem a área geográfica do bairro de Pinheiros. Neste sentido, tratava-se de mecanismo de interação entre os dois serviços, interessando também aos demais freqüentadores usuais da biblioteca.

A grande parede do saguão, em frente à porta de vidro da *Estação*, foi tratada para servir de suporte para a exposição, usando-se a mesma linguagem de envelhecimento como recurso para indicar a ação do tempo sobre as memórias. Experimentando bases neutras, misturadas a tons escuros em diferentes movimentos das mãos,

esponjas e pincéis, foi-se construindo, pedaço a pedaço, uma superfície com impressões de “rachaduras e infiltrações”.

Este procedimento possibilitou que a linguagem dos produtos do projeto se expandisse a outros segmentos da instituição, de tal modo que biblioteca providenciou a confecção de um novo móvel em madeira para área da recepção, substituindo o antigo mobiliário em aço, completamente em desacordo com as concepções que ali passavam a vigorar. Com isso, o antigo saguão até então usado apenas como área de circulação, sem características especiais, passou a integrar o circuito criado pelo novo serviço *linkando* os territórios da *Estação Memória* e da Biblioteca.

Os campos permitidos à fixação dos quadros eram reduzidos, considerando-se as áreas úteis disponíveis à visualização pelas crianças e pelos velhos. As posições dos quadros sobre as paredes foram definidas em função desta limitação e a partir de critérios de relação de equilíbrio entre tamanho e forma das peças, dado que os conteúdos e imagens veiculadas não obedeciam a nenhuma seqüência, embora mantivessem uma relação temática. Assim, o julgamento estético do grupo de pesquisadores envolvidos no trabalho de produção foi norteando a configuração final da exposição, que contou com o apoio da Profa. Dra. Cibele Hadad Taralli, da FAU/USP.

A construção da exposição *Memórias do baixo Pinheiros, memórias de vida, memórias da cidade* possibilitou identificar e experimentar uma linguagem estética reunindo diferentes naturezas de informação sob um mesmo suporte, criando uma linguagem própria que atinge a diferentes segmentos de interlocutores.

As avaliações do impacto da exposição foram realizadas de modo assistemático até a presente etapa do projeto. Algumas

observações e comentários, porém, detectados em diferentes situações de uso por segmentos adultos e infantis revelaram que a exposição foi instrumento importante no processo de veiculação das falas dos velhos, instigando lembranças e manifestações de identificação com situações relatadas, de surpresa (até indignação) pelas alterações perversas, resultado da incoseqüência provocadas pela incoseqüência das ações do homem sobre o meio ambiente. Sem exceção, todavia, os observadores não ficam indiferentes à exposição; ao contrário, as imagens exercem poder de atração, interessam, evocam.

A participação intensa no grupo que produziu a exposição, sua coordenação operacional, permitiram-me constatar a importância da estética como categoria essencial à *mediação*. As propriedades estéticas, como volumes, cores, formas, atuam não simplesmente para atrair o público, mas produzem significações, ao construírem um discurso. Em outros termos, na “luta pela memória”, a beleza não é um critério neutro ou meramente ornamental e é preciso não descuidar desse dado nas linguagens e processos de *mediação cultural*.

## Catálogo ilustrado

A *Estação Memória* formou uma coleção de obras de literatura infantil e juvenil, com histórias sobre as relações entre velhos e crianças, memória e velhice. Os livros selecionados, em torno de 100 títulos, foram incluídos no conjunto dos materiais à disposição no serviço de informação, tendo em vista explicitar e facilitar a importância do diálogo entre as diferentes memórias.

Diferentemente do tratamento técnico dado aos registros dos depoimentos dos velhos, (conforme exposto às p.....), optamos por elaborar um “piloto” que organizasse referências e servisse de instrumento à recuperação de um determinado conjunto dos livros existentes, em especial as histórias sobre velhos e crianças.

Desenvolvemos, então, um catálogo ilustrado que, devidamente aprovado pelo grupo, foi adotado como forma de apresentar, e que permite a recuperação dos livros, a partir de informações sobre o autor, ilustrador, título, editora e data, das ilustrações da capa e de elementos do enredo, juntando imagens, formas e conteúdos. A parte textual, resultado da transcrição de pequenos trechos tirados do corpo da obra original ou criados por sugestão da história, apresenta perguntas ou comentários de forma direta, ou indiretamente a partir de uma brincadeira infantil (a língua do “P”) na qual as palavras são pronunciadas em sílabas ligadas pela letra “P”.

O catálogo ilustrado foi transformado em instrumento de organização e recuperação da coleção, a partir da criação de um código de classificação por cores que identificam cada de suas páginas. Com etiquetas amarelas, pretas, vermelhas e verdes

usadas para agrupamento aleatório dos títulos e escolhidas em função dos suportes de armazenamento dos livros, ou seja, quatro cubos coloridos existentes no mobiliário.



O catálogo, que mais tarde ganhou uma versão eletrônica, elaborado originalmente como produto documentário com a finalidade de catalogar e classificar a coleção de livros indicada, transformou-se num novo documento, com vida própria, em função da linguagem de tratamento dos documentos originais utilizada e dos recursos materiais adotados na sua confecção. Crianças, adultos e velhos criaram, através do uso que fazem do catálogo, esta outra dimensão, originalmente não prevista. Na opinião de

muitos, o catálogo é agradável de ser manuseado e olhado, é divertido e chama a atenção para aspectos interessantes dos livros. Sua realização mostrou-nos que os produtos documentários, sem deixar de observar critérios técnicos rigorosos, necessitam ser desenvolvidos recuperando novos dados, indispensáveis a novas formas de *mediação*. Cabe aos profissionais especializados desenvolvê-los, adequando-os às necessidades de renovação dos serviços culturais.

## Álbuns eletrônicos

A *Estação Memória* elaborou produtos digitalizados<sup>6</sup>, dentre eles dois álbuns, experimentando a combinação de textos e imagens eletrônicas ligadas às entrevistas.

O primeiro, perdido numa pane do computador, articulava um conjunto de imagens sobre Pinheiros e legendas informativas sobre as fotografias. Neste ensaio preliminar, foram digitalizadas fotografias doadas por um antigo morador que conservava um repertório de fotos reproduzidas pelo Departamento do Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo. Nesse álbum piloto, o texto explicava a imagem e, de certa forma, os códigos complementavam-se reciprocamente. O documento produzido, entretanto, não tinha sido gerado a partir dos relatos dos velhos e tratava-se, sobretudo, de um conjunto de informações referenciais sobre o espaço físico e a cultura da região registrados oficialmente.

No segundo álbum piloto -“Retratos”- contudo, foram reunidos fragmentos de depoimentos dos idosos e fotos de personagens - entrevistados e seus familiares-, em diferentes situações.

O título do álbum “Era uma vez... Retratos” define a temática deste exemplar, dedicado a personagens narrando suas experiências em

---

<sup>6</sup> A expressão *produto digitalizado* está sendo utilizada para identificar os materiais concebidos e elaborados em linguagem digital, cujo uso depende do computador. Ao contrário do catálogo ilustrado de livros, elaborado por meio de recursos do computador, nesta categoria estão considerados os materiais construídos a partir da natureza da tecnologia que lhes dá suporte e veiculação.

diferentes práticas cotidianas.

As frases selecionadas foram tomadas do repertório já existente, (re)significadas a partir das novas combinações propostas. A relação entre texto e imagem, nesta versão, diferentemente do primeiro piloto, foi sendo construída por analogia, sem submissão entre naturezas de informações. O pressuposto possibilitou, por isso, combinar texto-imagem de múltiplos modos, mostrando objetivamente as inúmeras perspectivas dentro de uma mesma situação, dependendo do enfoque do narrador/mediador. Em outras palavras, o processo de composição do documento a partir da atribuição de “vozes” a contextos e expressões, permitiu explicitar concretamente e chamar a atenção para os mecanismos (ideológicos) de produção da memória e para a existência de “memórias”, contrapondo-se à idéia de uma memória única e estática.

A repetição de assuntos, como critério, usando-se imagens e falas distintas, foi introduzida para indicar a importância de determinadas práticas na vida daqueles personagens. Os diferentes relatos, insistindo nas lembranças sobre os jogos de futebol, por exemplo, e os inúmeros registros fotográficos dos times de várzea, uniformizados ou simplesmente vestidos para o “bate-bola” do domingo, não apenas revelam a existência de uma atividade comum há tempos atrás, mas, sobretudo, o significado da prática no convívio social.

A informação não-verbal, no álbum eletrônico, foi explorada em diferentes níveis. De forma geral, o desgaste natural das velhas fotografias foi tomado como recurso de linguagem para explicitar o apagamento e as interferências do tempo sobre a memória. As alterações dos registros, desfigurando imagens, buscaram mostrar, simbolicamente, que os documentos são, em verdade, as marcas

que por inúmeras razões acabaram ficando retidas.

As fotografias também foram usadas como sugestão ou provocação do olhar que, impedido de ver com nitidez, pode recorrer ao texto para completar os contornos imprecisos produzidos pelo desequilíbrio do contraste em preto e branco. Assim, como na memória de cada um, os registros – às vezes meros borrões- vão ganhando vida pela lembrança de um cheiro, de uma cor, de uma palavra, de uma emoção... as manchas podem ganhar sentidos na interação com o texto e nos comentários do(s) observador(es). Neste caso, a imagem é apenas evocação, usada para fazer emergir as lembranças e o faz, também, por meio das ausências que se completam com as informações disponíveis ou imaginadas por quem vê. Em conjunto com esses recursos, as combinações mais ou menos coincidentes entre texto e imagem, algumas “coladas” entre si, tal o nível denotativo entre ambos (anexar Glorinha Kosuta) e outras inferidas pela aproximação de evidências entre palavras e traços, (inserir telas roupas das mulheres) foram propostas como suportes ao percurso e às (re)criações dos atores no processo de leitura do álbum.

O tamanho dos textos no álbum eletrônico, entre duas e cinco linhas transcritas em fonte 14 a 20, foi definido em razão das dificuldades de leitura na tela do computador. O acompanhamento das linhas do texto, os reflexos de luminosidade sobre o monitor, a fixidez do aparelho, os empecilhos à concentração em função de práticas concomitantes e ruídos foram considerados para o estabelecimento do volume de texto, buscando-se garantir condições propícias à leitura dos trechos dos depoimentos.

De outro lado, o uso da tela do monitor por vários leitores simultaneamente - prática comum entre crianças e jovens - levou-nos a estabelecer um limite em torno de vinte telas, média a ser

testada no uso por diferentes segmentos, tendo em vista avaliar a manutenção do interesse sobre objeto.

A recuperação de imagens por meio de *softwares* atuais, viabilizando o uso de fotografias desgastadas pelo tempo e os múltiplos recursos de inclusão das mais variadas fontes, possibilitando a criação de diagramações especiais, transformaram o trabalho de produção do álbum eletrônico em verdadeiro processo de edição. As inúmeras possibilidades, recursos e combinações, multiplicando-se à medida que se brinca e joga com os diferentes elementos, geram idéias que automaticamente recriam a produção. Como as modificações no objeto podem ser vistas de imediato, sem intervalos, a criação do álbum torna-se um processo extremamente dinâmico e instigante, que aponta para a importância das relações, por nós já indicadas, entre tecnologia e memória. Como já dissemos anteriormente, os processos de *mediação cultural* nos espaços especializados contemporâneos, não podem deixar de considerar tais relações e de ter uma posição clara em relação a eles.

## Capítulo 2

### Construção do espaço

A concepção do espaço da *Estação Memória* partiu de premissas que consideram o território como campo semântico, no qual os elementos que o compõem são signos de um discurso que busca provocar relações cognitivas (inteligíveis e sensíveis) entre atores e ambiente.

Neste sentido, a construção do espaço foi baseada na concepção dinâmica do conceito de memória que orientou desde o *design* geral de configuração do ambiente à escolha do território de instalação do serviço. As ações foram articuladas no sentido de criar um lugar onde passado e presente estivessem representados de forma afirmativa, por meio de elementos do universo dos entrevistados e da instituição que acolheu o serviço (a biblioteca infanto-juvenil de Pinheiros), bem como de elementos significativos do universo infantil e juvenil.

Participar da equipe realizadora do projeto no PROESI, que foi, pouco a pouco, dando forma, cor, contornos, volumes, realidades físicas ao novo serviço de informação, foi uma experiência ímpar de inserção em um processo de criação coletiva, que me fez compreender a importância das relações entre *mediação* e espaço. Ou, mais que isso, compreender que o espaço é elemento *mediador*, carregado de signos que atuam diretamente nos processos de construção de memória... “As pedras da cidade,

enquanto permanecem, sustentam a memória”, ensinou Ecléa Bosi [BOSI, 1994, p.444].

Por outro lado, aprendi que atuar na construção e reintegração permanente do espaço é atitude a ser incorporada pela *mediação*, nos termos que nos interessam. Eu compreendia ali a importância das mudanças que minha sensibilidade promoveu anos atrás no espaço da biblioteca que eu dirigia. Minha consciência intuitiva começava a se explicitar numa práxis capaz de se auto-nomear.

## A sala

O espaço da *Estação Memória*, uma sala na Biblioteca Infanto-Juvenil “Álvaro Guerra”, em Pinheiros, com cerca de 28m<sup>2</sup> [Anexo 5], foi escolhido a partir das seguintes questões:

- a) relação memória-espço: O desenvolvimento singular do bairro, representativo das profundas e sérias alterações impostas pelo crescimento desordenado da cidade apontava que o bairro de Pinheiros seria um espaço geográfico privilegiado para a coleta das memórias [PERROTTI, 1998]. Dessa forma, os depoimentos eram de moradores antigos do bairro, com idade de 70 anos ou mais e que poderiam ou não estar residindo ali no momento da entrevista.

Nesse sentido, a escolha da biblioteca infanto-juvenil de Pinheiros foi considerada um espaço de referência para os dois segmentos, especialmente implicados no projeto: os velhos, a partir dos quais o serviço estaria sendo constituído e as crianças e jovens em função dos quais o serviço estava sendo concebido.

- b) Relação serviço-biblioteca: os fatores que pesaram sobre a escolha da sala foram bastante objetivos, ligados a razões de ordem prática e estética, especialmente um certo isolamento do ruído externo, entrada de luz natural e comunicação com a paisagem exterior, que ainda conserva a vegetação da época da inauguração da biblioteca, há mais de 40 anos.



Apesar das dimensões reduzidas, a sala escolhida, em razão das questões apontadas, poderia oferecer melhores condições para o desenvolvimento das atividades da *Estação Memória*.

A sala escolhida estava sendo utilizada, naquele momento, como espaço de guarda de materiais diversos e, apesar do impacto desolador, nossas primeiras reuniões foram dentro da sala, percebendo e sentindo o potencial do ambiente.



Aqueles poucos metros quadrados teriam que ser transformados, tanto quanto possível, em espaço de atividades de consulta individual aos acervos sonoros e registros impressos e eletrônicos, práticas culturais com grupos e espaço de exposições. A perspectiva era desafiadora, especialmente porque não bastava atingir funcionalidade, mas, sobretudo, criar uma linguagem espacial, instrumento de *mediação* entre os atores postos em relação no espaço.

A partir dessas definições, as categorias **tempo** e **espaço sociocultural** foram tomadas como instrumentos para a concretização dos elementos do ambiente e do mobiliário.

A sala aberta, sem portas, isolada por longas cortinas pretas, piso de paviflex, iluminação fluorescente, paredes irregulares, instalações elétricas deficientes com adaptações descuidadas à vista, apenas dois ou três pontos de luz e força servia de depósito de materiais, de livros sem uso e demais objetos que aguardavam encaminhamento.



Tomada como mecanismo de evocação de lembranças e instrumento dos processos de construção de significado pelas crianças, a linguagem espacial da *Estação Memória* objetivou extrapolar o condicionamento e os limites do funcional e do decorativo. As reformas propostas não visavam o mero embelezamento da sala, significando, antes, colocar novas marcas no território, incorporando representações essenciais à construção de identidades junto aos diferentes segmentos.

Assim, o piso anterior, feito de material vinílico, foi transformado em assoalho de tábuas estreitas, como era comum nas casas dos habitantes da região até o final dos anos 40.



Porém, ao contrário de luzes opacas e fugidias que comporiam com o chão e rodapés de madeira de época um cenário cristalizado no tempo, a iluminação da *Estação Memória* é contemporânea, sobressaindo o *design* dos finos condutores aparentes de eletricidade e os *spots* direcionados das lâmpadas dicróicas.



Passado e presente se encontravam, buscando um diálogo capaz de construir um futuro comum.

A porta de entrada da sala da *Estação Memória* foi confeccionada segundo os padrões predominantes, já encontrados no espaço. O desenho das portas divisórias do espaço contíguo serviu de orientação à construção da porta com estrutura de ferro para segurança aos equipamentos e materiais ali existentes.



A porta (quase um portal) não tem, entretanto, a finalidade apenas de proteger contra possíveis invasões e passagem de ruídos internos e externos. Ela é, também, *um divisor de águas* que, se não deseja cindir, quer demonstrar a existência de um novo espaço orientado por lógica própria, em diálogo com os demais espaços da biblioteca. Neste sentido, a porta é espécie de tela panorâmica que

anuncia, por meio do jogo de lusco-fusco dos vidros jateados e da moldura formada pelas inscrições EM, um outro território onde existem conhecimentos distintos daqueles encontrados nas demais salas.

O modelo das letras da inscrição foi construído buscando-se proximidade com o formato da letra cursiva, uma espécie de monograma de formas arredondadas que relembram as caligrafias usadas em textos manuscritos, quando o ritmo do tempo exterior permitia à mão o movimento suave e por vezes lento do desenho de contornos de letras e palavras.



Por fim, a localização dos monogramas no tecido da porta, dentre as inúmeras posições possíveis, tal como num jogo de damas ou xadrez, foi escolhida em função da idéia de renda ou bordado que a imagem nas laterais produzia.



## O mobiliário

Assim como o espaço físico, o mobiliário da *Estação Memória* também foi construído a partir de concepções, traduzidas numa linguagem que caracteriza os diferentes elementos do ambiente.

A estante fixa, a vitrine de exposição, três mesas, seis bancos pequenos, quatro cadeiras, a estante para objetos e livros foram confeccionados em madeira –comum em épocas passadas- e laminado fosco, freqüente em mobiliários contemporâneos, retomando-se, por meio deles e de outros aspectos, o diálogo entre os tempos.

Se os materiais tinham papel importante neste sentido, as linhas do *design*, além de possibilitar o resgate de elementos próprios de um tempo e de uma sociedade, criando impacto visual no ambiente, foram projetados, também, para oferecer uma estrutura capaz de atender às funções de consulta individual e práticas culturais coletivas previstas no espaço:

- Estante fixa e cadeiras

A estante fixa ocupa toda a área disponível de uma das paredes e foi idealizado para:

- a)- viabilizar o uso na *Estação* dos registros sonoros, vídeos e produtos que exijam a utilização de computador, gravador, televisão;
- b)- acomodar e proteger em segurança os equipamentos;
- c)- expor de modo sistemático os registros de entrevistas em fita cassete e CD Rom e os vídeos, tanto filmes ficcionais quanto os documentos videográficos realizados durante o desenvolvimento

das práticas culturais do serviço;

d)– guardar materiais utilizados na produção de atividades (fitas e CDs virgens, papéis diversos, fotos, material de escritório, desenho e pintura, equipamentos de pequeno porte de uso esporádico nas atividades)

e)– acomodar as mesas e bancos em desuso, liberando o espaço da área de atividades.



O desenho das cadeiras, que fazem conjunto com a estante, foi produzido a partir da releitura de cadeiras com braços, produzidas para a biblioteca na década de 50, uma vez que, de um lado, atendiam às exigências de conforto e, de outro, tinham um estilo compatível com as concepções dos móveis. Com esta opção, procuramos modos de interferência no espaço da biblioteca,

estabelecendo pontos de relação específicos, inserindo, sempre que possível, determinados elementos da estrutura encontrada.



Se as linhas retas, a cor e o material dos tampo laminados destacam-se sobre o tom suave e clássico da madeira encerada, o uso conjugado da machetaria afirma a existência de outros “saberes” e “fazeres”, projetados nos pequenos desenhos dos entalhes, lançando, talvez, outras perspectivas acerca do trabalho da mão intervindo na matéria.

- Vitrine de exposição



A vitrine para a exposição de objetos está num dos cantos da parede oposta à estante fixa. A vitrine possui dois compartimentos distintos, sendo a parte superior destinada aos materiais únicos sobretudo os emprestados pelos entrevistados ou pelas famílias, dispostos de modo articulado entre si. O formato corresponde à metade de um polígono sextavado e oferece três pontos de observação, através dos vidros da porta e das laterais, permitindo diferentes perspectivas ao olhar.

A parte inferior é composta por 12 pequenas gavetas que seguem a estrutura sextavada da parte superior. As duas carreiras de gavetas laterais têm formato triangular e são presas por dobradiças numa das laterais apenas, provocando surpresa pelo movimento brusco e inesperado no momento de abertura. A sensação de que a gaveta parece cair provoca, ao mesmo tempo, susto e riso, desinibindo e instigando ao manuseio dos materiais ali expostos, sugeridos pelo relatos. Sob tais condições, os objetos atuam como elementos de evocação, provocando lembranças a partir dos pequenos jogos, brinquedos, lãs, linhas, botões e pedras, juntados e guardados como na “*casa da vó*”.



Na vitrine de exposição de objetos, a concepção dinâmica do móvel é dada externamente pelas linhas retas da peça, em confronto com os entalhes em macheteria, e internamente pela reunião de objetos presentes nas memórias dos velhos e representativos do interesse da criança, além da possibilidade de manuseio das peças existentes.

- As mesas, os bancos e a estante

As mesas, bancos e estante não têm lugar fixo, podendo ser movidos para deixar livres e ampliar os espaços de circulação.

A pequena estante para livros e pequenos objetos tem linhas arredondadas e resgata traços de móveis domésticos.



As mesas e bancos foram projetados para atividades que exijam apoio, práticas de escrita e de desenho. O projeto prevê que permaneçam sob as bancadas dos nichos da estante fixa, sempre que estiverem fora de uso.

A estrutura das mesas e bancos lembra mobiliários escolares antigos, com compartimentos sob os tampos das mesas e assentos dos bancos destinados à guarda dos materiais das crianças.



- Expositores

Os expositores – molduras de diferentes tamanhos e formas em madeira freijó- foram projetadas em dois conjuntos distintos para utilização em diferentes situações (inserir esboços e fotos), tanto para apresentação de informações escritas quanto iconográficas.

No conjunto (p.102) de doze peças de formato retangular com entalhes em macheteria acompanhando a linguagem visual das demais peças do mobiliário, as peças mantêm entre si relações de tamanho e forma, de tal modo que, se reunidos como num quebra-cabeças, resultam num painel de 2,00mX0,75m, possibilitando diferentes montagens de texto e imagem, conforme a exposição.

No outro, (p.103), com molduras mais largas e pesadas, explora sobretudo as formas geométricas num jogo de possibilidades de arranjos em composições diversificadas que propõem diferentes dinâmicas ao olhar. Combinadas entre si ou a outras peças, o conjunto mantêm o mesmo princípio dos demais elementos do espaço, negando-se à posição estática no ambiente.

## Os cubos coloridos



Os cubos dispostos pela sala da *Estação* acompanham a mobilidade do uso e servem, ao mesmo tempo, como assentos e apoio a objetos e livros. Sua estrutura é de espuma de nylon com densidade 36 e têm a dimensão de 0,40x0,40x0,40.

A inclusão desses elementos no espaço, do ponto de vista estético, contribuiu para a criação da idéia dinâmica do ambiente, especialmente pela noção de leveza dada pela cor dos cubos e mobilidade das peças. Do ponto de vista de uso, entretanto, novas avaliações deverão confirmar a adequação desses objetos para a *Estação Memória*.

A reforma da sala da biblioteca para a configuração do ambiente da *Estação Memória* foi possível em função de determinadas ações administrativas e políticas. O serviço público, via de regra, está preparado para atender somente às solicitações de praxe, ou sejam, aquelas que não demandam grandes mudanças nos percursos burocráticos já conhecidos.

Por tratar-se de projeto pioneiro, entretanto, fundamentado em novas concepções de serviço de informação, a infra-estrutura, como se viu no capítulo anterior, não poderia seguir a padronização a que estão submetidos os serviços existentes.

Além disso, dentro do acordo para a implantação do serviço laboratório cabia à universidade o desenvolvimento da concepção e o apoio teórico-conceitual e, à prefeitura, as providências quanto à infra-estrutura.

Porém, mesmo com a oficialização da cooperação, no plano da operacionalização houve muitos entraves produzidos, de um lado, em função das evidentes dificuldades de apreensão do sentido e da natureza do projeto, e, de outro, das dificuldades de flexibilização nos mecanismos administrativos para dar encaminhamento adequado às especificidades próprias a um projeto singular como a *Estação Memória*.

Neste sentido, foram necessárias inúmeras intervenções em todas as etapas, desde o encaminhamento e assinatura do Termo de Convênio de Cooperação interinstitucional à contratação e execução e acompanhamento dos serviços.

Os cronogramas previstos, no geral, entretanto, ficaram submetidos ao ritmo das lógicas burocráticas. A reserva de verbas existentes para a reforma do espaço, por exemplo, só pôde ser liberada após

autorização do convênio pelo Prefeito, ato que levou quase dois anos, retardando a implantação do projeto.

O episódio apenas reforça uma situação, já conhecida, de submissão das ações-fim ao esquema burocrático que, em última instância, acaba definindo prioridades e invertendo papéis de responsabilidade nas políticas culturais da cidade.

Identificada, a questão foi tratada em dois níveis, tendo em vista impedir a interrupção das ações práticas que viabilizariam a implantação do serviço. Primeiramente, a conscientização de que seria necessário sempre usar de medidas oficiais para dar andamento e cobrar as tramitações necessárias à reforma do espaço, confecção do mobiliário e aquisição de equipamentos. Em segundo lugar, uma ação muito próxima aos setores de operacionalização, sensibilizando os funcionários responsáveis para a importância do projeto, por meio de inúmeras e longas conversas, tentando, dentre outros problemas, evitar a descaracterização (muito comum) do produto final recebido. As inúmeras interferências burocráticas que atuam sobre os processos administrativos de compra e contratação de serviços geram distanciamentos de tal ordem entre fornecedor e interessado, que se torna difícil reconhecer o objeto solicitado originalmente e o efetivamente fornecido. Entretanto, mesmo com todos esses cuidados e precauções, nosso esforço não conseguiu evitar equívocos que redundaram em materiais, fora dos padrões solicitados.

Se o resultado final alcançado representa um grande avanço dentro do modelo existente nos serviços culturais públicos existentes, no âmbito do projeto *Estação Memória* constatamos insuficiências em diferentes níveis, geradas, segundo nossas análises, tanto na dificuldade de tradução das concepções para a linguagem

arquitetônica do projeto, como na dificuldade de intervenção no processo de execução e na impossibilidade de controle sobre a qualidade de materiais empregados.

Por outro lado, aprendemos que o *mediador*, em quadros burocráticos, necessita conhecer por dentro o funcionamento do sistema para poder ultrapassá-lo no corpo a corpo inevitável nessas situações. Ignorar sua lógica é assinar um termo prévio de rendição.

## Capítulo 3

### Práticas culturais na *Estação Memória*

Esta etapa do trabalho investigativo significou o início de um novo e importante processo de participação e observação nas atividades, intensificadas depois da abertura do serviço em outubro de 1997, porém deflagradas a partir das atividades preparatórias do evento de abertura.

#### Inauguração da *Estação Memória*

O evento de abertura da *Estação Memória* foi planejado e desenvolvido com base na concepção dinâmica de memória que norteia o projeto. A festa de inauguração, em função disto, foi concebida como um dos meios para apresentar o serviço à comunidade, a partir do desenvolvimento de ações em diferentes níveis e direções capazes de oferecer novas perspectivas e ângulos de visão sobre o serviço, até então tomado como mais um trabalho dedicado à preservação da memória do bairro de Pinheiros.

Na comunidade em geral, incluindo as instituições escolares,

bibliotecas, associações do bairro, dado seu caráter inovador, a finalidade do serviço não estava suficientemente clara. Apesar das várias oportunidades em que o trabalho pode ser mostrado e discutido, prevalecia a noção dada pelo senso comum, vinculando a memória à idéia de nostalgia, culto ao passado, mitificação do vivido.

A constatação revelava a importância de não apenas festejar a abertura da *Estação Memória*. Tratava-se, sobretudo, de dizer a sua diferença, por meio de um discurso compreensível pelos diferentes segmentos, futuros atores no serviço de informação. Neste sentido, foi proposto o desenvolvimento de uma prática cultural, colocando os participantes em relação direta com a matéria-prima do novo serviço de informação: a *experiência*.

As atividades propostas não se destinavam a explicar didaticamente a *Estação Memória*, no sentido de pré-determinar relações entre público e serviço, mas, ao contrário, visavam criar um cenário, onde os participantes pudessem constituir-se em atores, construindo seus papéis numa história contada pelos velhos, (re)elaborada pela *Estação* e (re)criada pelos participantes.

O programa de atividades propunha a realização de práticas orientadas no sentido de colocar os diferentes segmentos (idosos, crianças, adultos da comunidade em geral, profissionais e interessados) em relação dinâmica com as memórias, a partir da criação de uma ambientação, favorecendo o diálogo entre os participantes e o novo espaço de informação e cultura.

- **Do tema gerador à definição das práticas culturais do evento**

As atividades planejadas foram selecionadas e organizadas em torno das referências obtidas nos depoimentos do primeiro grupo de velhos entrevistados. Em seus relatos, contavam a respeito de uma comemoração bastante comum nos meios socioculturais populares, denominada *Festa do Divino*, realizada anualmente. O festejo reunia a comunidade local em torno de atividades que juntavam o sagrado e o profano, as rezas em louvor ao santo e a quermesse, espaço de sociabilidade local.

Em sua forma original, o grupo participava ativamente da produção do encontro que reunia famílias inteiras, do mais novo ao avô, em torno da festividade. Terminado o ofício religioso, marcado por cantos e procissão pelas ruas com os fiéis carregando o andor e estandartes coloridos, começavam as festividades anteriormente preparadas, com barracas de prendas, comidas e bebidas típicas e música. A festa, portanto, tornava-se o palco das relações entre os diferentes membros participantes -atores responsáveis pela concretização da festa- independentemente de idade, origens ou credos ocultos.

Desta prática profano-religiosa, retiramos categorias que deveriam orientar atividades da festa de inauguração da *Estação Memória*, procurando recuperar, em novas dimensões, elementos de uma prática que fazia parte da cultura da cidade, transformando-a, deste modo, em método de trabalho.

***O fogo...***



***O canto...***

***A dança...***



***O coro...***



***A movimentação coletiva em bloco...***

***Os adereços de mão...***



***A música...***

***As solenidades...***



## ***A celebração...***



...seriam recursos a serem utilizados na celebração da abertura do novo serviço.

As múltiplas e distintas atividades em jogo no espaço criaram um discurso polissêmico que procurava interagir com os sujeitos participantes, em diferentes níveis. A multiplicidade de atividades foi tomada do ponto de vista qualitativo para definir a natureza de atividades, visando atingir os diferentes segmentos envolvidos, criando canais de comunicação inteligíveis e sensíveis, por meio do uso de recursos diversificados de diferentes naturezas.

A metodologia de desenvolvimento das práticas, colocando os

sujeitos *em situação*, tentava criar um campo propício à interlocução entre os diferentes elementos em interação no ambiente, propondo uma relação ativa capaz de transformar os diferentes participantes em atores do processo.

A concepção de *mediação* adotada e experimentada para a prática cultural que caracterizou as primeiras relações entre a *Estação* e a cidade, possibilitou romper com a segmentação de papéis nos serviços culturais: produtos, mediadores e público se mesclavam, interagiam, instituindo o deslocamento, a desterritorialização, critério de organização das práticas culturais. Desse modo, se estas tendem conferir posições aos que delas participam, somente uma concepção dinâmica, capaz de criar não-lugares, de romper a estratificação sociocultural podia atender a expectativas de expressão dos diferentes participantes dos processos. Foi o critério seguido na festa de inauguração que, além de nos mostrar a importância das relações de grupo na *mediação*, indicaram também a necessidade de conceber tais relações numa perspectiva dinâmica, em que todos são atores do processo.

## ***Estação Memória, apropriação e mediação cultural interativa***

Se o conjunto de ações envolvendo a construção do ambiente, organização e tratamento das memórias e produção dos materiais informacionais forneceram dados importantes à construção de categorias de *mediação*, o início de funcionamento da *Estação Memória*, entretanto, impunha um novo desafio em termos de construção de referenciais vinculados ao uso do novo serviço de informação.

A problemática enfrentada nesta fase da investigação referia-se à proposição de procedimentos que considerassem a concepção dinâmica da memória e do conceito da *experiência*.

Os experimentos incluídos neste estudo referem-se ao período de outubro de 1997 a setembro de 1998, ou seja, o primeiro ano de funcionamento da *Estação Memória*. Enfocamos, nesta análise, as ações vinculadas aos programas de trabalho organizados com grupos específicos, tendo em vista a apropriação do novo serviço por diferentes segmentos: idosos, crianças e profissionais.

A análise dos experimentos foi fundamentada em observações diretas e em registros de memória sobre a participação dos velhos, crianças, profissionais e comunidade em geral, nas diferentes modalidades de atividades realizadas.

A *mediação* da memória com crianças e jovens no serviço de informação, a partir das perspectivas apontadas, pressupunha uma série de mediações, preparando para as relações com os registros

e com os idosos.

## 1. A mediação junto aos idosos

A criação da *Estação Memória* mostrou a necessidade de resignificação das relações entre o serviço de informação e os velhos, em sua grande maioria desconhecendo a finalidade dos seus testemunhos para a vida da cidade.

Em função, sobretudo, desta questão, foi estabelecido um **programa de visitas monitoradas**, tendo em vista redefinir e efetivar os vínculos entre os idosos e a *Estação*, além de demonstrar objetivamente o funcionamento e perspectivas deste serviço de informação.

Chamar os idosos para conhecer e participar de atividades na *Estação Memória* mostrou-se bastante delicado. Eles próprios não acreditavam no valor dos relatos oferecidos. Os contatos preliminares foram difíceis, exigindo inúmeros telefonemas e até visitas, na tentativa de convencer o entrevistado de que sua presença era desejada e necessária. O esforço de (re)aproximação tornou-se, em alguns casos, mais complicado que nas transações para a entrevista.

Não foram apenas estas, porém as únicas dificuldades apresentadas para a aproximação entre o idoso e o serviço de informação. Em algumas ocasiões, depois da confirmação da presença, alguns idosos adoeceram ou não tiveram meios de locomoção, impedidos de saírem de casa. Em síntese, seja por razões simbólicas ou físico-funcionais, a participação pública

do idoso mostrava-se problemática.

Na visita monitorada, percebeu-se a importância da preparação antecipada dos monitores para o contato. Dentre outros aspectos, foi fundamental conhecer aspectos pessoais dos participantes dos encontros, como fatos especiais ocorridos em sua vida, problemas de saúde ou dificuldades para comunicação ou outras características que ajudassem as relações no encontro na *Estação Memória*.

A preparação do encontro entre os velhos foi uma atividade importante, uma vez que era necessário garantir um circuito de relações entre o serviço de informação e eles, tendo em vista preparar o terreno para construção de situações de produção, transmissão e circulação das memórias visando aos segmentos infantis e juvenis.

O desenvolvimento da visita monitorada com os velhos constava de diferentes etapas, com o objetivo de explicitar as finalidades do projeto, valorizar a importância dos relatos de vida oferecidos e, ao mesmo tempo, resgatar o sentido do lembrar e do contar.

A atividade em si constava de:

- apresentação da exposição *Memórias do baixo Pinheiros, memórias de vida, memórias da cidade*, usada como mote para introduzir referências sobre o projeto e seu estágio de desenvolvimento, procurando situar a contribuição dos velhos participantes em suas diferentes fases;
- exploração dos diferentes materiais e produtos informacionais existentes, ou seja, a base de dados, objetos, álbuns fotográficos gráficos e digitais, nos quais os velhos podiam ver-se representados, identificando fotos e reconhecendo falas;

- as trocas de lembranças, quando o grupo rememorava espontaneamente, estimulado pelas provocações das atividades anteriores. Nesses momentos foi possível observar nitidamente a satisfação dos participantes em poder contar suas memórias, dando significado às vivências;
- apresentação dramatizada de trechos de falas extraídos dos depoimentos, alguns coincidentemente retirados de depoimentos dos participantes do encontro naquele dia, o que causava, ao mesmo tempo, espanto e emoção dos participantes. Com isso, não apenas se tornava mais claro e evidente para o velho o uso e o significado do seu testemunho, mas, sobretudo, conseguia-se dar estatuto público às suas memórias.

Nos diversos encontros exclusivos com eles, nos quais uma nova percepção acerca da importância da sua contribuição foi sistematicamente manifesta, (incluir avaliações dos participantes), foi possível observar a *mediação* do ambiente e dos produtos informacionais para a emergência das lembranças, refletindo de modo imediato na produção de relatos espontâneos extremamente significativos, singulares e emocionados. Para ilustrar, em duas ocasiões, dado o clima de confiabilidade e respeito, fomos surpreendidos com testemunhos -quase segredos- jamais confiados a ninguém, conforme declaração dos próprios depoentes, por receio de serem expostos. No momento, porém, em que os velhos sentiam que suas histórias de vida continham *experiências*, que interessavam e eram valorizadas por outras pessoas, o desejo e a coragem de expor ganhava dimensão e sentido.

A metodologia de desenvolvimento das visitas monitoradas com os idosos procurava criar condições de proximidade necessárias ao estabelecimento de circuitos de relações que passariam a ser

exploradas posteriormente com grupos de crianças e jovens. As observações demonstraram, todavia, que o processo aplicado, se válido para a preparação e articulação do diálogo entre gerações, configurava-se proveitoso também como um novo instrumento de produção, coleta e (re)inserção das memórias entre os participantes.

## **2. A mediação junto aos mediadores institucionais**

A instalação da *Estação Memória* em espaço de educação não-formal colocava a necessidade de procedimentos específicos para a criação de demandas para o serviço. O fato de ocupar uma área dentro da biblioteca pública infanto-juvenil de Pinheiros, com fluxos diários em torno de 60 usuários, não implicava na existência potencial de público cativo, uma vez que a procura pela biblioteca está condicionada às exigências escolares. Em outros termos, a atitude passiva, aguardando a procura natural por frequentadores espontâneos como ocorre na biblioteca, configurava-se em estratégia inadequada ao novo serviço de informação.

Neste sentido, os profissionais (e comunidade em geral) foram objeto de interesse das intervenções da *Estação Memória* desde a fase inicial. O segmento em foco, composto por funcionários de instituições públicas e privadas de ensino e cultura ligadas à infância e juventude, e de diferentes campos interdisciplinares de apoio à população em geral (e em especial a idosos) e associações diversas, foi convidado a conhecer o novo serviço, tendo em vista apropriar-se e fazer uso dele diretamente ou tornar-se intermediário de outras demandas.

O caráter da aproximação com esses grupos foi, principalmente, dar conhecimento acerca da natureza e possibilidades de uso da

*Estação Memória*, considerando-se, especialmente, que a originalidade do trabalho constituía-se num elemento complicador à procura espontânea pelo serviço.

Nesta etapa, o trabalho de divulgação da abertura da *Estação Memória* pela imprensa local foi interessante em termos de informar ao público a existência do serviço, provocando uma certa procura de interessados do bairro no projeto. Porém, a investida, já sabíamos, era insuficiente para estabelecer elos mais efetivos com as instituições ligadas à educação da infância e juventude na cidade. Era necessário sensibilizar especialmente educadores para que percebessem e sentissem a importância do novo espaço. Em função disso, desenvolvemos uma série de contatos, considerando que o processo de implantação da *Estação Memória* só se efetivaria a partir do uso que os diferentes segmentos fizessem do serviço.

O contato com as instituições foi iniciado pelas bibliotecas infanto-juvenis e de adultos da rede pública municipal ligadas à unidade na qual está implantado o serviço, bem como pelas escolas públicas e particulares localizadas nas imediações da biblioteca “Álvaro Guerra”. As visitas monitoradas com esses grupos reuniam professores, bibliotecários, funcionários e profissionais de programas especiais em diferentes setores públicos, interessados em avaliar as possibilidades de relação com a “*Estação*”, a partir do enfoque do trabalho desenvolvido nas suas respectivas áreas.

As atividades (inserir fotos) seguiam os mesmos pontos propostos nas visitas monitoradas com os velhos, com a diferença de que os participantes propunham questões tentando apreender o sentido do trabalho.

Porém, se a realização das visitas monitoradas com o segmento

profissional no primeiro momento da abertura foi uma estratégia de resultados positivos em termos de divulgação imediata, mostraram-se insuficientes para estabelecer vinculações mais estreitas, capazes de fazer progredir as relações inter-institucionais necessárias à realização do trabalho educativo proposto pela *Estação*. A perspectiva de introduzir uma outra natureza de conteúdos, sob novos suportes e modos de relação com o conhecimento -a *experiência*- não estava suficientemente clara e introjetada a ponto de mobilizar os educadores, imediatamente.

Em resposta ao problema, demos início a novo contato com as escolas públicas mais próximas da *Estação Memória*, por meio do contato pessoal e direto. A perspectiva era de que a proximidade favorecesse a continuidade dos trabalhos, condição fundamental à sistematização dos procedimentos nesta primeira etapa, uma vez que, por pressuposto, o nosso objeto de investigação demandaria contatos sucessivos, sobretudo entre crianças e velhos. Os passos para o desenvolvimento do trabalho foram:

a) - seleção das escolas

Escolhemos quatro escolas públicas de primeiro grau, situadas num raio de distância da *Estação Memória* que permitiria o acesso sem, necessariamente, uso de transporte. Coincidentemente, os alunos das escolas freqüentam a biblioteca para a realização de tarefas escolares.

b) - contato com as escolas

Procuramos estabelecer uma comunicação pessoal e direta, apresentando na visita à direção da escola um catálogo artesanal, levado pessoalmente e que apresentava com fotos e legendas o novo serviço que acabava de ser criado. Por ser exemplar único, o catálogo não poderia ser deixado, obrigando que fosse visto em nossa presença.

A situação possibilitava a observação de reações e de possíveis manifestações de interesse, momento em que propúnhamos um encontro de apresentação com os professores.

Do conjunto inicialmente abordado, a EMPG “Olavo Pezzotti” deu espaço à exposição da *Estação Memória* aos professores e funcionários.

Para este momento, preparamos um pequeno histórico sobre o projeto, seus objetivos, um vídeo com *flashes* extraídos dos registros de atividades até então realizadas. Em função das manifestações positivas, iniciamos um programa de visitas dos professores, para o período da “hora-atividade” dos grupos.

As visitas, com dois grupos de 10 e 12 professores de 1ª a 4ª séries, tiveram a duração 1h30', durante as quais foram realizados:

- a) - apresentação do projeto de pesquisa, a partir da exposição *Memórias do baixo-Pinheiros, memórias de vida, memórias da cidade;*
- b) - atividade lúdica baseada na brincadeira denominada “caça ao tesouro”, em que os participantes eram desafiados a descobrir os diferentes elementos (objetos, falas, materiais) da *Estação Memória;*
- c) - discussão das observações dos participantes e perspectivas de realização de um trabalho conjunto.

Como resultado, acertamos dar início ao programa de atividades com uma classe de 3ª série do período vespertino, com alunos em idades entre 9 e 12 anos.

O planejamento das ações foi realizado em conjunto com a professora da classe em encontros preparatórios, nos quais

discutíamos questões ligadas às concepções e procedimentos de trabalho, procurando construir referências comuns entre os dois segmentos (coordenação da escola e equipe da *Estação Memória*). Neste sentido, o processo foi sendo produzido em conjunto, bem como o acompanhamento do desenvolvimento das etapas com as crianças, depois de deflagradas as atividades.

Etapas do processo:

- Criação da expectativa nas crianças

A professora contou às crianças que a escola havia sido convidada a participar de trabalhos com a *Estação Memória* e que a classe tinha sido escolhida para dar início ao programa. Por isso, eles receberiam a visita da equipe para uma conversa.

- Introdução da noção de memória com as crianças

A visita, realizada em sala de aula, foi usada como estratégia para criar vínculos afetivos entre os grupos e trabalhar a noção de memória -do nome, ao ato de lembrar-, de modo a construir com eles algumas referências preliminares, retomadas em etapas posteriores.

A apresentação da equipe aconteceu de forma lúdica, com a realização de jogos de memória <sup>7</sup> e da apresentação da história infantil “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, tratando do tema.

As repercussões do trabalho naquele momento foram significativas, na medida em que as crianças começaram a contar suas lembranças, algumas revelando experiências dramáticas, outros momentos marcantes de alegria. Dado o envolvimento, percebemos que seria importante que as crianças registrassem suas impressões, sob a forma que desejassem. A produção surgiu

---

<sup>7</sup> Realizamos a “brincadeira da força” que consta da descoberta de letras até a formação da palavra oculta

em forma de desenhos, frases e pequenos trechos expressando a busca do significado da memória ou a captura de uma lembrança significativa.

As observações de entusiasmo e interesse geral foram confirmadas pela avaliação objetiva das crianças que pediam a continuidade do trabalho, o mais rápido possível. Em função do resultado das ações, iniciamos a etapa de desenvolvimento de relações com o serviço de informação, a saber:

a) - Conhecimento da *Estação Memória*

A metodologia para a inserção do grupo no espaço e nos demais recursos disponíveis no ambiente foi baseada no uso de recursos da linguagem lúdica, uma vez que as observações da etapa anterior confirmavam a importância do jogo como instrumento de inclusão das crianças no diálogo sobre o tema. Além do estímulo à participação, o uso da brincadeira possibilitou que o tempo e o ritmo das práticas propostas fossem determinados pelo movimento do próprio grupo, observando-se que a surpresa das descobertas é um dado fundamental à manutenção do interesse.

Ao chegarem à biblioteca, as crianças depararam com uma exposição de seus trabalhos realizados em sala de aula, expostos no saguão, ao lado da exposição "*Memórias do baixo-Pinheiros, memórias de vida, memórias da cidade*".



O fato provocou a dispersão física do grupo, até então organizado em fila. Cada um foi logo tentando encontrar o próprio trabalho, comentando e comparando com os companheiros as impressões. Alguns fixavam-se nas fotos, outros tentavam decifrar as falas transcritas nos quadros, outros, ainda, puxavam os colegas para chamar a atenção sobre os materiais produzidos em sala de aula, organizados nos enormes painéis de papel transparente suspensos no teto. A cada momento descobriam algo novo, um elemento

levava a outro, até encontrarem os dois bonecos de pano representando um casal de velhos, em tamanho quase natural que foram beijados e abraçados insistentemente.



O número de trinta e quatro crianças no grupo impedia que as atividades subseqüentes propostas fossem realizadas com todos simultaneamente no espaço da *Estação*, de tal modo que organizamos dois subgrupos para visitas monitoradas alternadas.

Enquanto ocorria a atividade dentro da *Estação Memória*, num outro espaço da biblioteca era realizado um jogo com objetos cotidianos, a partir dos quais as crianças participantes contavam suas lembranças, retomando, em outras circunstâncias, o processo de se perceberem produzindo e expressando suas memórias.

Na visita de apresentação da *Estação Memória*, as atividades foram planejadas para instigar diferentes níveis de relação entre as

crianças e o ambiente. Por princípio, consideramos a necessidade de movimentação, curiosidade, capacidade de apreensão sensível da criança, como elementos de provocação de interações. Por isso, trocamos a explicação pela exploração do espaço, propondo-lhes o “jogo de caça ao tesouro”, por meio do qual tentavam localizar os *tesouros escondidos* nas gavetas, nos livros, nos álbuns, nas fotos, nas fitas e CDs, nos vídeos, no computador, esforçando-se em percorrer com o olhar, com as mãos, caminhando, parando e observando os detalhes para identificar o pedido nos elementos do ambiente. As buscas pressupunham, além da observação de diferentes pontos e do manuseio dos objetos, que as crianças conversassem com os monitores, pedindo explicações para localizar os alvos desejados. Vendo, sentindo, pegando, lendo, falando, ouvindo, cheirando, as crianças foram elaborando suas impressões, à sua maneira e possibilidade, contando aos outros, na etapa final da visita, o resultado das descobertas.

#### b)- Relação com a memória registrada

O grupo de alunos vinha desenvolvendo, em classe, um trabalho de (re)conhecimento do espaço público aonde vivem e dos meios de transporte atuais. Nas negociações para realização do trabalho com a classe, tínhamos decidido trabalhar com as memórias de velhos a partir de determinadas temáticas em desenvolvimento em sala de aula, resgatando, sob novos enfoques questões com as quais os meninos e meninas vinham lidando.

Neste sentido, realizamos um encontro para que o grupo conhecesse alguns depoimentos sobre o bairro de Pinheiros em tempos antigos, para que conhecessem episódios sobre o bonde, os passeios de barco, as caminhadas...

Nos relatos, sobretudo aqueles da primeira fase do projeto,

entre 1992-1996, havia muitas referências ao espaço urbano e aos recursos do rio Pinheiros. Deles, extraímos pequenos trechos, juntando-os num mesmo documento trabalhado com as crianças. Depois da escuta, as crianças saíram a campo observando as diferenças entre o que viam nas ruas hoje e o que contavam os relatos, iniciando-se, deste modo, a preparação para o contato direto entre as crianças e os velhos, alguns dos quais tinham dado os testemunhos.

c)- Preparação para a relação direta com os idosos

A relação direta entre os velhos e as crianças exigiu preparação preliminar de ambos os lados. As diferenças físicas e etárias indicavam a necessidade de *mediações* no sentido de aproximar, por outros atalhos, as distâncias produzidas pelo tempo, exigindo, algumas, competências de ambos os lados que viabilizassem a comunicação.

Alguns velhos falam baixo, muitos não ouvem bem, não suportam muito barulho, movimentam-se com dificuldade e desequilibram-se facilmente diante de movimentos bruscos.... As crianças, ao contrário, falam alto, gritam, fazem barulho, pulam, correm, e, às vezes, tornam-se incontroláveis quando se juntam em grupos...

Segmentos em estágios físico-biológicos completamente distintos, eles tinham em comum, porém, a vontade de se encontrarem para conversar: as crianças pediam o encontro com os velhos para perguntar detalhes ou tirar dúvidas sobre os depoimentos gravados, sobre coisas que imaginaram ouvindo as histórias; os velhos, por sua vez, queriam conhecer as crianças e (re)contar a elas as inúmeras lembranças da infância, da juventude e sobretudo, o que também pensam hoje.

A partir destas expectativas, realizamos um encontro com os velhos, potencialmente disponíveis para o contato com as crianças, no intuito de perceber aspectos e dificuldades que pudessem ajudar a propor um modo adequado ao desenvolvimento da atividade e, especialmente, resgatar lembranças a partir de pontos que haviam instigado a curiosidade das crianças.

Com os alunos, de outro lado, criamos uma situação em que cada um seria um repórter da *Estação Memória*, registrando informações ditas pelos velhos, a partir das quais fariam um grande painel com os trechos e frases anotados. Como se tratava de uma surpresa para os idosos, a produção do painel era o “nosso segredo”, motivo pelo qual as palavras deveriam ser escutadas e anotadas, sem as quais o trabalho não poderia ser realizado. Lembrando a exposição elaborada para a apresentação da sua produção em sala de aula, propusemos às crianças que criassem, elas próprias, um instrumento para mostrar os velhos *sob as suas perspectivas*.

A incumbência do trabalho criava a necessidade de estabelecer regras para o diálogo entre as partes, de modo a que todos pudessem perguntar e escutar as respostas, anotando-as em seguida. As crianças e os monitores estabeleceram e confirmaram alguns procedimentos para a ordem das falas e perguntas, deixando a professora incumbida de dar a palavra aos entrevistadores, segundo a ordem de inscrição dos pedidos.

#### d)- Encontro entre gerações

Participaram do 1º encontro quatro idosos que, após os momentos iniciais de certa preocupação, foram encontrando jeitos próprios de se relacionar com os meninos e meninas.



A conversa começou com as crianças, perguntando a respeito das brincadeiras que os velhos mais gostavam na infância, sobre os passeios e sobre o trabalho. Estes respondiam, mas acrescentavam novas informações, um deles desviando das perguntas para introduzir a leitura de poesias. (especialidade do “tio Anor”).

A sistemática funcionou exemplarmente e, após uma hora, aproximadamente, as crianças retiraram-se da sala para a composição do painel, enquanto os velhos continuavam a conversar com alguns observadores da atividade.

Terminado o trabalho, as crianças “invadiram” a sala e tomando-os pelas mãos levaram-nos ao saguão para ver o painel. Juntos, liam as frases interessantes e engraçadas, rindo dos desenhos que representavam os entrevistados quase como personagens de uma história que tinham construído juntos. Nos textos e nas imagens, as

crianças deixavam seus traços, carregados pelas impressões que as vozes, os corpos, a alegria, o carinho e as histórias haviam produzido...

A experiência não apenas mostrava, mas deixava escancarada a importância da relação viva dos velhos com as crianças, (re)criando com eles as memórias das memórias, num circuito em que as *experiências* voltavam a circular publicamente, disponíveis ao jogo de significações entre os interlocutores.

Se o contato com os depoimentos por meio dos registros em fita cassete e CDROM ou de trechos transcritos das falas tornava possível conhecer as histórias de vida daqueles que construíram a cidade, o encontro entre gerações avançava, efetivamente no sentido de refazer os elos de comunicação entre os dois segmentos –passado e futuro- a partir da (re)significação das *experiências* de vida no presente.

e)- Continuidade da conversa

O encontro entre os velhos e as crianças havia significado um momento importante no processo de reconstrução do diálogo entre essas pessoas de idades diferentes. Porém, a repetição dos procedimentos, mostrava-se funcionalmente inviável, dadas diferentes dificuldades, a saber:

- o deslocamento dos idosos, pelo menos duas vezes dentro do processo, exigiu muita disponibilidade da família ou, como ocorreu certos casos, da equipe de pesquisadores que se encarregou do transporte de alguns;
- o deslocamento das crianças da escola significou alteração das rotinas de sala de aula, exigindo procedimentos especiais, desde a autorização da família para a saída durante o horário

das aulas à reorganização do planejamento do professor, que, às vezes tinha que alterar calendários previamente estabelecidos.

Os empecilhos de ordem prática apontavam a necessidade de alternativas que possibilitassem a continuidade do processo comunicativo entre os grupos, suplantando as dificuldades apresentadas. O passo seguinte será, portanto, a criação de formas que viabilizem novos encontros.

Dos encontros realizados, surgiu a atividade de elaboração de **cartas aos velhos**, integrada à prática pedagógica em sala de aula, dentro do programa curricular previsto, como forma de não interromper as conversas iniciadas na etapa anterior, visivelmente interessantes para ambos os lados.

A receptividade da professora para a atividade foi imediata, apesar da sua preocupação com as dificuldades de escrita do grupo. Porém, a questão foi tomada como desafio, e em função disto, procuradas alternativas que facilitassem o trabalho de produção e a qualidade dos textos das crianças.

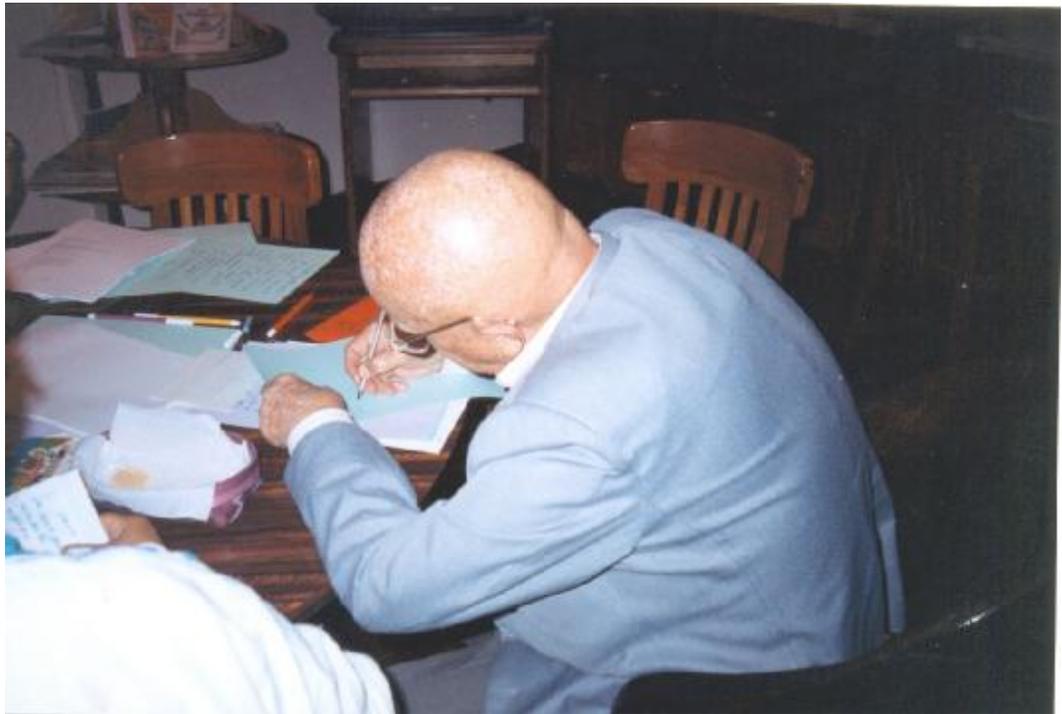
Como o programa escolar prevê aulas de aprendizado de informática, sugerimos que as crianças pudessem trabalhar as produções no computador, apresentando suas cartas numa linguagem contemporânea que os identifica. Dessa forma, escrever passaria a ter a função imediata de comunicação com os idosos que eles tanto gostaram, ao mesmo tempo em que correção da linguagem passaria a ser uma necessidade explicável, tendo em vista a compreensão dos textos pelos velhos. A iniciativa representava um avanço considerável nas práticas de produção escrita das crianças, na medida em que em produções anteriores na escola, as crianças acabavam escrevendo cartas para alguém

imaginário ou com quem poderiam conversar diretamente.

Para a professora, orientar a atividade durante a aula de informática foi interessante porque as incorreções podiam ser imediatamente vistas e acertadas, sem o devido trabalho manual e cansativo de ter que refazer tudo de novo e dispor de uma situação concreta em que o sentido da escrita podia ser explorado.

O tema das cartas surgiu mais ou menos espontaneamente. (inserir reproduções impressas das cartas originais). As crianças tinham acabado de fazer um estudo do meio proposto pela escola ao Parque Previdência. Alí, a natureza e os espaços para as brincadeiras lembraram as histórias contadas pelos velhos no encontro na *Estação Memória*, gerando, facilmente a vontade de relatar a experiência do passeio. Em textos curtos, as crianças revelavam o que para cada uma marcara o encontro com os velhos e, sobretudo a afetividade das trocas entre eles, mescladas às percepções e registros da visita ao parque [Anexo 7].

Os velhos, ao receberem as correspondências, espantaram-se ao ver a forma das cartas, estranhando o “manuscrito” das novas gerações. O novo estilo de escrita, o novo visual de texto impresso parecendo mais “coisa pronta”, muito diferente dos conhecidos padrões de cartas escritas à mão, não impediram que os destinatários se emocionassem com as cartas e se lançassem também ao contato escrito...



... enviando belas e afetuosas cartas às crianças: a *experiência* reencontrava canais de expressão e de circulação. As tramas da memória podiam ser reatadas. [Anexo 8]

Nesse sentido, os esforços para a apropriação do serviço mostraram-se efetivos e especiais, da mesma forma que a condição dialógica das práticas culturais desenvolvidas. Os serviços de informação demandam estratégias de apropriação, especialmente desenvolvidas da mesma forma que enfoques dinâmicos para poderem se renovar, bem como as práticas interativas que propõem, bem como as relações que propõem aos diferentes atores que com eles se relacionam. Talvez, nessas condições, a *mediação* poderá ser ato de expressão, práxis verdadeiramente criativa e criadora

## Considerações finais

A realização do trabalho possibilitou detectar e experimentar categorias que apontamos como essenciais, embora não exaustivas, à mudança de paradigma da *mediação* cultural.

O processo demonstrou que, na perspectiva proposta pela pesquisa, a *mediação* exige implicação efetiva do *mediador* com a **matéria** de que se ocupa. Conhecê-la “de dentro”, ter domínio de conteúdos e formas é condição essencial ao trabalho.

A investigação fez ressaltar, também, a importância da **linguagem** na definição dos processos de *mediação*, apontando sua dimensão não como mero suporte de informações, mas, ela própria sua sintaxe, ritmos, interações, uma **matéria**. Não é indiferente narrar ou descrever (Lukács), não é indiferente linguagem escrita, oral ou audiovisual.

O uso de **tecnologias** na *Estação Memória* demonstrou sua força nos processos de *mediação cultural*. Agilizando, facilitando, por vezes sofisticando procedimentos, as **tecnologias** não se destinam apenas a modernizar e tornar eficientes e rápidas as relações entre atores e matéria. Constituem-se, sobretudo, em linguagens, cuja natureza e códigos exigem o desenvolvimento de capacidades do “saber escutar”, -sabedoria que diminui as chances de submissão do *humano* à *técnica*- para poder tornar-se aliada na “luta” pela inserção da *experiência* no mundo moderno.

A **estética** é categoria que a *mediação cultural* dinâmica necessita desenvolver, uma vez que cria e renova significações por meio de

propriedades que atuam sobre esferas sensíveis fundamentais.

O trabalho apontou o papel fundamental do **grupo**, em diferentes aspectos. Enquanto prática desenvolvida em ambientes de informação e cultura especializados, a *mediação* tem que considerar as “histórias” institucionais, dos grupos da instituição, a comunidade com que trabalha, articulando-se às suas dinâmicas e modos de expressar, como forma de desenvolver instrumentos de **apropriação** dos serviços e da matéria que disponibilizam, bem como das novas relações socioculturais e políticas que propõem. A *mediação* supõe sempre um “outro”, portanto, o **grupo** em suas interações.

**Espaço-tempo/tempo-espaço**, eis o território do *mediador*. Um tempo e um espaço presentes, concretos, que se fazem na/pela (re)significação de tempos-espaços passados, tendo em vista a projeção de espaços-tempos futuros. O *mediador* tem que considerar, conhecer, construir formas de intervenção no “**tempespaço**” institucional e do meio em que atua (micro e macro), traduzindo seus movimentos, ritmos, pausas, sabendo escutá-los, preparando novos tempos e espaços. A *mediação* como trabalho especializado, em acordo com o paradigma proposto, pressupõe **intencionalidade**, traduzida em estratégias específicas, ações que se oponham ao espontaneísmo, ao ativismo como forma de práxis.

O *mediador cultural*, portanto, nesta perspectiva, precisa estar em permanente diálogo com a *memória* do “outro” e de si mesmo, com seus conteúdos e formas, vivenciando, experimentando, buscando construindo um saber essencial ao desenvolvimento da práxis criativa e que Benjamin chamou de **experiência**.

A participação na construção da *Estação Memória*, ao permitir a reunião entre um serviço e a universidade, instituiu um modo de

trabalhar, conjugando **teoria e prática**. A mediação nos termos propostos, demanda, portanto, um modo de fazer não-espontaneísta, nem ativista, em que o mediador coloque em relação dinâmica estas duas naturezas de trabalho, gerando uma nova práxis profissional. A mediação, portanto, enquanto prática profissional especializada requer procedimentos complexos e específicos, face às dificuldades próprias da cultura no mundo contemporâneo.

Elencando essas categorias me vem à lembrança o percurso efetuado. À medida que eu realizava o trabalho, eu me refazia, distanciando-me, aproximando-me de mim mesma. Recuperava registros pessoais, esquecia, lembrava, destruía marcas, construía outras. Eu dava forma ao trabalho. Ele criava novas formas em mim. *Lembrar, ao aparecer inscrito num projeto de expressão, é forma de antecipar, projeto.*

## Bibliografia

- ADES, C. Múltipla memória. *Psicologia Usp: Memória*. v.4, n.1/2, 1993, p.9-24.
- ANDRADE, Mário. Bibliotecas populares. *Revista do Livro*, v.2, n.5, p.7-8, 1957.
- ARENDT, H. *A condição humana*. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1993.
- ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. 3.ed. São Paulo : Perspectiva, 1992. (Debates. Política, 64)
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro : Zahar, 1978.
- BAJARD, Eli. *Ler e dizer: compreensão e comunicação do texto escrito*. São Pulo : Cortez, 1994.
- BARTHES, R. *Le plaisir du texte*. Paris : Seuiel, 1973.
- BARTHES, R. *Aula*. São Paulo : Cultrix, 1969.
- BARTHES, R., COMPAGNON, A. Leitura. In: *ENCICLOPÉDIA Einaudi*. [s.L.] : Imprensa Nacional : Casa da Moeda, 1987. v.11, p.184-206.
- BARTHES, R., MARTY, E. Oral/escrito. In: *ENCICLOPÉDIA EINAUDI*. [s.L.] : Imprensa Nacional : Casa da Moeda, 1987. v.11, p.33-57.
- BENJAMIM, W. *Magia e técnica, arte e política*. 6.ed. São Paulo ; Brasiliense, 1993. (Obras escolhidas, 1)
- BENJAMIN, W. O que os alemães liam, enquanto seus clássicos escreviam. In: \_\_\_\_\_. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. São Paulo : Cultrix/EDUSP, 1986. p.63-84
- BERGSON, H. L. *Matière et mémoire*. Paris : Alcan, 1986.
- BETTELHEIN, B. *La lecture et l'enfant*. Paris : Robert Lafond, 1983.
- BETTELHEIN, B. *O coração informado: autonomia na era da massificação*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1985.

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo : T.A. Queiroz, 1979.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo : Brasiliense, 1987.
- CHARTIER, A., HÉBRARD, J. *Discursos sobre a leitura: 1880-1980*. São Paulo : Ática, 1995. (Múltiplas escritas).
- DE DECCA, Edgard. *O silêncio dos vencidos*. São Paulo : Brasiliense, 1984.
- DOLTO, Françoise. *L'enfant dans la ville*. Nice : Z'édicions, 1987.
- EISENSTADT, S. N. *De geração a geração*. São Paulo : Perspectiva, 1976.
- ERIKSON, E. *Childhood and society*. Londres [s.n.t.] 1950.
- ESCARPIT, R. *L'écrit et la communication*. Paris : PUF, 1973. (Que sais-je?)
- ESCARPIT, R., BARKER, R.E. *A fome de ler*. Rio de Janeiro: FGV/INL, 1975.
- FLORÈS, C. *La mémoire*. Paris : PUF, 1972.
- FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1993.
- FREIRE, P. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo : Autores Associados : Cortez, 1985.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1979.
- GAGNEBIN, J. M. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo : Perspectiva, 1994.
- GAGNEBIN, J. M. Prefácio: Walter Benjamin ou a história aberta. In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. 6.ed. São Paulo : Brasiliense, 1993. p. 7-19. (Obras escolhidas, 1)
- GAGNEBIN, J. M. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*.

- Rio de Janeiro : Imago, 1997.
- GOODY, J. Mémoire et apprentissage dans le sociétés avec et sans écriture: la transmission du Bagre. In: *L'homme*, 17, p.29-52, 1977.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo : Vértice – Ed. Revista dos Tribunais, 1990. (Biblioteca Vértice. Sociologia e política).
- HOGGART, R. *La culture du pauvre*. Paris : Les Editions de Minuit, 1970.
- HOGGART, Richard. *La culture du pauvre*. Paris : Les Editions de Minuit, 1970.
- INWOOD, M. Dicionário Hegel. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1997. (Dicionários de filósofos)
- JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e linguagem*. Campinas : Papyrus, 1994.
- JOUTARD, Philippe. *Ces voix qui nous viennent du passé*. Paris, 1983.
- LALANDE, A. Vocabulário técnico e crítico da filosofia. São Paulo : Martins Fontes, 1996.
- LE GOFF, J. Memória. In: GIL, F., org. *Memória – história*. Porto, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. p.11-50. (Enciclopédia Einaudi, 1)
- LINDEKENS, René. *Texte, image et société*. Paris : Aux Amateurs de Livres, 1991.
- LOPES, Maria Immacolata Vassalo. *Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico*. São Paulo : Loyola, 1994.
- LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. *Estudos Históricos*, v.2, n.3, 1989, p.16-28.
- MEUDLERS, M., BRION, S., LIEURY, A. Mémoire. In: *Encyclopédia Universalis France*, v.10, p.785-91. Paris : PUF, 1971.
- MISHLER, Elliot. *Research interviewing: context and narrative*. Cambridge, Mass. : 1986.

- MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória*. São Paulo : Cortez, 1992.
- MORA, J. F. Dicionário de filosofia. Ed. abrev. Lisboa : Dom Quixote, 1982.
- OLIVEIRA, M. K de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento , um processo sócio-histórico. São Paulo ; Martins Fontes, 1993.  
(Pensamento e ação no magistério)
- OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo : Ática, 1995.
- PALMER, J. W. Multimedia oral history projects in public libraries. A sampling of successful ventures. *Public Library Quarterly*, v.4, n.3, p. 47-62, Fal. 1983.
- PERROT, Jean. *Du jeu, des enfants et des livres*. Paris : Cercle de la librairie, 1987.
- PERROTTI, E. A cultura das ruas. In: PACHECO, Elza Dias (org.). *Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil*. São Paulo : Loyola, 1991. p.21-28.
- PERROTTI, E. A leitura como fetiche. *Leitura: teoria e prática*, Campinas, v.5, n.8, p. 21-8, Dez. 1986.
- PERROTTI, E. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo : Summus, 1990. (Novas buscas em educação, 38).
- PERROTTI, E. Station Mémoire da São Paulo. *Lignes d'écritures*, n.6, p.5-8, 1998.
- PERROTTI, E.. A cultura das ruas. In: PACHECO, Elza Dias (org.). *Comunicação, educação e arte na cultura infanto-juvenil*. São Paulo : Loyola, 1991. p.21-28.
- PINO, A. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel no psiquismo humano. PINO, A., GOÉS, M.C., orgs. *Pensamento e linguagem: estudos na perspectiva da psicologia soviética*. Campinas : Centro de Estudos Educação e Sociedade, 1991. p.32-43. (Cadernos Cedes, 24)
- POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

- POLLAK, M. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos históricos, v.2, n.3, 1989, p. 3-15.
- PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. *O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo : DPH, 1992.
- RAMBALDI, E. Mediação. In: GIL, F., org. *Dialéctica*. Porto : Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988. p.143-174. (Enciclopédia Einaudi, 10)
- RATNER, C. *A psicologia sócio-histórica de Vygotsky: aplicações contemporâneas*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.
- SCHMIDT, M. L. S., MAHFOUD, M. Halbwachs: memória coletiva e experiência. *Psicologia Usp: Memória*, v.4, n.1/2, 1993, p.285-298.
- SCHONEN, S. de. *La mémoire: connaissance active du passé*. Paris-La Haye : Mouton, 1974.
- SENNET, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.
- THINES, G., LEMPEREUR, A. Mediação. In: *Dicionário geral das Ciências Sociais*. Lisboa : Ed. 70 /s.d./
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo : Cortez, 1985.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.
- VIGNER, G. *Lire: du text au sens*. Paris : Cle Internacional, 1979.
- VIGOTSKY, L. S. *a formação social da mente*. São Paulo : Martins Fontes, 1984.
- WALLON, H. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa : Estampa, 1979.
- ZUMTHOR, P. *A letra e a voz*. São Paulo : Companhia das Letras, 1993.

# **ANEXOS**

## ANEXO 1

# Lignes d'écritures

4ème trimestre 1998

*Du côté des écrits de jeunes*

*Dossier Loire : vers les  
Rencontres nationales du  
Chambon-Feugerolles*

*São Paulo : la Station  
Mémoire (suite)*

*L'Amour et la Lettre*

*Histoire, mémoire et  
paysage*

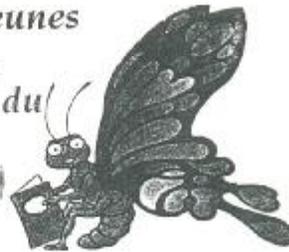
*Impressions d'Afrique*

*Les Éditions Guénolé*

*La Toile*

*Nadine Beillaud a  
rencontré Michel  
Tournier*

*Cultures populaires  
et oralité*



N° 9

Rénadej

50 F

## **ANEXOS 2**

# PROJETO "ESTAÇÃO MEMÓRIA" - 1995

## FICHA DO ENTREVISTADO

NOME: \_\_\_\_\_.

DATA DE NASCIMENTO: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_. ANO DE CHEGADA AO  
BAIRRO \_\_\_\_\_.

ORIGEM: CIDADE \_\_\_\_\_; REGIÃO \_\_\_\_\_; PAÍS \_\_\_\_\_.

ATIVIDADES PROFISSIONAIS \_\_\_\_\_.

CÔNJUGE: \_\_\_\_\_; IDADE: \_\_\_\_\_.

ORIGEM: \_\_\_\_\_; ATIVIDADE PROFISSIONAL \_\_\_\_\_.

PAI: \_\_\_\_\_; ATIV. PROF.: \_\_\_\_\_.

MÃE: \_\_\_\_\_; ATIV. PROF.: \_\_\_\_\_.

ORIGEM PAI: \_\_\_\_\_; ORIGEM MÃE : \_\_\_\_\_.

ENDEREÇO DO ENTREVISTADO: \_\_\_\_\_.

BAIRRO: \_\_\_\_\_; CEP: \_\_\_\_\_; TELEFONE: \_\_\_\_\_.

IRMÃOS VIVOS: \_\_\_\_\_; NOMES: \_\_\_\_\_.

## DADOS SOBRE A ENTREVISTA

DATA: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_. LOCAL \_\_\_\_\_.

HORÁRIO: DAS \_\_\_\_\_ ÀS \_\_\_\_\_. No. DE FITAS \_\_\_\_\_, MINUTOS \_\_\_\_\_.

ENTREVISTADOR: \_\_\_\_\_, ACOMPANHANTE \_\_\_\_\_.

OBSERVAÇÕES: \_\_\_\_\_.

## INDICAÇÕES DO ENTREVISTADO

NOME: \_\_\_\_\_; FONE \_\_\_\_\_.

TIPO DE RELAÇÃO COM O ENTREVISTADO: \_\_\_\_\_.

NOME: \_\_\_\_\_; FONE \_\_\_\_\_.

TIPO DE RELAÇÃO COM O ENTREVISTADO: \_\_\_\_\_.

NOME: \_\_\_\_\_; FONE \_\_\_\_\_.

TIPO DE RELAÇÃO COM O ENTREVISTADO: \_\_\_\_\_.

Ficha preliminar de entrevista

Ficha (modelo) de autorização

AUTORIZAÇÃO

*Eu, \_\_\_\_\_  
RG. \_\_\_\_\_, residente \_\_\_\_\_  
num. \_\_\_\_\_, nesta capital, autorizo a publicação parcial  
ou total da entrevista por mim concedida ao projeto "Estação Memória",  
criado e coordenado pelo Prof. Dr. Edmir Perrotti do PROESI -Programa  
Serviços de Informação em Educação-do Depto. de Biblioteconomia e  
Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP, realizada no  
dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.*

*Com citação do meu*

*nome \_\_\_\_\_ (Ass.)*

*Sem citação do meu*

*nome \_\_\_\_\_ (Ass.)*